

MARE ATLANTI  
SAMUEL BENCHIMOL  
CVM seu

DEL  
NORD  
Magnus Ama:

O CEARENSE  
NA AMAZÔNIA

Inquérito Antropogeográfico  
Sôbre um Tipo de Imigrante



RE SPVEA  
Coleção ARAUJO LIMA  
GNVM

1575  
Comp.

Ypiranga  
0691  
C

Matheus fo.

SEC-39592  
-1.733-

Seção de Documentação e Relações Públicas

Av. Franklin Roosevelt, 39 - 8.º andar

Rio de Janeiro - GB

1965

SAMUEL BENCHIMOL

# O CEARENSE NA AMAZÔNIA

Inquérito Antropogeográfico  
Sôbre um Tipo de Imigrante

Bt. Máno Ypiranga Monteiro  
Manaus Amazonas

1575  
Comp.



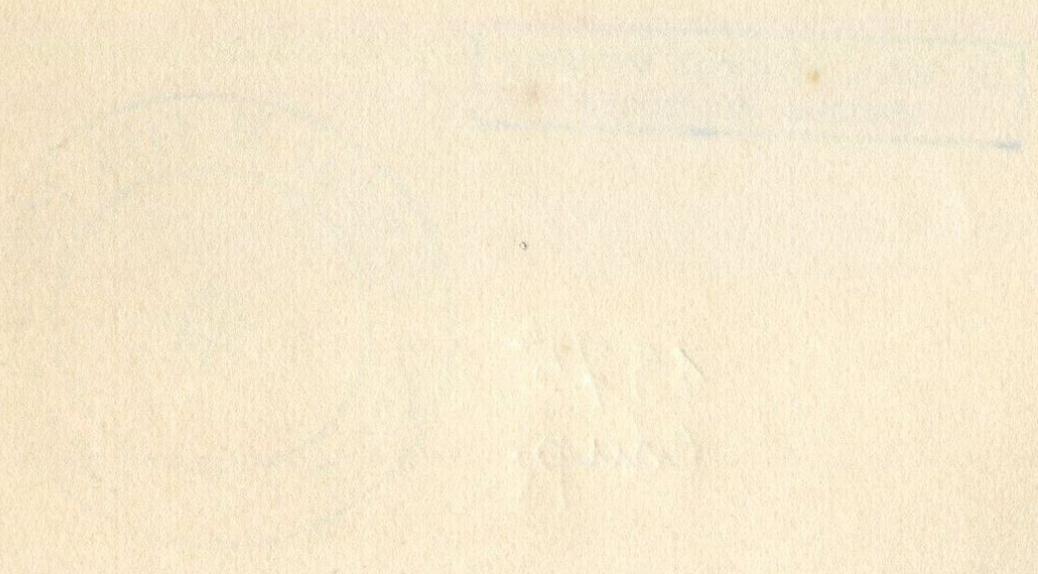
AmM  
305.9069J  
63457e

SPVEA  
Coleção ARAUJO LIMA

Bt. Mário Ypiranga Monteiro  
Registro: 00154  
Folha:  
Data:

REPUBLICA DE SÃO PAULO  
ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DE AGRICULTURA  
E PASTORIL



154

## PREFÁCIO À 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

*Vinte anos passaram-se desde a apresentação do “Cearense na Amazônia” ao X Congresso Brasileiro de Geografia realizado em 1944.*

*Grito de alerta e apêlo à consciência nacional, partido de um jovem estudante de vinte anos, o seu mérito foi o de revelar, através da pesquisa documentada, o drama do nordestino imigrante em terras da Amazônia, projetando, ao mesmo tempo, o grave problema de sua ocupação e posse naqueles dias incertos e turbulentos da Segunda Guerra Mundial.*

*A generosa acolhida que teve por parte dos geógrafos brasileiros e pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, que o publicou, naquela altura sob a dedicada direção de Arthur Neiva, demonstra a importância e a oportunidade do tema, a despeito das falhas e da inexperiência do autor.*

*Nesse ínterim, a problemática do Nordeste e da Amazônia foi revista e dimensionada em termos nacionais. A nação deixou-se sensibilizar pelo drama das populações nordestina e amazônica, substituindo a anterior ação política paternalista de caráter episódico e emergencial por uma nova reformulação, através da SUDENE e SPVEA, com vistas à promoção do desenvolvimento, em bases permanentes e objetivas, e a sua integração ao espaço econômico e social da nação brasileira*

*Muito embora seja ainda prematuro o julgamento e avaliação dos resultados dessa ação, pelo menos na Amazônia, ela se tem revelado, desde o início, de forma insuficiente e inadequada, na ausência de uma política consistente de imigração e ocupação da terra. Essa omissão é responsável pela manutenção da atual estrutura demográfica incapaz de atender, através do escasso crescimento vegetativo da gente amazônica, a necessidade inadiável de ocupação humana da área. Esta carência contribui, por sua vez, para perpetuar o sistema social e econômico da região, constituindo-se no elo mais forte da cadeia do subdesenvolvimento.*

A última experiência imigrantista, a despeito de todos os seus erros e fracassos, realizada com os "cearenses", nos meados da década dos anos 40, sob a pressão da economia de guerra e da batalha da borracha, documentada neste trabalho, adquire, assim, excepcional importância, no momento em que necessitamos dar partida a uma nova investida para a conquista da Amazônia. A validade daquele apêlo à consciência nacional, formulado há duas décadas, continua atual. Necessitamos, novamente, sensibilizar a nação brasileira para encarar, com a gravidade e a importância necessárias, o problema da ocupação da Amazônia, que representa dois terços do território nacional e constitui a vigésima parte da superfície terrestre.

Relutei à idéia da publicação desta 2.<sup>a</sup> edição. É que muitas das interpretações nêle contidas estão já superadas. Como trabalho de pesquisa, porém, possa, talvez, despertar algum interesse, servindo como testemunho e documentário de uma fase dolorosa de improvisação de nossa política imigratória. Os tipos psicológicos e os instantâneos aqui retratados e fixados, com tôdas as suas esperanças e frustrações, surpreendidas através dos inquéritos e entrevistas, talvez tenham ainda um valor permanente e sirvam de exemplos para modelar a futura ação política, evitando-se os erros do passado.

Por êste motivo, quando Leandro Tocantis, Representante do Govêrno do Amazonas no Rio de Janeiro solicitou-me permissão para publicar esta nova edição, com o patrocínio do General Mário Cavalcanti, superintendente do PVEA, o primeiro profundo conhecedor e intérprete ilustre da problemática e da consciência amazônicas, o segundo, administrador consciente e sensível a essa mesma problemática, resolvi aceder na esperança de que êste trabalho possa servir àqueles objetivos. Apenas não pude atender ao pedido de fazer uma completa revisão. É que o "Cearense na Amazônia", como obra de estreia de um jovem de vinte anos não poderia resistir à censura implacável dos anos da maturidade.

Manaus, Janeiro de 1965.

SAMUEL BENCHIMOL

# O CEARENSE NA AMAZÔNIA

PARECERES APRESENTADOS A 5.<sup>a</sup> COMISSÃO TÉCNICA DO DÉCIMO CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA SOBRE O TRABALHO DO SENHOR SAMUEL BENCHIMOL, INTITULADO "O CEARENSE NA AMAZÔNIA — INQUÉRITO ANTROPOGEOGRÁFICO SOBRE UM TIPO DE IMIGRANTE".

Parecer do doutor

OSWALDO GOMES DA COSTA MIRANDA

Primeiro Relator

*É confortador observar que dia a dia se alarga e fortalece o movimento que nos leva à contemplação serena da realidade nacional, Saímos da exaltação ingênua que nos fazia vibrar nos lampejos do ufanismo enganador; libertamo-nos da fraqueza doentia que nos dosava o fel da amargura nos episódios do pessimismo contagiante. Olhos postos na linha do horizonte, buscando vislumbrar os primores das plagas longínquas, havíamos perdido, qual alheamento malsão e grotesco, a própria imagem do ambiente que nos circundava e, quando chamados ao ramerrão dos flagrantés, rompendo o enleio da sedução, crescíamos no arroubo das exagerações encomiásticas ou tombávamos na miséria das lamentações retaliadoras. Oito ou oitenta. Nada de meios têrmos, êstes apenas se entremostravam na doçura da meninice, amenizando a evocação piegas do torrão natal.*

2. *A tese do Sr. Samuel Benchimol, e o patronímico fortemente cheira a advena, é bem um testemunho da reação que se avanta e generaliza para a felicidade nossa. Residindo em Manaus, mais que isso, familiarizado com a campanha pela posse da seringa — “ .. foi o meu bondíssimo pai, com a sua rica experiência, através 25 anos de luta nos seringais do Amazonas, que me sugeriu os principais temas” fls. 74 — julgou, e julgou com acêrto, que não devia perder a oportunidade para fixar, sem artificios, porém, chã e espontânea, a ação do nordestino na lenta jornada dos sóis no encantamento rude da bacia soberba e misteriosa. Não estavam as exigências da guerra a solicitar novos e crescentes suprimentos? Não criara a insídia do golpe japonês uma situação de aterradora premência? Não tangiam os agentes do govêrno levas e levas de voluntários que, devassando o segrêdo da floresta verdeneira, sangrassem a árvore para atender aos reclamos da indústria e atenuar os malefícios do nipônico? Então, por que ficaria de braços cruzados, mudo e quedo?*

3. *Homem do rio, guardando na memória a frase de Osório de Andrade — “Essa Amazônia prodigiosa, atordoante, nunca inspirou amor. Só cupidez” — cumpria-lhe receber o homem da sêca. Não com a frieza de gestos em que o ressentimento se esgueira, mas com a afetividade da compreensão de quem acolhe o companheiro que chega para a lide de que*

voltará se “o destino permitir e a sorte também”. Que faz? Trocando a meditação no silêncio do gabinete pelo burburinho no tumulto dos contatos, ouviu “cearenses radicados ou transumantes, residentes ou de passagem aos seus destinos”, enfim, “velhos seringueiros e veteranos da guerra do Acre” ou “aventureiros e trabalhadores”, sem esquecer “patriarcas e malandros”, nem desdenhar “mulheres e curumins”, formando uma rica e variada coletânea que, a par do farto material que representa, aliás, interpretado com prudência e discernimento, contém e afirma um sadio espírito de brasilidade a pautar e conduzir na sucessão dos escalões os bravos e anônimos desbravadores que se empenham na progressão admirável que amplia e consolida a obra de penetração e conquista do vale hostil e portentoso. Não falta a gabolia a dizer: “Com gororoba no bucho, pau de fogo nas costas e faca de ponta na cinta, chamo qualquer bôca de fera”. Não falta a ambição a morder: “Eu aguento firme até enricar”. Não falta o fatalismo a aquistar: “Eu vim porque o meu destino era êsse mesmo”. Não falta a ventura a espicaçar: “Me deu appetite de conhecer o Amazonas; sou um cabra de pé solto”. Mas, sobretudo, não falta o apêgo ao solo pátrio, chamego o batiza o autor na linguagem pinturesca, apêgo que se sintetisa na singela homenagem que velho e alquebrado seringueiro presta à figura máscula de Plácido de Castro: “Era um homem como poucos; assisti êle mandar uma sentinela abrir a própria sepultura porque deixara passar um inimigo pelo seu pôsto!”.

4. O relator, agradecendo a honra da escolha, opina.

que a Comissão recomende a publicação integral na tese n.º 104 — “O cearense na Amazônia — Inquérito antropogeográfico sôbre um tipo de imigrante”, apresentada pelo Sr. Samuel Benchimol, visto que merece figurar nos Anais do Décimo Congresso Brasileiro de Geografia, conferindo-se-lhe um voto de louvor.



Parecer do doutor

PÉRICLES MELLO DE CARVALHO

Segundo Relator

Senhor Presidente da 5.ª Comissão Técnica.

Ao terminarmos a leitura da tese “O cearense na Amazônia — inquérito antropogeográfico sôbre um tipo de imigrante”, confessamos com a mais viva satisfação, o encantamento que nos proporcionou êsse trabalho pelo seu alto valor sociológico e pela sua principal qualidade de trabalho construtivo de sadio patriotismo.

Seu autor iniciou com rara habilidade um estudo de natureza antropogeográfica, revelando a par de sua cultura e erudição, uma profunda acuidade intelectual com a qual penetrou nos complexos problemas psico-sociológicos do tema que escolheu para sua tese.

Reputo, sem favor algum, sua obra, e nisso estou de pleno acôrdo com o relator, Dr. Costa Miranda em seu brilhante parecer, que essa tese merece um destaque especial, como uma das maiores contribuições oferecidas ao X Congresso Brasileiro de Geografia.

Vasada num estilo de linguagem sã e pura, evitada da modéstia que só realça a competência e erudição do autor, sem sacrificar, como bem diz, "uma frase de rico significado sociológico, embora bárbara, por uma conveniência gramatical ou de estilo", a tese apresentada reproduziu com fidelidade e honestidade, em sua linguagem policrômica, o aspecto mais típico e característico da migração nordestina da Amazônia, focalizando os temas e analisando os fatos, com a segurança e o equilíbrio de um sociólogo veterano, com a firmeza de um pensador esclarecido e, sobretudo, com o patriotismo do brasileiro que pesquisa um problema nacional para dêle tirar as causas e os traços que definem e fixam a grandeza da alma brasileira, a pujança de seu povo e a sublimidade de sua expressão humana.

Nem os paradoxos desconcertantes das observações parciais generalizadas, nem a exaltação falsa dos fenômenos sociais, ou a depreciação derrotista das fraquezas dos elementos humanos, olhados pelo prisma miópico dos derrotistas ignorantes, podem ser de leve observados.

Os traços fortes de seu trabalho estão decalcados com justeza e precisão da análise orientada e segura, obedecendo a um plano harmonioso e científico, sôbre um painel bem delineado das observações gerais que dão a seu autor os méritos de um consagrado artista da pena, de um psicólogo e sociólogo.

Clareza, método, precisão, equilíbrio, honestidade e competência não faltaram ao autor para o plano de seu trabalho.

Especialmente originalidade, na disposição e no método da pesquisa realizada, no plano de apresentação e sobretudo nas observações úteis que focalizou, tornando êste ensaio sociológico, como quer considerar o autor, um trabalho de fôlego, um repositório vivo e um documentário de grande valor para as pesquisas dêsse campo antropogeográfico.

Há páginas de seu trabalho escritas com tanta profundidade e em tão belo estilo que honrariam qualquer expoente de literatura e da sociologia.

Uns ou outros pequeninos lapsos de linguagem ou forças de expressão não merecem sequer ser anotados porque absolutamente não empanam o brilho do trabalho e devem correr como falhas de revisão dada a extensão da tese.

Na introdução, sob o título "Expansão e Mobilidade da População Brasileira", que o autor desenvolve em 20 substanciosas páginas, foi traçado o painel de sua obra, e constitui o "back-ground" de seu trabalho sôbre o qual o panorama Amazônico sob a influência do nordestino encontrou os motivos mais fortes de suas pinceladas para a formação do quadro sociológico e geográfico do elemento humano.

Sem o exagêro dos traços fortes da literatura de ficção, porém, dosando suas observações com as meias tintas de observações equilibradas, focalizou com grande perícia, a mobilidade que caracterizou o "rush" populacional para as extensas áreas do interior, inclusive para a Amazônia, estudando as causas e os efeitos do fenômeno para tirar observações interessantíssimas.

O conceito do "apêlo econômico" ou "foco de apêlo", da febre e do inquietação das migrações em seus avanços e recuos, do povoamento de superfície e profundidade, de leste para o oeste, ao "espaço ativo" e da tendência ao isolamento do "separar para viver" de Vidal de la Blache, o conceito da mobilidade vertical dos agregados e vaqueiros, em cujo "rus" há a semente da disciplina do curral, unindo os espaços, colorindo o panorama geográfico, na pigmentação demográfica dos núcleos civilizados, e ainda o conceito do "foco de concentração" ao "centro de irradiação", há observações e aspectos focalizados com grande mestria.

*Fixa com muita propriedade os aspectos do rio, como linha de menor resistência — a geografia aliada ao balizamento de rastro e contrasta a “democracia do gado” contra a “aristocracia do engenho”.*

*No gado, no algodão, no café e nos outros fatores econômicos coloca o legítimo “habitar” da expansão e mobilidade brasileiras, concluindo que nessa formação sócio-econômica nacional reside a principal causa de sua grandeza. — “Nem o excesso de expansão — fator de grandeza, nem carência de circulação — fator de unidade”.*

*No café e nos demais produtos nativos, como da mobilidade político-econômica, causas do “rush” geográfico das lavouras e indústrias extrativas, evidencia o verdadeiro fator da união nacional, pela ausência de extratificação das formas fixas, numa democracia sem castas, sem preconceitos e exclusivismos.*

*Na mobilidade geográfica e econômica, biológica e de castas, social e de profissões, na capacidade de adaptação, de hábitos, de cruzamentos e na ausência da genealogia profissional, própria das culturas estratificadas, situa com grandes razões psico-sociológicas o fator da tendência democrática brasileira e do espírito liberal da formação de nosso povo.*

*Do mulato ao mameluco e do caçuso ao mestiço, o fator da mobilidade em seus diferentes aspectos concorreu sem dúvida para a formação dos diferentes tipos étnicos de cujos conglomerados sociais pôde brotar permanentemente a atmosfera edificante das aspirações democráticas e liberais do povo brasileiro.*

*Esse a meu ver um dos aspectos de maior mérito na tese apresentada.*

*A maneira natural e humana com que o autor analisou esse panorama político e sociológico do homem do Brasil, sob os fundamentos que a análise antropogeográfica lhe forneceu pelas pesquisas e estudos, é sem dúvida um dos melhores ensaios dessa natureza.*

*Buscando nas razões remotas dessa mobilidade as variadas forças psico-genéticas dos vários biotipos que compõem a etnia brasileira em formação, o autor evidenciou essa observação colocando-a com profundas razões como fator de nossa consciência democrática e liberal.*

*Outras observações interessantes queremos destacar*

*Realçando os contrastes da paisagem que o nordestino oferece na Amazônia, analisando as causas sócio-econômicas de sua migração, a adaptação do estágio superior da economia agrícola para uma economia de “bugre manso”, da ambição e do afã de trabalho ao regime hedonístico, que em economia é a lei do menor esforço, a mentalidade do seringueiro invade e domina a paisagem amazônica, numa fixação nítida de aspectos chocantes e aparentemente paradoxais.*

*Mostra o autor o duplo aspecto do nordestino e do caboclo no Vale Amazônico criando paisagens típicas e diferentes. O aspecto da habitação, do “tapiri” transitório e frágil à “barraca de caibros torneados e de pa-xiúba batidinha”, distinguindo os dois tipos, do que pensa ficar e do que não se fixará. A Amazônia das marombas dos currais do Baixo Amazonas, dos oleiros, castanheiros, cacauzeiros, guaranazeiros, juteiros, etc.; contra a Amazônia dos seringueiros, balateiros, caucheiros e mateiros do Xapuri, inquieta, oriunda da sêca e da hévea. A Amazônia da geografia nômade com o veículo móvel — o rio deificado e integrado no conceito de solo pátrio — rio bom, rio de leite — onde o amansamento se processa pela força da natureza contra o homem, em contraste com a Amazônia da Geografia ligada à terra — onde o conceito de solo enxuto, torrão natal é mais arraigado, traduzido nas expressões — “sou de Crato, sou da Serra de Vou buretana, etc ”*

Também a análise da paisagem nordestina e da formação da mentalidade sertaneja, o exame de fatores como a "dificuldade durável" da variação periódica da seca, nos chamados "brobrós", e a época chuvosa, cuja incidência periódica enrijece a ténpera do homem dessa região, sublimando o elemento humano ao padrão do heroísmo, focaliza o autor êsses aspectos com muita propriedade, sem repetir os lugares comuns por demais conhecidos.

Fixa as três reações mesológicas humanas do nordestino: a violenta — o cangaço, a mística — o fanatismo e a desertora, a retirada, que a meu ver ficaria melhor denominada como a resignada.

Focaliza com muita propriedade e justeza o desequilíbrio do fenómeno de proliferação ativa do sertanejo como reação à natureza cruel, aceitando o conceito de Brunhes para justificar que essa proliferação é função do "trabalho languido em solo pátrio"

A fixação do complexo de sentimentos que influem na psicologia do retirante, faz com que o autor afirmasse que há nêle um pouco de tudo — o anúncio, o patriarcalismo sertanejo, o espírito de liberdade dos sertões, a aventura e o desejo de trabalho, a cupidez e a seca e outras causas complexas que se amalgamam para excluir o fenómeno da essência geográfica e economista.

Há enfim páginas de brilhante literatura focalizando êsses aspectos que são dignos de leitura e observação atenta.

Désperta maior interêsse o capítulo "A Mulher e a família do imigrante", pelas originalíssimas observações decorrentes do minucioso inquérito que o autor realizou e dos quais a sociologia haurirá um manancial nôvo para o prosseguimento dos estudos e fixação dos conceitos emitidos

A influência da mulher e o "transertanismo" ou doença da saudade, como bem exprimiu o autor, parodiando o "transoceanismo" de Capistrano de Abreu, abre capítulos novos para pesquisas profundas da psico-sociologia e é de registrar-se os altos conhecimentos do autor a respeito de assuntos psicológicos e até psicanalíticos

A análise dos derivativos psicanalíticos do problema sexual, apontados pelo autor, numa nova senda, para as futuras pesquisas, dão-lhe um mérito mais alto, do qual devemos de esperar muito, no prosseguimento e na extensão de seus trabalhos de pesquisas, conforme promete em sua tese

Sem utilizar a linguagem especializada dos psicanalistas, pois, possivelmente não o é, dá-nos uma descrição magnífica dos fenómenos que se passam no cérebro do sertanejo com relação às restrições sexuais, exprimindo com nitidez todo o complexo de ideações, de libertação, de choque do potencial de emoções que torturam a mente do nordestino isolado, transformando os traumas e recalques de sua afetividade diminuída na imaginação exagerada pela volúpia, nos seus sonhos messiânicos, enfim, no fenómeno da aberração psico-fisiológica conhecida como "transfert", que Breur denominou de catarsis.

É a transferência e a derivação compensadora da afetividade recalcada pelo isolamento.

Por fim, as últimas páginas mostram ainda outra parte importante do trabalho, qual seja a da metodologia sociológica que o autor adotou para as pesquisas que efetuou.

Estendermo-nos mais sôbre êsse aspecto seria enfadonho. Porém, há normas originais e indicações utilíssimas que a experiência e acuidade perquirente do autor focalizaram com mestria.

*Esse capítulo completa o trabalho e indica a orientação acertada do rumo tomado pelo autor e da honestidade de seu inquérito*

*Em suma, senhor Presidente, como me referi de início, estou de pleno acôrdo com o ilustre relator da tese no sentido de se propor a inclusão dêsse trabalho na publicação dos Anais do Congresso, conferindo-se ainda ao seu autor o merecido e justo voto de louvor do Congresso, pelo original, magnífico e profundo trabalho de antropogeografia e sociologia que nos ofereceu, quer pelo documentário cujo valor impõe seja registrado naquela publicação, quer pelo patriotismo e alto objetivo que nortearam a feitura dessa tese. É o meu parecer*

## II. PREFÁCIO

Está ainda a merecer uma investigação séria e urgente, o problema da imigração nordestina na Amazônia, sobretudo neste momento em que o fenômeno está se acentuando com tanta intensidade, por algumas razões vitais de defesa nacional. Não tanto um trabalho de gabinete, aquilo que os norte-americanos chamam pitorescamente "armchair sociology", que corresponde mais ou menos, à nossa "sabedoria de gaveta", mas uma paciente pesquisa da realidade, um "field-work", um trabalho de campo que pudesse esclarecer e orientar a política imigratória a ser seguida. Longe de nós esta pretensão. Com êste trabalho quisemos apenas contribuir, dentro de nossas possibilidades, para o estudo dêsse palpitante problema. Uma tarefa um tanto ousada para um principiante das ciências sociais num meio tão refratário a êsses estudos. Nenhuma tentativa anterior havia sido feita. Por ser a primeira, vai bastante falha e cheia de imperfeições, com a agravante de ser um trabalho de estréia. Mas contudo isso, não podíamos perder êsse magnífico material humano que a guerra está nos proporcionando e que tão cedo não teremos de nôvo.

Quem quiser compreender a história da Amazônia da metade do século passado para cá, forçosamente terá, de entender e estudar profundamente o "cearense" imigrante. Sem êsse prévio estudo não poderemos ir para frente. A interpretação que a seringa sugere está em íntima conexão com o problema do imigrante. A Amazônia em verdade, formou-se à margem do cearense e da seringa, chaves da nossa formação social e econômica. Neste trabalho, portanto, tentamos trazer uma contribuição resultante do íntimo contato que mantivemos com o imigrante, apanhando e traduzindo as suas primeiras impressões com a terra, o rio, a paisagem, as coisas, enquanto êle está "novinho em fôlha" Sem decalques, nem reformações. Pronto a receber os primeiros efeitos que a experiência vai lhe proporcionando, durante os dias de viagem estafante no Amazonas. Infelizmente só podemos nos limitar a Manaus, o que não foi pouco, se levarmos em conta que estamos numa área de condensação, polarizadora das correntes imigratórias à espera da irradiação para os seus lugares de destino. O imigrante já chega com uma pequena experiência, advinda das primeiras conversas nos "portos de lenha", nas cidadezinhas da beira do rio, já viu a "montaria" brincar no banzeiro que o navio faz. Talvez tenha até falado com algum caboclo. As barracas mergulhadas, a canoa andando de um lado para o outro como se fôsse um cavalo, o silêncio da atividade humana no meio da mata, a paisagem só, contribuem para a formação de uma atitude especial que vai ser estudada. Daí o terror pânico à água, o mêdo do rio que se agrava à medida que êle toma contato definitivo com a várzea. O sertão ainda está perto dêle, vive em sua memória, faz parte de sua conversa a todo momento, as suas esperanças quando as traz, "vou ser um homem feliz se Deus me ajudar", "vou enriquecer na seringa" — ou as suas desilusões, "não gosto nada desta terra feia e encharcada" os conflitos pro-

vocados pelo choque resultante da passagem brusca para o contraste — “gosto do enxuto, eu não posso me amansar numa água dessas” — aparecem frequentemente. O imigrante está ávido de notícias, procura os filhos da terra, “os mansos”, para fazer a sua iniciação nos segredos da terra. Tiramos bastante partido dessa sua curiosidade. Foi um dos meios que utilizamos para entrevistá-los.

Para darmos uma certa direção à pesquisa utilizamo-nos do inquérito como método e da entrevista como processo de investigação. Era o único e o mais aconselhável para o nosso caso. Tivemos que fazer obra original, daí o muito de defeito que ela deve conter. Menos por vontade própria de ineditismo que por escassez desapontante de estudos desta espécie. Não encontramos nada que nos pudesse orientar. Por isso êle se ressentia de uma organização embora tentássemos a todo custo alcançá-la. Para isso socorremo-nos das bibliotecas particulares. Deixamos aqui os nossos agradecimentos ao Prof. Agnelo Bittencourt, um dos nossos poucos homens que tem estudado e compreendido profundamente os nossos problemas e que tanto nos auxiliou e incentivou franqueando a sua excelente biblioteca, fator principal da apresentação dêste modesto estudo. Utilizamo-nos também da biblioteca e dos arquivos do Instituto Geográfico e Histórico, sobretudo no que se refere ao noticiário do tempo, através da mais rica coleção de jornais que possui da Biblioteca Pública do Estado tão abandonada, mas que nos serviu imenso, para consultar as obras antigas e raras. No entanto foi o meu bondosíssimo pai, com a sua rica experiência, através 25 anos de luta nos seringais do Amazonas, que me sugeriu os principais temas. Guardo das conversas que tive com êle a impressão mais grata e duradoura. Iniciou-me verdadeiramente nos estudos regionais por intermédio de sua experiência prática das nossas coisas. Sem êle seria quase impossível a realização dêste trabalho. Eu apenas tinha o trabalho de recolher essa experiência de origem e traduzir para a minha linguagem. Servi-me bastante do velho arquivo de cartas de gerentes, administradores e patrões de seringais, de seringueiros e regatões, de comboieiros e mateiros, de aviadores e comerciantes, que guardo com bastante carinho para um próximo estudo onde iremos continuar o trabalho aqui iniciado. O mais foi “trabalho de campo” de observação, de pesquisa direta, de experiência advinda com as entrevistas de velhos seringueiros e veteranos da guerra do Acre. De brabos e mansos. De aventureiros e de trabalhadores. De patriarcas e malandros. De agricultores, vaqueiros e artistas. De mulheres e curumins. De atravessadores, revendedores da beira da praia e carvoeiros. Todos os tipos cearenses radicados ou transumantes, residentes ou de passagem aos seus destinos, foram por nós entrevistados. Pudemos dêste modo ter uma noção ainda que rápida das diversas interações resultantes dos contatos e dos conflitos, das acomodações e dos desajustamentos. Futuramente vamos prosseguir êsses estudos nos próprios seringais, para acompanhar tôda a carreira do imigrante. No barracão e no tapiri, em cima da montaria ou no cabo de uma enxada, numa tentativa de interpretação de todo o ciclo imigrantista do cearense: Flagelado. Retirante. Imigrante. Brabo. Manso. E talvez — Paroara — a reïncarnação sertaneja pela desassimilação do imigrante.

O processo da entrevista que adotamos é espontâneo, prático e fácil de manejo. Deixa o imigrante à vontade, dando-lhe suficiente liberdade para falar. Tem as suas fraquezas e os seus defeitos. Mas são muito menores êstes que as suas virtudes. No caso da entrevista oral como a nossa os cuidados redobram. Seguimos a êsse respeito os conselhos da experiência que nos adveio depois de longo tempo e inicialmente de Joseph Bernard Breslaw sôbre a formação da atitude conservadora e radical na política norte-americana. Êle traçou vigorosamente os erros

a evitar: "There are possible weaknesses in the method used. Essentially data comes from the subjects and not the experimenter. It is not kind of experimental set-up wherein the subjects does things which the experimenter observes and records" (1). Não confundir portanto nunca as idéias do entrevistante com as idéias do entrevistado. Este deve ficar à vontade para dizer o que quiser. Apenas encaminhávamos a entrevista para a direção que quiséssemos. Jamais tentamos modificar a atitude do imigrante. Provocamos de vez em quando reações no seu espírito para que ele tentasse desembaraçar-se, não com o intuito de confundir-lhe, mas para tirar uma prova da verdade do que estava nos dizendo. É preciso ter cuidado em não generalizar a história de uma vida para a de todo o grupo. As vezes o que é verdade para o indivíduo não é o que o grupo pensa, assim como o pensamento do grupo não é exatamente a vontade daquele. Sòmente a síntese das atitudes, obtidas por uma regular freqüência de respostas a uma mesma pergunta é que nos poderá encaminhar a um juízo tímido sòbre o grupo. Caso contrário seria cair num êrro apressado de generalização sem base. Preferíamos para evitar isso, não generalizar. Expusemos as entrevistas, interpretando-as a nosso modo, como achássemos mais justo, sem contudo querer com isso demonstrar a última verdade. Aqui e ali, no entanto, fomos obrigados pela experiência que nos proporcionou o longo contato que mantivemos com êles, a sugerir idéias e a falar a respeito do espírito do grupo sem querer com isso dizer que expressam a verdade. Mais uma vez declaramos que o nosso trabalho é tentativa e não queremos que passe além disso. Se errarmos será a coisa mais fácil do mundo, mudar de orientação. Outro êrro que foi preciso ter muito cuidado era a respeito da relativa facilidade que o cearense tem para inventar fatos e situações que só existem na sua imaginação. A sua forte capacidade de dramatização pode dar lugar a possíveis erros. Não acreditar piamente no que o imigrante diz, só o fazendo depois de tê-lo passado por uma prova qualquer. Por isso tomamos como advertência as palavras dêsse sociólogo *yankee*: "the subject gives the information and, together with the experimenter, interprets his own life. The subject thus does part of the psychologizing himself. The subject's own reliability, his honesty, his memory and the facets of this own personality, as, for example, his occasional, disposition to dramatize the events of his life, are involved" (2)

A parte mais difícil para nós foi a da reconstituição da entrevista. A memória é aí fator primordial de êxito. Assim mesmo procuramos reconstituir as entrevistas tal como foram ditas e imediatamente fixá-las logo após recebidas. Não costumávamos escrever na frente do imigrante porque isto iria dar motivo a uma série de transtornos como vamos ver. Reconstituindo logo após a entrevista levávamos a vantagem de poder fixar as próprias expressões do imigrante, que tem um valor inestimável, tal a riqueza de significado que a maioria delas contém. Ninguém melhor que o cearense poderá definir uma situação. Quando êle diz que está com "apetite de seringa", que é só chover "que volta que nem ovelha a procura dos pastos", que vai "virar pedra no Acre", que quem vive "no inferno se acostuma com os cães", explica de um modo admirável, embora baramente, o delírio, a transumância, o sedentarismo, a acomodação. Explica-se como ninguém talvez o poderia fazer. Daí a necessidade de guardar as suas próprias expressões, e registrá-las fielmente.

A princípio, pela pouca experiência que tínhamos, perdemos muitas entrevistas. Isso porque tentávamos entrevistar mais do que dois imi-

(1) — JOSEPH BERNARD BRESLAW      The Development of a Socio-Economic Attitude — New York — 1938.

(2) — J. B. BRESLAW — op cit.

grantes ao mesmo tempo, e no fim confundíamos uma com outra. A falta de experiência foi a responsável também de inutilizarmos muitas entrevistas por não terem sido bem orientadas e por conseqüente não reproduzir exatamente o pensamento do imigrante. Depois que a experiência nos veio fazíamos o nosso inquérito serena e proveitosamente. Passamos a entrevistar um imigrante de cada vez e assim podemos apresentar um número satisfatório de entrevistas completas, o que não se dava no princípio, cheias de falhas em alguns pontos, faltando nomes e algumas respostas indispensáveis. Daí têmos um grande número de frases soltas e anônimas que foram colecionadas entre as entrevistas avulsas. Essas não perdem o seu valor, pois, da mesma forma, são testemunhos da mentalidade do imigrante, apenas não podem figurar nas estatísticas tanto quanto exatas. Houve também as entrevistas que não ofereciam interesse algum e foram juntamente com as viciadas, postas de lado. Somente as entrevistas completas foram enumeradas para efeito de documentação do nosso fichário. Conseguimos assim, reconstituir, quase totalmente 55 entrevistas, isto porque é muito difícil conservar de memória tôdas as respostas, e mesmo assim levamos bastante tempo. Estas 55 entrevistas não querem dizer que só tenhamos entrevistado 55 imigrantes e que este estudo se baseia numa tão pequena e frágil base. Vai para mais de uma centena de imigrantes que conversamos e dos quais possuímos dados pessoais incompletos. O período que realizamos o inquérito vai além de 10 meses estendendo-se de junho de 1942 até março de 1943, tempo bastante para uma pesquisa desta natureza. Abrangemos mais 20 levadas diferentes de imigrantes, desde as primeiras que vinham acoçadas pela seca, obrigada pela necessidade, a estas últimas com um espírito quase totalmente diferente, influenciados pela seringa, exclusivamente, pois o "sertão está já chovido". Essas entrevistas foram realizadas nos mais diferentes lugares: a bordo dos navios, nos porões, no porto, no mercado, nas ruas, onde quer que encontrássemos o imigrante. Visitamos as hospedarias freqüentemente, mas não gostávamos muito delas, pois preferíamos apanhar o imigrante "novinho em fôlha", logo após a sua chegada, no mesmo dia se possível.

Durante o tempo que convivemos quase diariamente com eles ganhamos grande experiência e aprendemos muito. Não se pense que entrevistar um imigrante seja a coisa mais fácil desse mundo. Requer um jeito especial para captar a sua confiança dando a impressão que não se está interrogando antes conversando. Mesmo depois de ganhar a confiança, o que não é muito difícil, é preciso ter cuidado com o cearense. Fala demais, gesticula muito. Não é preciso nem "dar corda" na sua língua. Mente um bocado. Inventava fatos na sua linguagem valente. Por isso é perigoso tomar qualquer nota do que ele está nos dizendo. Se ele soubesse que iríamos publicar a sua entrevista seria um "Deus-nos-acuda" de histórias e brigas que saiu vencedor e de coisas que "fêz-e-aconteceu". Perderia assim o seu valor que reside justamente na sua espontaneidade. Gostávamos por isso de dar a impressão de que éramos um companheiro seu deixando-o o máximo possível à vontade. O pouco de conhecimento que temos do Ceará advindo de uma viagem e de leituras que fizemos junto com a nossa experiência pessoal da região nos dava material bastante para mantermos uma conversa animada e satisfazer a sua curiosidade que precisava ser esclarecida e estimulada. O imigrante se entusiasmava e nós ganhávamos logo a sua confiança. Só começávamos a entrevista quando isso acontecia. Abordando-o de chofre nunca se obteria um resultado satisfatório. O traje era o mais simples possível, sem gravata mesmo. Um cigarro, por exemplo, é um notável convite à intimidade. Aprendi a fumar. Uma coisa importante que nos adveio de certo tempo é entrevistar o imigrante primeiro isoladamente, para depois, logo que esteja bem encaminhado chegá-lo aos outros e fazer

a "roda". Aí então continuávamos as perguntas e observávamos a influência do grupo sobre a conduta do entrevistado. Assim podíamos recompor a atitude dele frente aos seus companheiros e a reação que estes faziam às suas idéias. Teríamos assim uma interação experimental de grandes resultados. Muitas vezes acontecia que um mais inteligente tomava a palavra e conseguia que os outros se dissuassem. Gostava de colocar um aventureiro junto de um trabalhador, um agricultor ao lado de um "artista", para observar as reações provocadas por essa pergunta por exemplo: "Gosta mais da cidade ou do mato"? O artista possui uma elevada consciência profissional: "Não sou homem para seringa". Dou valor à minha profissão. "Vivo da minha arte" era a resposta comum. O agricultor dizia. "Sou perdido pelo mato. Gosto do mato grosso, do trancado. Só me ajeito com os bichos". O trabalhador estava doido para arranjar um serviço, queria trabalhar no pesado, estava agonizando por estar sem fazer nada "que nem âncora", na expressão de um deles. O aventureiro já era diferente. "Desamarrou o pé", vai "bolar pelo mundo todinho" Essas suas atitudes originárias freqüentemente modificavam-se. Um reconhecia certos traços de influência e o outro tomava gosto pelo trabalho. Acontecia ainda que se o imigrante mentisse se trairia inevitavelmente no meio dos colegas. Essa era a nossa "prova dos nove fora" Assim conseguimos obter, por intermédio dessas interações propositais, certos aspectos do espírito do grupo e assim passamos da "escola do imigrante" para a "escola do grupo" e desta para a "escola do tipo" Isso só fazíamos depois de um longo período de observação e análise. Foi portanto, trabalho mais de experimentação social. Observar o imigrante isolado para depois agrupá-lo com o objetivo de tipificá-lo. Dissemos atrás que nunca escreveríamos uma entrevista na frente do imigrante, isso porque daria ensejo a uma desconfiança da parte dele que viria empatar a espontaneidade do inquérito. Aprendemos isso desde que um imigrante nos tendo visto escrever começou a contar um milhão de coisas que fizera e das quais era sempre o herói e vencedor. No fim mandou-me tomar nota para que fôsse publicado no "meu jornal". Esse imigrante suspeitou que eu fôsse um repórter a cata de entrevistas e explorou, a seu modo, a publicidade de sua história. E o interessante é que ficou decepcionado quando eu não confirmei o que ele esperava ouvir. Por aqui se tira o cuidado que se deve ter num inquérito dessa espécie, se não quisermos cair em risco de um fracasso total.

Esse foi o processo que nos conduziu ao objetivo final do presente trabalho. As nossas regras e precauções eram as mais fáceis e simples possíveis. Penetrar primeiro a fundo na vida de cada um imigrante entrevistado tirando dele a sua história e a sua experiência que precisávamos para reconstituir a mentalidade do tipo. Somente então o largávamos após haver conseguido a história de sua vida, de seu trabalho, de suas esperanças, de suas ambições, de seus sofrimentos e de suas queixas.

Fiz assim o possível para entendê-los. Durante esses 10 meses de convívio quase que diário, vivi inteiramente dedicado a eles, com uma paixão de obcecado, fazendo do imigrante assunto de tôdas as minhas horas e tôdas as minhas conversas, anotando e observando novos detalhes na biblioteca e sobretudo no campo. Durante esse tempo falei a sua gíria. Aprendi e decorei as suas histórias na ponta da língua. Cearensizei-me.

Esse trabalho assim é mais produto deles do que meu. Se algum mérito problemático houver, devo a eles quase que exclusivamente e se algum erro houver, e os há, culpo apenas a mim tão-somente, que não os soube entender ou à minha insuficiência que não me deixou realizar o que de boa fé pretendi fazer

Mais de um ano decorreu antes que este trabalho fôsse levado ao plenário do X Congresso Brasileiro de Geografia. A realização dêste conclave teve que ser adiado e transferido por diversas circunstâncias. Finalmente em setembro de 1944, no Rio de Janeiro, foram instalados os trabalhos do Congresso. Representou o Amazonas, o meu velho mestre, Prof. Agnelo Bittencourt que me encaminhou desde cedo para os estudos regionais. Durante longos e infundáveis dias esperei ansiosamente o resultado dos pareceres. Quando o Prof. Agnelo telegrafou do Rio avisando que o meu trabalho obtivera voto de louvor e referências especiais, e o Prof. Cristóvão Leite de Castro, Secretário-Geral do Congresso, logo após, confirmava a concessão da medalha de prata, não quis acreditar. Somente depois da alegria e da emoção da primeira hora é que pude analisar melhor os acontecimentos. Refleti na importância e na atualidade do tema que levou por certo as comissões técnicas a analisarem com simpatia e carinho os problemas e sugestões que havia levantado. Simpatia, carinho e solidariedade para aqueles que estão trabalhando para as árduas e futuras tarefas e esforços comuns para solucionar, dentro dos quadros modernos e atuais, os nossos urgentes problemas e necessidades. Problemas e necessidades brasileiras em geral, nordetina-cearense e amazônica em particular, como êsse da imigração e assimilação de braços e espíritos para o esforço de guerra e paz, de hoje e amanhã.

Por ocasião da homenagem que o Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas me prestou por intermédio do seu presidente, Nunes Pereira, de cabelos brancos e espírito perenemente nôvo, através u'a mensagem generosa e amiga — declarei e repito agora aqui, que os louvores à minha tese não pertencem exclusivamente a mim. Pertencem a essa equipe de jovens pesquisadores da têmpera de Moacir Paixão, de Geraldo Pinheiro, de Mário Ipiranga, de Agnelo Filho e tantos outros que tornaram possível êsse clima de cordialidade e cooperação nos mais diversos setores de suas atividades especializadas, procurando a solução exata para os problemas da Amazônia. Soluções regionais urgentes e inadiáveis como a do imigrante e a do colono para uma gleba e uma economia melhor e mais humana, ainda tão mal compreendida, ou antes, ainda não estudada, a não ser através da literatura e do romance.

O nosso regionalismo vive dentro de formas universais e nacionais tão boas como as demais, é o que Gilberto Freire tem assinalado entre os cariocas, os paulistas, os gaúchos e os cearenses. Um estilo é uma personalidade sem fronteiras-de-marfim abertas para tôdas as correntes e contribuições dos outros Estados.

Geograficamente ainda somos uma das "áreas pioneiras" mais novas, com uma "frente" que ainda está bem viva, com ligeiros recuos à medida que o nordestino em geral e o cearense em particular avançam e se internam. Uma área não só geográfica mas também e sobretudo economicamente "pioneira", com oportunidades democráticas de classificação para todos, sem imperialismo nem estratificações prejudiciais. Os nossos "focos-de-apêlo" não cessam de iluminar novas formas econômicas mais vantajosas. Não só a borracha e a castanha, tradicionais na economia amazônica, representam um estímulo à penetração. O "pau-rosa", ainda há pouco repetiu e percorreu tôdas as fases dos ciclos econômicos anteriores, da droga, do caucho, da balata, da borracha, etc. A descoberta, o anúncio, o *rush*, o delírio e a *debâcle*. Não só o "pau-rosa" com os seus usineiros enriquecidos do dia para noite. Também o ciclo do "couro-de-jacaré", já em vias de extinção e agora a nova e promissora experiência agrícola da "juta". Por isso a imigração entre nós não precisa de muito estímulo e propaganda. O movimento pioneiro é quase espontâneo quando um ciclo começa. O que precisamos é de uma política econômica

que ajude o imigrante a se fazer colono, a gostar da terra, a ter amor ao seu trabalho. Política que poderia ser conseguida a trôco de pouca coisa, porque o imigrante não pede muito. No decorrer dêste estudo analisamos os casos dolorosos de desajustamentos e de conflitos por via de doenças, mortes, injustiças, desilusões e fracassos. Não deixemos que o imigrante venha à Amazônia para sofrer e voltar se escapou ainda em tempo. Já é hora de esquecermos os métodos econômicos depredativos que até hoje estão em vigor e procurar, dentro de nossa peculiaridade regional, uma economia mais justa e mais humana. Não queremos soluções ingênuas e líricas. Lutamos por uma economia que alie o interêsse econômico do imigrante ao interêsse e ao destino da terra que o acolhe.

Se com o presente trabalho conseguirmos contribuir com uma pequena parcela para que o imigrante seja compreendido e tratado de um modo diferente como o tem sido até hoje, será a melhor recompensa aos nossos esforços e aspirações.

Aproveitamos êsse interim de mais de um ano, da apresentação do trabalho, abril de 1943, à realização do Congresso, setembro de 1944, para fortalecer e reforçar as nossas conclusões com os novos imigrantes que continuaram chegando aos milhares. Muita coisa aconteceu durante êsse lapso de tempo. O governo chamou a si por intermédio dos seus órgãos competentes — D.N.I., S.E.M.T.A. mais tarde C.A.E.T.A., S.A.V.A., etc., o contrôle e a política de recrutamento, hospedagem, distribuição, alimentação e transporte dessas massas humanas em movimentação.

O movimento migratório que de início tivera características essencialmente nordestino-cearense ampliou-se e enriqueceu-se com a participação ativa de outros elementos regionais. Com o carioca, o mineiro, o baiano sobretudo. Êsse cruzamento regional tornou-se intenso e deu um cunho nacional ao movimento dessas populações em marcha para a Amazônia. Movimento nacional que está repetindo aquelas características estudadas dos nossos ciclos econômicos anteriores e que agora se transporta para a Amazônia, por necessidade vital do nosso esforço de guerra. Assim o regionalismo amazonense está agora acrescido com os representantes de outros regionalismos, como o do cearense, quase nosso irmão pelo destino econômico que nos deu, pelo parentesco de sangue com que se ligou a nós, pelas afinidades de aspirações comuns que nos fazem todos, amazonenses, cearenses e nordestinos, uma grande família. Acrescido com êsse outro regionalismo nacional mais amplo de cariocas, baianos, mineiros e pernambucanos. Não só com êsse nacionalismo regional. Também dêsse universalismo que nos trouxe o americano do norte com os seus campos de aviação, as suas bases, o seu inglês e os seus hábitos. Regionalismo estadual e nacional, universalismo americano e continental, que está procurando uma forma de conciliação com o nosso "bairrismo" local de amazonenses, paraenses e acreanos, "bairrismo" que não chega a brigar um com outro.

Êsse contato do elemento e da gente da terra com o imigrante e o estrangeiro está se processando sem conflitos nem reações violentas. De tudo isso nasceu apenas o apelido "arigó" com que designamos o imigrante em geral. Um apelido que serve de distinção e de maliciosa ironia, algumas vêzes, para algum elemento mais sobressaído e exaltado. A repercussão que o termo "arigó" está tendo em mais de um limite lingüístico-regional mostra como o fenômeno da imigração está influenciando em mais de uma área sujeita à sua recente infiltração. Repercussão nacional em várias regiões do norte do país, da Bahia ao Acre, a ponto de ser incorporado ao nosso linguajar de cada-dia, mas também no de outros Estados, como o do cearense, o do baiano e talvez até o carioca, que alguns querem que tenha sido o autor da expressão. Uma criação e uma ironia que só a gente da terra compreende e explica. Estrangeiro-arigó,

imigrante-arigó, cearense-arigó, carioca e paulista-arigó. Valores extra-regionais atualmente em foco na Amazônia.

Quando realizamos o nosso inquérito o termo ainda não havia sido divulgado nem tínhamos ouvido ainda da boca de nenhum imigrante. Somente depois e em época mais recente é que "arigó" tomou vulto a ponto de levantar uma polêmica lingüística entre os filólogos da terra.

Além de uma revisão e refusão geral que fizemos nos originais da nossa monografia, acrescentamos agora um novo capítulo sobre o "Arigó" resultado das nossas recentes pesquisas, experiências e contatos que continuamos mantendo com o novo imigrante. Esse capítulo sobre o "Arigó" veio reforçar certas observações nossas sobre a tendência aventureira que cada dia vinha aumentando à medida que o inverno chegava ao sertão e se desenvolvia o "anúncio" nas concentrações e nos postos de recrutamento espalhados por toda a parte, nas zonas de grande densidade demográfica, no Nordeste e nas capitais dos outros Estados. Tendência essa que efetivamente naquela época apenas suspeitávamos e que agora se generalizou em aventureiros quase-nômades, vagabundos de toda a espécie, operários desclassificados, agricultores desenraizados, tipos rurais e urbanos a procura de emoção econômica e psicológica para a sua sede de aventura e viagem. Elementos completamente livres e independentes para todos os movimentos e ações. Uma verdadeira chuva de arigós nas ruas, praças, cidades, rios e seringais do nosso interior, cuja repercussão vai ser decisiva e importante na história das interações humanas sociais, econômicas e psicológicas na Amazônia do futuro.

Com essa última fase achamos que o ciclo dessa nova imigração encerrou-se. As últimas levas de "arigós" já estão escasseando e dentro em pouco cessará o movimento migratório politicamente dirigido pela primeira vez para a Amazônia. Daqui por diante, se processará o *test* da experiência e da adaptação do imigrante às novas formas de vida econômica e geográfica, aqui levemente esboçados e que ele terá que deparar a cada passo no destino que transitariamente escolheu, por uma razão ou outra.

Dessa sua experiência e dos contatos e interações que sofrer ou impor, resultará ou na sua difícil incorporação, outras vezes malograda, em face do desconcertante e impiedoso regime econômico em que vivemos, ou na sua deserção, que será fatal se o fracasso econômico ou o arrependimento psicológico torná-lo um elemento sempre em expectativa de melhores dias para retornar ao sertão, ao brejo, à cidade, ao lar e à família que ficou lá fora esperando por ele. Poderá mesmo até ficar como alguns cearenses que envelhecem na Amazônia, com os olhos sempre voltados para o seu sertão, sem nunca poder voltar para a terra que ainda, mesmo de longe, lhe dá ânimo e alento para trabalhar e viver.

Daqui para frente iremos desenvolver, consoante o nosso plano, primeiro a tendência geral do fenômeno de expansão e mobilidade da população brasileira e depois o ciclo migratório que acompanhamos, durante mais de dois anos, em Manaus, nas suas fases mais típicas e características.

- A da geografia da calamidade que fez o imigrante-cearense partir "mode" a seca e a fome.
- A da economia da atração que fez o "foco-de-apêlo" e deu o "apetite-de-seringa" para o *rush*.
- A da psicologia da aventura que criou o seu representante mais típico e talvez o menos duradouro: — o "Arigó".

Manaus, Janeiro de 1945

*Samuel Benchimol*

### III. INTRODUÇÃO, EXPANSÃO E MOBILIDADE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

A arrancada sertaneja para a Amazônia foi a resultante do deslocamento da fronteira econômica pela supremacia da borracha. Inscreve-se naquela tendência de flutuação, de instabilidade, de apêlo econômico arrasando a corrente povoadora à procura de um novo produto-rei. (1) Para compreendê-la faz-se mister enquadrá-la nesse movimento colonizador da costa para o norte, do litoral para o interior, do sul para oeste como salienta J. F. Normano. É a mesma avalanche migratória do grupo invadindo a mina na fome do ouro, correndo ao massapê na plantação da cana, invadindo a mata na caça do índio, da droga, do mito, assaltando o sertão ou o pampa na pista do boi, avançando em São Paulo no banzeiro da "onda verde", amansando a Amazônia no rastro do ouro-negro. Economia instável, aleatória, fazendo povoamento efêmero. Onde apareça uma perspectiva de fortuna ou uma lenda criando um "foco de apêlo", haverá o ímpeto povoador andando atrás do enriquecimento, uma projeção de gente fazendo bandeira. Serra das Esmeraldas, Sabaraboçu, El-Dorado, Acre, são traduções messiânicas desses gestos econômicos. Açúcar, algodão, gado, ouro, café, borracha. Uma economia mística para uma gente crédula. Não faltará gente para essa investida porque "há sempre nos sertões a massa dos inquietos que têm nas veias o sangue do índio, nômade e caçador e a herança portuguesa do imigrante pronto para aventurar, mudar-se, tentar vida nova" pronto para "seguir através de mil léguas, o primeiro comboeiro que lhes anunciar, pintando num rochedo, uma mina de ouro", um lucro maravilhoso. (2) Essa é uma constante na sobressaltada vida brasileira. Constante motora, de expansão à custa da economia e da crença. Uma psicologia de aventura dentro de uma geografia livre: teras para "fazer fazendas", massapê para crescer a cana, caatinga para a expansão do gado, terra roxa para a fome de café, seringa para a aventura da borracha.

O Brasil assim deixou o litoral. Menos por uma predestinação geográfica que pela chama magnética de fortuna. Quando esta se acende a geografia é uma aliada. O bandeirante não seria êsse terrível imperialista, conquistador de espaços e horizontes sem dono, se uma economia monocultora e latifundiária o empolgasse. "Uma esmeralda valia mais que um latifúndio" afirma Cassiano Ricardo, mas é preciso acrescentar, na falta de um latifúndio, excitante como o açúcar, das fazendas e dos seringais. Ele mesmo o reconhece quando diz que "bandeira e propriedade não rimam bem". Foi a esmeralda, o índio e a lenda que desencadearam na falta desse vínculo, dessa raiz agrícola. Sem êsse elemento fixador a geografia lhe abriu as portas e o empurrou para o sertão. A prova disso é que ela pára

(1) J. F. NORMANO — *Evolução Econômica do Brasil* — Rio, 1939 — pág. 18.

(2) PEDRO CALMON — *História Social do Brasil* — vol. II — Rio, 1940 — pág. 189.

quando o seu corretivo — “exploradores de ouro ou caçadores de índios acabam ao fim de sua carreira, tornando-se, todos êles, senhores de engenho ou donos de vastos latifúndios criadores”. (3) A economia venceu a mobilidade depois de ter feito a expansão. Dá-se o contrário na Casa Grande. O chamego do homem ao açúcar gruda no latifúndio. Quando o açúcar decai o senhor de engenho desaparece e vai ressurgir pastor. O gado venceu o açúcar. O sertão é móvel, o litoral, fixo.

Há uma tendência de condicionar a fronteira em razão da geografia móvel quando se sabe que, sem o interesse econômico ou político, o homem não ia lá. Eles foram levados “não tanto pela novidade de visitar terras desconhecidas como do desejo de alcançar fama e riqueza” salienta Contreira Rodrigues. (4) O impulso geográfico foi grande, mas não tanto como o chamado econômico. A verdade é que o rio, na sua função nômade, de nada valia sem o elemento excitante. O caboclo parou à margem do rio, na beira do barranco, malgrado a mobilidade herdada do índio e o avanço do rio. Surge a droga, a seringa, a castanha, o pau-rosa e lá se vai o homem, indiferente a tudo, no caminho dêles. Ou vai com o auxílio do rio ou mesmo contra êle. Geografia nômade somando-se com riqueza móvel é igual a deslocamento da fronteira econômica e política. Sem isso Tordesilhas virava Greenwich. Um meridiano fronteira em vez do paralelo amazônico. O rio assim canaliza e bitola a conquista, mas em função da “influência”, do “anúncio”, do chamado. “É a cobiça de fazer descimentos que leva a tropa de resgate ao interior do Rio Negro”, diz Joaquim Nabuco. (5) Subir correnteza e afrontar o perigo só se faz com muita ambição ou com muita febre. A cobiça teve função fronteira. A troca e o passo deram a conquista e o forte, precursores da posse e domínio. Um direito original — o *Uti possidetis*, — o *Right* em razão do Rush. Os personagens de nossa geografia são sobretudo, criaturas econômicas: o bandeirante caminhando para o ouro e a esmeralda; o jesuíta — a fé requisitando o braço para a salvação da alma do índio; droguistas, descedores de índios, tropeiros de resgate, vaqueiros, passadores de gado, garimpeiros, regatões e seringueiros. O chamego do homem ao sertão, à casa, à família mesmo, desaparece em presença do “apêlo”. Por isso os antigos moradores paulistas não podiam viver sem o sertão, declara a Câmara de São Paulo e modernamente o cearense não resiste à “influência”. Esse arranco é, no entanto, que explica esse monumental perfil físico. Sem êle nós teríamos um Brasil superficial e litorâneo em vez de um continente. Com isso e mais Tietê-Paraná, São Francisco e Amazonas, itinerários desenhados que balizaram a penetração para a conquista, tivemos esse mundo. Um milhão de rios, de índios, de matas, de drogas, de coisas para um tostão de gente. Só mesmo a ambição, a cobiça dos olhos com a mobilidade dos pés, ocupando os horizontes enormes poderia corrigir a distância. Ribeiro de Couto disse bem: “ou o Brasil mata a distância ou a distância mata o Brasil”.

O que nos caracteriza nesses instantes é o espírito de ventura, de arrôjo. Febre e ensilhamento. Inquietação e nervosismo. É o aventureiro, o homem que desconhece fronteiras, o representante mais legítimo dos nossos ciclos econômicos. Formando grupos quase-nômades de ocupação transitória a percorrer uma época. Período áureo de grandeza e esbanjamento. Depois a *debâcle*, o esquecimento e o desânimo. Cada região já teve o seu: “nos tempos da borracha, naquele tempo em que o Amazonas era o Amazonas...” Começamos quase sempre com o monopólio e a liderança e terminamos no último lugar. Vale portanto, a observação de

(3) OLIVEIRA VIANA — Evolução do Povo Brasileiro — Rio, 1933 — pág. 83.

(4) F. CONTREIRAS RODRIGUES — Traços da Economia Social e Política do Brasil Colonial — Rio, 1935 — pág. 28.

(5) JOAQUIM NABUCO — O Direito do Brasil — Rio, 1941 — pág. 37.

Normano que tão bem compreendeu a evolução econômica do Brasil: “um fornecedor mundial em épocas de emergência, quando uma deficiência de suprimento eleva os preços e permite a competição de produtos de alto custo”. (6)

Formamos assim um grupo sem classificação aristocratizante, quase sem organização, de iniciativa livre, entregue aos azares e à dura sorte. Espírito sem raiz, sem amor à terra que chega, pronto para partir ao primeiro aceno de outro “anúncio”. Mais mameluco, mais arisco, puxando pelo índio em contraste com o da Casa Grande pela sua notável tendência estável e conservadora, latifundiária e escravocrata, tão rico não só de valores econômicos como de morais e espirituais. Tão avesso ao outro profundamente trabalhado pela “economia de roubo”, destruidor dos recursos naturais, das riquezas, na pressa doida de enriquecer e voltar. Mas que nos deu, faça-se justiça, uma configuração continental. Sérgio Buarque de Holanda caracterizou-o tal e qual: — “êsse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a êle em generosa amplitude e onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos sabe transformar êsse em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes”. (7) Êsse espírito de aventura é responsável por muitas de nossas fraquezas mas “teve uma influência decisiva na vida nacional. Numa conjunção de fatores tão diversos, como raças que aqui se chocaram, os costumes que nos trouxeram, as condições mesológicas e climatéricas que exigiam longo processo de adaptação, êle foi o elemento orquestrador por excelência. Favoreceu a mobilidade social e estimulou-os além disso, a enfrentarem as asperezas e as resistências da natureza, criando para êle as condições adequadas a tal empresa”. (8)

.....Contra êsse espírito, que poderíamos chamar de bandeirante, reagiu o outro de trabalho, amigo da comodidade, da rêde, dos doces, do latifúndio, do escravo, que tanto contribuiu para a nossa civilização. Formou-se assim um Brasil dividido em dois. Um estável, romântico, quase-lírico, dos yoyôs e yayás, dos moleques e mucamas, do cafuné e do senhor de engenho, do negro monótono e rotineiro, criador incomparável dêsse tipo de vida agrária e patriarcal — um Brasil “das árvores gordas, das sombras profundas, dos bois pachorrentos, de gente vagarosa e às vêzes arredondadas quase em sanchos-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo” tão bem guizado por Gilberto Freyre. (9) Com os seus traços inconfundíveis:

- A monocultura da cana e a projeção litorânea — a colonização pela geografia do massapê.
- A nobreza do senhor de engenho pela posse do negro e da cana — “o açúcar é a principal coisa com que todo o Brasil se enobrece” (Diálogo das Grandezas do Brasil) — O escravo e o mel aristocratizando o senhor.
- O sedentarismo do negro mais o patriarcalismo português — a família em função do regime econômico.
- A miscegenação aproximando os extremos — Casa Grande e Senzala — o mulato na democracia das distâncias.
- A cana dando cobiça — o holandês, a guerra pelas caixas de açúcar.
- O engenho dando nativismo — a guerra pela libertação da cana e do massapê.
- O triângulo rural — engenho, casa e capela — a vida pela interpretação social e econômica da paisagem.

(6) J. F. NORMANO — Ob. cit., pág. 45.

(7) SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA — Raízes do Brasil — Rio, 1936 — pág. 21.

(8) Idem, idem, pág. 24.

(9) GILBERTO FREIRE — Nordeste — Rio, 1937 — pág. 21.

A estabilidade assim teria que vir numa civilização como essa. Para isso concorria:

- a adaptação do africano ao trabalho rotineiro e monótono;
- a tendência fixadora do massapê criando raízes no homem;
- o latifúndio aristocratizando e patriarcalizando o senhor de engenho;
- a Casa-Grande: “Feias e fortes. Paredes grossas. Alicerces profundos” — “brasileirinha da silva” (Gilberto Freyre).
- os rios magros, “pequenos sanchos panças” — o sedentarismo pela pobreza do caminho nômade.

Tudo isso contribuiu assim para sair uma mestiçagem boa no amor, na vida, na cultura. Uma ingenuidade e uma bondade que espanta no modo de falar, nos dengos e nos gestos do negro, tão bem pintado nesse livro profundo de ecologia que é o “Nordeste” — Esse é o Brasil poema à Gilberto Freyre.

E agora o contraste com êsses “calções de couro”, “essas botas de sete léguas” que dão até medo na gente. Andando numa correria desenfreada no meio da mata, por montanhas, rios, selvas e campos. Pegando índio e caçando ouro, virando bicho no meio da mata. Comendo cobra, sapo e raiz se formos dar crédito ao exagerado cronista da época: “para êles não havia bosques impenetráveis, serras alcantiladas, rios caudalosos, precipícios, abismos insondáveis. Se não tinham o que comer roíam as raízes das árvores; serviam-lhe de alimento os lagartos, os sapos que encontravam pelo caminho, quando não podiam obter alimentação pela caça e pela pesca; se não tinham o que beber sugavam o sangue dos animais que matavam, mascavam fôlhas silvestres e as frutas acres do campo”... (10) Os bandeirantes foram em verdade os autores dêste Brasil titânico, quase mitológico, criado à sua imagem e feição. Asperos, desumanos, atrevidos — “diga a el-rey que venha aonde nós estamos se quiser falar conosco” ou então “pode V.M. perder a esperança de ser rei dos paulistas” que nos deram êsse “luxo de terras” e uma geografia perdulária. Com desprezo pelas coisas boas da terra, ao conforto e à rêde. Solteirão e só. É expressivo, nota Gilberto Freyre, que não tenham deixado sequer um tipo de casa “num esforço quase em vão e todo no raso” se agentes poderosos não intervissem a tempo. Isso se explica no entanto. A casa é um fato antropogeográfico da ocupação do solo, na classificação de Brunhes. E a bandeira não fêz civilização, fêz geografia de trânsito. A preocupação dos tesouros escondidos, das cidades de ouro e ruínas, era muito maior que a arquitetura. A diferença é flagrante entre São Paulo e Olinda. Na primeira as casas eram de palha e de taipa indicando bem a “inquietação, a infixidez de quem estava partindo e voltando a todo o momento” enquanto em Olinda em 1575 havia nada menos de 700 casas de pedra e cal. (11)

Por isso criaram-se inicialmente dois mundos. Só a mobilidade os poderia reunir. Um baseado na ética do trabalho, no esforço lento, pouco compensador e persistente “enxergando” primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar, sentindo desprezo e tendo por “imorais detestáveis” as qualidades próprias do aventureiro, a audácia, a imprevidência, a irresponsabilidade. (12) Aquêle tão bem caracterizado por Gilberto Freyre e êste tão bem defendido por Cassiano Ricardo — “Qual teria sido a sorte do Brasil se o bandeirismo não houvesse corrigido e triplicado a

(10) JOAQUIM NABUCO DOS SANTOS — Memória do Distrito Diamantino, apud BASÍLIO MAGALHÃES — pág. 284 — Expansão Geográfica do Brasil Colonial.

(11) CASSIANO RICARDO — Marcha para Oeste — Rio, 1940 — pág. 118.

(12) SÉRGIO B. DE HOLANDA — Ob. cit., pág. 21.

sua superfície territorial?" Um Brasil que em vez de um poema pede uma epopéia. Dois estilos diferentes traduzindo duas histórias. A expansão bandeirante assim se caracterizou:

— O mito e a lenda na obsessão da bandeira — “os moradores não podem viver sem o sertão” — a função mágica da riqueza magnetizando a expansão.

— A falta de um elemento fixador que prendesse o homem — a “esmeralda valia mais que um latifúndio” — mobilidade que o mito deu na ausência da raiz agrícola excitante.

— Por isso: “O Tietê dando as costas para o mar” oferecia-se para carregá-lo às costas — geografia volante do rio. A Serra do Mar fazia “tôrre de marfim” para o isolamento paulista — A independência de gestos por altitude e atitude: — “acabarei com as Inquisições a frexas”. (13)

— Some-se: o nomadismo do índio e a inquietação mameluca — a bandeira inacreditável:

“os bandeirantes deixando o Tietê alcançaram o Paraíba do Sul pela garganta de S. Miguel, desceram-no até Guapararé, atual Lorena, e dali passaram a Mantiqueira, aproximadamente por onde hoje a transpõe a E.F. Rio e Minas. Viajando em rumo do Jundiá e Mogi, deixaram à esquerda o salto de Urubupungá, chegaram pelo Paranaíba a Goiás. De Sorocaba partia a linha de penetração que levava ao trecho superior dos afluentes orientais do Paraná e do Uruguan. Pelos rios que desembocam entre os saltos do Urubupungá e Gairá transferiram-se da bacia do Paraná para a do Paraguai, chegaram a Cuiabá e a Mato Grosso. Com o tempo a linha Paraíba ligou o planalto do Paraná ao do S. Francisco e do Parnaíba, as do Ceará e Mato Grosso ligaram o planalto amazônico ao rio-mar pelo Madeira, pelo Tapajós e pelo Tocantins” (14) — o itinerário da expansão brasileira, na descrição vivíssima de Capistrano de Abreu. Para entender o bandeirante não é preciso mais. Dizem que passaram “ao Peru por terras e isto não é fábula”.

Felizmente que para uma tão grande dispersão veio em tempo o corretivo amortecedor dêsse arranco inicial. O esforço bandeirante “teria sido em vão e todo no raso” como diz Gilberto Freyre, se não surgisse em tempo uma barreira que freiasse êsse transbordamento tão grande de energia e de gente do planalto. Os bandeirantes acabariam por dissolver-se de tal forma que se pulverizariam por fim. Graças que para tal expansão dispersiva houve o reativo da mobilidade extrema, que não deixou perder a ligação e mais ainda, a contribuição notável, quase-fixadora da descoberta do ouro das Gerais. Êste trouxe gente de tôda a parte. Enxertou negro e português no extremismo mameluco, juntou um pouco de Senzala com a Bandeira. Esta, no entanto, não só fêz movimento e geografia. Plantou muita cidade, deixou muito curral, fêz muito roçado de passagem. Mas a função principal foi geográfica. A ela nós devemos a maior parte dos oito milhões de km<sup>2</sup> que enchem aproximadamente o nosso patrimônio de terras e águas. Quando não pôde mais, parou:

— “econômicamente ela começa pela caça ao índio e termina pela conquista do ouro”;

(13) PAULO PRADO — *Paulística* — Rio, 1934 — pág. 23.

(14) CAPISTRANO DE ABREU — *Capítulos de História Colonial* — Rio, 1934 — pág. 113.

— “étnicamente ela começa pelo índio e termina africana”. (15) Deramou-se em superfície, antes de se desenvolver em profundidade, concordamos com Pedro Dantas, mas só assim ela poderia realizar a expansão embora sacrificando a densidade e a segurança. Não há por que culpá-la.

O ouro chegou em tempo. A febre da ganância chamou gente de tôdas as côres e de tôdas as qualidades: “Das cidades, vilas, recôncavos e sertões do Brasil são brancos, pardos e pretos e muitos índios de que os paulistas se servem. A mistura é de tôdas as condições de pessoas: homens e mulheres, moços e velhos; pobres e ricos, nobres e plebeus; seculares, clérigos e religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil convento nem casa” (16) declara Antonil.

Sobem o S. Francisco e vão bater no Rio das Velhas ou então saem do Rio de Janeiro e de S. Paulo e internam-se nas Gerais onde o ouro é mato... “São 50 000 num ano. Aquilo antecipa de século e meio a Califórnia”. (17) Estamos perante um outro delírio que nos envolveu e quase nos arruína. Apoderou-se de todos os cérebros “obcecando-os numa febre contínua e insopitável”. (18) O ouro não teve, no entanto, êsse poder solidarizante da Casa Grande. A mina pôs ódio no coração de todos. Separou. Emboaba x Paulista. Não teve aquela alegria boa e amiga dos engenhos e bangüês, doce até na expressão, reunindo escravos e senhores. O emboaba veio arrogante, com ares de dono, petulante mesmo. Dominava os melhores caminhos, negociava. “mascateando” e enriquecendo enquanto o “mazombo”, natural do Brasil, considerava o comércio inferior e o desprezava. (19) De nada valia então tanto esforço, tanta luta, tanto trabalho. Daqui só poderia sair o episódio do Rio das Mortes. A vitória da ditadura emboaba, ambiciosa, açambarcadora. Contra ela a reação nativista: Felipe dos Santos, mais tarde Tiradentes. O ouro tentou fazer o que o açúcar fêz. Tijuco e Casa Grande. Aventura e Trabalho. Liberdade. Um expulsou o holandês, o outro por um triz não fêz a Independência.

A mineração foi assim, o corretivo da bandeira. O bateador do bandeirante. O garimpeiro do caçador de esmeraldas. Deu-lhe uma nova configuração, transformou-se, deturpou-a mesmo. Compensou a sua mobilidade dispersiva com acenos de fixação. Com seus defeitos. Com suas virtudes. Somou aventura com aventura. Febre mais febre. Esmeralda com ouro:

— a bandeira caminha para o mito — descobre o ouro. Diz o poeta: “Minas Gerais, fruta paulista”.

— o ouro corrige a dispersão bandeirante — “a bota das correrias foi substituído pelo alveão do minerador”.

Tudo isso deu:

- o povoamento — “são 50 000 num ano”
- o ódio — Paulista versus Emboaba
- a urbs — Vila Rica, São João del Rei
- o estilo — Aleijadinho
- os mártires — Felipe dos Santos, Tiradentes.

—XXX—

Agora vamos ter o inverso. A mobilidade da Casa Grande enraizada no litoral. O pastoreio deu-nos uma expansão em profundidade. Dei-

(15) CASSIANO RICARDO — Ob. cit, pág. XXI.

(16) ANTONIL — Cultura e Opulência do Brasil — pág. 215.

(17) PEDRO CALMON — História Social do Brasil — Vol. I — pág. 216.

(18) BASÍLIO DE MAGALHÃES — Expansão Geográfica do Brasil Colonial — pág. 310.

(19) PEDRO CALMON — Ob. cit. pág. 106.

xou o litoral, tomou as margens dos rios, como baliza itinerante e ganhou por fim o “sertão brabo”. Não há fator de mobilidade e colonização mais importante do que êle. Nem a vista cançada dos horizontes da bandeira, nem a miopia agrícola do massapé. A perfeita visão das suas necessidades — “ao senhor Capitan-maior” os indivíduos que têm “os seus gados vacuns e cavalares nesta Capitania não tem terras donde possa acomodar pedem que seja servido conceder-lhe em nome de sua magestade que Deus Guarde três léguas de terra de comprido e uma de largo”, é o lote habitual do tempo. (20) Houve também o mundo de terras, o latifúndio da Casa da Torre “ganho com papel e tinta” com 250 léguas de testada e o de Antônio Guedes de Brito com 150 léguas. Mas havia o recurso do distributismo — “como seus gados não davam para encher tamanhos dimensões, arrendava sítios, geralmente de uma légua, a razão de 10\$000 por ano”. (21)

Temos agora povoamento em superfície e em profundidade. Com raízes pela criação de riquezas na multiplicação dos rebanhos. O boi foi incontestavelmente o pioneiro do sertão, a alavanca povoadora da caatinga. Sem caminhos abertos de penetração, esta não cederia sem aquêle. Foi a solução regional da conquista. Traduziu em termos magníficos a mobilidade sertaneja, o ímpeto colonizador. Dilatou o ecúmeno fazendo “espaço ativo” Criou a bem dizer, “uma unidade antropogeográfica” (Krebs), uma estrutura, um alicerce, um jeito de vida diferente e novo. Dispensava a proximidade da praia, dava-se bem nas regiões impróprias para o cultivo da cana, pedia pessoal diminuto, quase abolia capitais, fornecia alimentação constante, superior à da marinha e de tudo pagava-se apenas em sal, tais são as virtudes e excelências da criação de gado segundo Capistrano de Abreu. — Mas se de um lado é cheia de virtudes, por outro não há vida tão apertada, difícil, êle mesmo confessa. Sôzinho na luta contra o deserto — “o criador de gado não pode suportar a vizinhança próxima porque para pastagem êle precisa de vastas extensões de terrenos”. (22) Aqui se ajusta o conceito de Vital de la Blanche “il faut se séparer pour vivre”, solto para tôdas as iniciativas, “vivendo” a situação de suas necessidades, apelando apenas para os seus próprios recursos. Em página que se tornou clássica Capistrano de Abreu apontou todo o “equipamento civilizador” do vaqueiro: a porta da cabana, o rude leito, as cordas, “a borracha”, o mocó, a maca, a mochila, a peia, as bainhas, as brocas e surrões, a roupa, os bangüês — a época do couro. (23) O gado não criou nem teve função escravizante. Ao contrário ofereceu grandes possibilidades de mobilidade vertical — agregados, vaqueiros e fazendeiros. “Depois de quatro a cinco anos de serviço começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias cabia-lhe uma; podiam assim fundar fazenda por sua conta”. Ainda hoje o vaqueiro “tira sorte” como recompensa aos seus serviços.

A procura dos pastos e dos brejos, a descoberta dos barreiros e dos lambedouros, a sombra das árvores acolhedora e amiga, puxavam as pontas do gado cada vez mais para o sertão. A mobilidade e a inquietação do mameleuco feito vaqueiro, encontrava a plena expansão para as suas virtudes ancestrais. O *rush* assim se explica pela multiplicidade e afastamento da boiada levando em sua pista o vaqueiro. Êles somam-se e completam-se. O vaqueiro, “bárbaro, impetuoso, abrupto”, à imagem da terra e do gado, impede a deserção do rebanho, guiando a novilha tresmalhada. Tange, fazendo a disciplina do curral. A boiada, ganhando o pasto, une os espaços sem gente, colorindo o panorama com o elemento civilizador, deixando a “marca geográfica do homem” na sua passagem. Temos assim geografia huma-

(20) DJACIR DE MENEZES O outro Nordeste — Rio, 1937 — pág. 68.

(21) CAPISTRANO DE ABREU — Ob. cit., pág. 141.

(22) HANDELMANN cit. por PEDRO CALMON — Ob. cit., pág. 50.

(23) CAPISTRANO DE ABREU — Ob. cit. — pág. 143.

na à custa do gado. No linguajar decidido e forte, nas ações bruscas e rápidas, nos estilos de vida, nos sentimentos de honra e até no crime — matar não, roubar é que é crime, “ladrão de cavalo”. O rastro do boi foi tão forte que batizou os nomes dos povoados e lugarejos, na sua marcha colonizadora: Curral dos Bois, Currais Novos, Curralinhos, Mangas, Capim Grosso, Gado Bravo, Pastos Bons, Campina Grande, Touros, Bezerros, Bebedouro, Rio dos Bois — Rio S. Francisco, rio dos currais. (24)

O S. Francisco foi o polarizador desse movimento. Um magnífico exemplo de um “centro de atração” Daí o gado levando gente partiu irradiando-se por todo o sertão. Mudou-se então o “pólo de densidade”: de “foco de concentração” passou a “centro de irradiação”, seguindo as “rotas de mobilidade e dispersão” pelas linhas de menor resistência. (Brunhes — 25) Analisemos de relance essa marcha. Antonil, como sempre, é um precioso auxiliar: “os currais da parte da Bahia estão postos no bordo do Rio S. Francisco, na do Rio das Velhas, na do Rio das Rãs, na do Rio Verde, na do Rio Vasabarris, na do Rio de Sergipe e de outros rios” — com mais de quinhentos currais contendo mais de meio milhão de cabeças de gado, e os de Pernambuco com mais de oitocentas mil. Seguindo a princípio o curso do Rio S. Francisco, povoou as ribeiras, abrindo caminho. Chamou gente de Pernambuco e juntou gado da outra margem. Ligou-se com o pessoal do Maranhão pelo Rio Piauí — “o riacho de Terra Nova e o da Brígida facilitaram a marcha para o Ceará. Pelo do Pontal e pela Serra dos Dois Irmãos passaram os caminhos do Piauí. (26) Minas Gerais consumia gado do Piauí, diz o Conde de Assumar, citado por Pedro Calmon: “costumam sair do Piauí e Paranaguá em distância de quatrocentas léguas deste governo todos os gados que servem para a sua subsistência”. O passador de gado é figura tão importante como o vaqueiro. Dá-lhe maior circulação e movimentação a riqueza dos rebanhos. Mais tarde “a aguilhoada fixadora dos passadores de gado” chegariam a Goiás e a Mato Grosso “pelos rios Prêto Corrientes, Paracatu e Paranaíba, e, daí, pelo Triângulo Mineiro até o Rio Paraguai” — explica Hélio Viana. (27) A função pioneira do gado não pára aí — o gado do pampa avança dos campos do Rio Grande e Nova Colônia para Sorocaba. Os “entradores” vindos da cochila e da estância dirigem seus gados para Minas Gerais que morre de fome e vendem-no a 60 e 80 oitavas de ouro de cada rês. Minas assim reuniu o gado do Piauí e do São Francisco ao do Rio Grande. A fazenda ligou-se à estância. O sertão ao pampa. O “baiano” ao gaúcho. Depois foi além: Marajó, Rio Branco, Mato Grosso.

Na expansão do gado temos pois, a considerar:

— A linha de menor resistência, o rio, facilitando a conquista — a geografia aliada no balizamento do rastro.

— A procura dos pastos, dos brejos, dos barreiros e dos lambedouros, internando o gado — a sede e a fome na economia do *rush*.

— O ímpeto do rebanho puxando nas suas pontas o vaqueiro — “por onde passa o boi, passa o vaqueiro com o seu cavalo” (Euclides) — a pista do boi na psicologia do arranco.

— A inquietação mameluca encontrando a vocação pastoril — “a gente dos sertões”, “tem pelo exercício nas fazendas de gado tal inclinação que procura com empenhos ser nela ocupada” (Roteiro do Maranhão a Goiás) a economia nômade em torno da vocação do vaqueiro móvel.

(24) AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO — Terra do Brasil — Rio, 1939 — pág. 210.

(25) J. BRUNHES y C. VALLAUX — Geografia de la Historia — Madri, 1928 — pág. 115.

(26) CAPISTRANO DE ABREU — Ob. cit. — pág. 141.

(27) HÉLIO VIANA — Formação Brasileira — Rio, 1935 — pág. 79.

— A ascensão vertical do vaqueiro a dono da fazenda estimulando a multiplicação dos rebanhos — “de quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta” (Capistrano) — democracia do gado contra aristocracia do engenho.

— A adaptação do pastoreio ao sertão — a “criação de gado é ali, a sorte de trabalho menos imprópria ao homem e a terra” (Euclides); “a solução foi o gado vacum” (Capistrano); “assim todo sertanejo é vaqueiro”...

— O gado na alimentação — o ouro apelando para S. Francisco e Rio Grande — a fome na confraternização dos extremos.

— O homem livre na psicologia do infinito — “o espírito de liberdade foi o propulsor do povoamento dos sertões” (Martius) — deu horizonte de trabalho na geografia da expansão.

No gado, portanto, é onde vamos encontrar o legítimo *habitat* da expansão e da mobilidade brasileira. Nem excesso de expansão — fator de grandeza, nem carência da circulação — fator de unidade.

Outras economias empolgaram a vida nacional. O algodão enloqueceu muita gente do Nordeste: “de um ano para o outro, o sertão cobriu-se de algodoais, era uma febre que a todos alucinava, a febre da ambição”. Repetiu-se neste ciclo, gerado pela Independência dos Estados Unidos e mais tarde pela guerra de Secessão, as mesmas tendências conhecidas. O cacau na Bahia continua o nervosismo econômico. Mas nenhum deles teve a expressão e a intensidade do café. São Paulo depois de nos dar a geografia, esmoreceu. Somente o café seria capaz de tonificar-lhe e sacudir-lhe os nervos. Revitalizou-se empolgando-o. Não há um ciclo de tão pronunciada atividade. Teve uma missão messiânica, tão cheia de sacrifícios, diz Paulo Prado, mas igual às outras. O fazendeiro, seu elemento típico, desempenha dois papéis: “é bandeirante desmatando o sertão; é lavrador, criando a próspera plantação que lhe dá fortuna, honra e autoridade; e com ele, envelhece o chão. . . Outras mocidades, mais “terra roxa”, cafeeiros novos e aquela evolução se repetirá. (28) O pioneiro, a coivara, o cafèzal. A onda verde avança.

O café teve a missão, de início, de colorir de negro o planalto. São 30 000 negros por ano, em média que passam para lá entre 1850 e 1870. O fenômeno cafeeiro dêsse modo compensou os efeitos separatistas que por acaso viessem a surgir. O negro assim fêz no planalto o que já havia feito na mina. O café tal como se deu com a açúcar e o ouro, existia em sua função. “O café é o negro dizia-se”. O fazendeiro fechou-se num círculo vicioso de que falou Saint-Hilaire: comprava escravos para cultivar mais terras e adquiria terras para comprar mais escravos. (29) Quando faltou o escravo veio o imigrante. 13 de Maio quase não alterou a sua vida. O café continuava a sua marcha forçada. Da Tijuca e das fraldas do Corcovado avançou para o Rio Piraíba e seguia-lhe o curso. Penetrou em Minas. Chegou em São Paulo pela Vila de Areias. Encontrando afinal a “terra roxa” perdeu-se no oeste. Ainda hoje deve estar caminhando.

Com o deslocamento da fronteira econômica pela supremacia do café, São Paulo se tornou rei. Em povoamento, em fortuna, em nobreza, em progresso e política. Na civilização do café se deve considerar:

— o delírio cafezista e a resposta imediata: o *rush* — “o negro é o café” — na africanização do planalto.

— o avanço para o oeste: a terra roxa puxando as pontas da onda verde — o *rush* pela geografia da lavoura.

— a nobreza que o café deu competindo com a que o açúcar criou — a supremacia do sul pela economia e pela política.

(28) PEDRO CALMON — *História Social do Brasil* — vol. II — pág. 189.

(29) PAULO PRADO — *Paulística* — pág. 210.

— o 13 de Maio e a substituição do negro: o ocaso do Império pela destruição da economia patriarcal.

Nôvo ciclo: a transformação da vida tradicional — a arianização do planalto pelo imigrante, contribuindo para uma nova interação de cultura.

— A riqueza do café na criação da cidade: o arranha-céu e a máquina na industrialização de São Paulo.

A renacionalização da paisagem: “em 10 anos são mais de 600.000”. O nordestino, o baiano, o mineiro na tradição histórica do Piratininga.

Aqui temos os traços principais da expansão brasileira. Expansão feita à custa dos deslocamentos que o entusiasmo, a riqueza e a ventura despertaram. Uma intensa geografia do movimento em derredor de uma excitante e messiânica economia nômade:

- o massapê e a casa — o senhor de engenho.
- a mata e o índio — o jesuíta e o colono. A tropa do resgate
- o rio e a droga — o regatão.
- a serra e a esmeralda — o bandeirante.
- o ouro e o morro — o garimpeiro.
- o sertão e o boi — o vaqueiro.
- a terra roxa e o café — o fazendeiro.
- a seringueira e a borracha — o “cearense”.

A mobilidade impediu a dispersão. Se ela contribuiu poderosamente para o alargamento territorial, nem por isso deixou de realizar uma intensa circulação, o bastante para nos conservar unidos. Foi o sêgrêdo da nossa vitória. Ausência de estratificação, de formas fixas, de hábitos inveterados. Formamos, desde a origem um mundo democrático sem castas, nem exclusivismos ou preconceitos. Com magníficas possibilidades de trânsito, de movimentação e ascensão social. Auxiliado por uma poderosa expansão demográfica graças a um alto coeficiente de reprodução. A população rapidamente cresce e se move vegetativa e socialmente. Fronteira econômica, política e demográfica em plena expansão. Uma capacidade de reprodução vigorosa e um entusiasmo estrepitoso pela riqueza contribuiu para essa mobilidade em todos os sentidos.

Mobilidade regional intensíssima: “paulistas e fluminenses estiveram a combater na Bahia e em Pernambuco que se defendia do holandês”. São ainda paulistas que “foram contratados como conquistadores para exterminar indígenas rebelados no sertão baiano, donde passaram ao Piauí, também acabando com os quilombos de escravos africanos nas Alagoas”. (30) Capistrano de Abreu diz que cearenses concorreram para a fundação de S. Francisco de Paula, mais tarde Pelotas. Cearenses, paraibanos e maranhenses conquistaram o Acre, chefiados por Plácido de Castro, caudilho gaúcho. O nordeste e o sul irmanados no oeste. Só São Paulo, de 1934 a 1939, recebeu 332 464 baianos, mineiros, alagoanos, pernambucanos, fluminenses e cearenses. (31) Bulhões de Carvalho traça o quadro da participação dos elementos regionais vivendo nos diferentes Estados: cearenses, paraibanos e paraenses no Acre; cearenses, paraenses, paraibanos, rio-grandenses e maranhenses no Amazonas; amazonenses, cearenses e maranhenses no Pará; cearenses e maranhenses no Piauí; paraenses, paraibanos e pernambucanos no Ceará; pernambucanos, cearenses, baianos e rio-grandenses na Paraíba; paraibanos, alagoanos e cearenses em Pernambuco. “Ao

(30) HÉLIO VIANA — Ob. cit. — pág. 13.

(31) FERNANDO MIBIELLI — “População e Imigração” — Rev. Brasileira de Estatística — Ano III — N.º 9 — Janeiro-Março de 1942 — pág. 111.

sul salientam-se, quanto ao número de emigrados, as colônias mineira e fluminense, no Estado do Espírito Santo; as colônias baiana, carioca, mineira, paulista e espírito-santense, no Estado do Rio de Janeiro; as colônias fluminenses, mineira, paulista no Distrito Federal; as colônias catarinense e paulista no Estado do Paraná; as colônias, mineira, carioca, fluminense e paranaense no Estado do São Paulo, onde é também notável o número de baianos; as colônias paranaense e rio-grandense do sul, no Estado de Santa Catarina; a colônia catarinense, no Estado do Rio Grande do Sul. No centro são mais numerosos, no Estado de Minas, os paulistas, os fluminenses, o cariocas e os espírito-santenses; no Estado de Goiás, os mineiros, e, finalmente no Estado de Mato Grosso, os paulistas e os mineiros". (31-A) A mesma mobilidade que nos dispersa, nos mantém, portanto em freqüente comunicação. Além disso uma prodigiosa capacidade de transformação e adaptação, faz do cearense, do paraibano um amazonense ou um acreano, do baiano ou do mineiro um paulista, do amazonense ou do paraense um carioca.

A mobilidade biológica, pelo cruzamento das raças, continua essa tendência. Fêz do negro e do português, um mulato, do índio e do português um mameluco, do índio e do negro (mais raramente), um cafuso. Agora faz do ariano, um mestiço. A mobilidade econômica já estudada, para a compreensão total do fenômeno, passa do pau-brasil à cana, da bandeira ao ouro, do açúcar à da bandeira de gado, do açúcar ao algodão, do ouro ao café, do gado e da roça à seringa. Esta mobilidade é ponto vital, condição indispensável à geografia da unidade nacional. Como complemento dela, surge a mobilidade vertical, tão bem caracterizada por Sorokin. De vaqueiro a fazendeiro, de seringueiro a seringalista, de operário a patrão. Faz de um mulato um Capitão-general; Koster perguntou um dia a um pardo se certo capitão-mor era mulato. Ele respondeu-lhe que era, porém já não é: "pois senhor, capitão-mor pode ser mulato?" A mobilidade vertical anulou o preconceito de cor. Ficamos portanto com este paradoxo: um mulato podia muito bem ser capitão-general, mas um capitão-mor não podia ser mulato. Mobilidade vertical ascendente das mais legítimas sem rebaiamento funcional do cargo. A mobilidade profissional é alarmante e nos tem causado sérios transtornos: de bandeirante a minerador, de senhor de engenho a fazendeiro, de agricultor e vaqueiro a seringueiro e agora com o advento do urbanismo, de agricultor a operário. O mesmo fato se passa nas profissões liberais. Não há como nos países de cultura já estratificada uma genealogia profissional, passando de pais a filhos. Sérgio Buarque de Holanda traça-nos um quadro realíssimo — "ainda hoje são raros, no Brasil, os médicos, os advogados, os engenheiros, os professores, os funcionários que se contentem em ser homens de sua profissão". Revemos constantemente o fato observado por Bursmeister nos começos de nossa vida de nação livre: "ninguém procura seguir o curso natural da carreira iniciada, mas cada qual almeja alcançar aos saltos, os altos postos e cargos rendosos; e não raro conseguem. O alferes de linha sobe aos pulos a major e a coronel de milícia e cogita, depois, em voltar para a tropa de linha com essa graduação. O funcionário público esforça-se por obter colocação de engenheiro e o mais talentoso engenheiro militar abandona a sua carreira para acubar o cargo de arrecadador de direitos da alfândega. O oficial da marinha aspira ao uniforme de chefe de esquadra. Ocupar cinco ou seis cargos ao mesmo tempo, e não exercer nenhum, é coisa nada rara" (32). Esse cronista traçou maravilhosamente e de um modo impressionante o quadro da inquietação nacional. Uma sociedade agitada, inconstante, mobilíssima. Sem tradição nem genealogia, em pleno furor de expansão, a

(31-A) Idem.

(32) BULHÕES DE CARVALHO — Estatística — Método e Aplicação — Rio, 1933 — pág. 453.

percorrer todos os postos e escalas que a situação das classes ou profissões ofereça. Sorokin traduz sociologicamente o que Bursmeister observou na realidade,

“seus membros nem social, nem psicologicamente, possuem essa “psicologia da predestinação”. Procuram subir. São ambiciosos. Temem ser distanciados. De modo que não têm paciência, nem alegria com a posição que ocupam. Aquêles que estão por baixo quer ficar de cima. Aquêles que já estão nas camadas superiores quer subir ainda mais ou teme degradingolar Daí um arranco (mad rush) para derrubar todos os obstáculos”. (33)

Daí essa vertigem, essa volubilidade da alma nacional. Em Minas Saint-Hilaire ouviu: “pai taberneiro, filho cavaleiro, neto mendicante...” No norte se diz: “pai rico, filho nobre, neto pobre...” Mobilidade econômica em todos os sentidos, confraternizando e impedindo as perigosas estratificações antes do tempo. Anulando os preconceitos. Fazendo circulação entre as classes e as profissões. Dando assim unidade econômica e política pela intensa movimentação regional e trânsito da riqueza. Contra os antagonismos contundentes, as condições de fraternidade e mobilidade vertical peculiares ao Brasil, salienta Gilberto Freire: “ a miscegenação, a dispersão da herança, a fácil e freqüente mudança de profissão e de residência, a acessibilidade a cargos e a elevadas posições políticas e sociais a mestiços e a filhos naturais, o cristianismo lírico à portuguesa, a tolerância moral, a hospitalidade a estrangeiros, a intercomunicação a diferentes zonas do país”. (34)

Não é preciso mais. Pensamos haver traçado o perfil econômico e psicológico da sociedade brasileira em suas linhas gerais. A Amazônia inscreve-se dentro desse conjunto. Para compreendê-las, faz-se mister enquadrá-la.

Agora, podemos começar.

(33) SÉRGIO B. DE HOLANDA — Ob. cit. — pág. 115.

(34) PITIRIN SOROKIN — *Social Mobility* — apud. TRISTÃO DE ATAÍDE — *Concepção integral do Direito* (Introdução a materialismo jurídico) — págs. 141 - 142.

#### IV. PERFIL ANTROPOGEOGRÁFICO DO IMIGRANTE NA AMAZÔNIA

Há um contraste geográfico e humano a salientar-se entre a Amazônia e o Nordeste. De início salta aos olhos a chocante disparidade entre essas clássicas paisagens. O que uma tem de mais, a outra tem de menos. Não há termos de proporção entre êsses extremos. Passamos brutalmente de um deserto para um dilúvio, da caatinga cinzenta e quase-morta para a hiléia verde e sempre-viva. Do sertão para o rio, “da sede para o afogamento”. O paralelo humano é mais expressivo. Cada um tipo conserva as suas fronteiras definidas. Com fisionomias e atitudes diferentes. Com regimes de vida e horizontes de trabalho quase opostos, característicos. Na alimentação, nos gestos, nos costumes, na cultura, na psicologia. O homem do rio é assim a antítese do homem da seca. Para conceituá-los bastaria o regime antropogeográfico do caminho: — um em função do pé e da pata, o outro vivendo em razão do remo e da canoa. Só o destino, com os seus paradoxos, poderia colocar um em face do outro.

Um clima de adversidade e de dolorosas surpresas, uma terra áspera, “os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés”, “paisagens duras doendo nos olhos”. Mandacarus, xique-xiques, cactos. Caatinga. Um sertão “com raiva de chuva”, “descansando na seca”, matando de fome e de sede as pessoas, os animais, os bichos, os legumes. “Sertão são brabo que não tem pena da gente” na expressão do imigrante. Com uma gente valente e resignada. Resolvida e bárbara mesmo. Com um “chamego ao chão” e à convivência que não larga mesmo de longe. Não importa a seca, a desgraça, o sofrimento — “cearense é bicho danado de patriota”. Essa é a paisagem conhecida. As fazendas e os roçados. Com os seus agregados, vaqueiros e donos de currais. Os bois e os cavalos. A cabra e o queijo. A farinha, a rapadura e a carne de sol. Os desafios e as violas, as vaquejadas e as capoeiras. Fanatismo. Gente dócil junto de um misticismo ingênuo, pueril, beato. Os contrastes. O cangaço, terror do sertão com gente “ruim de corte”, “cabras de pé rachado”. Os dois Antônio, Padim Ciço, Lampião. O flagelo da seca quando vem, “cutuca o pessoal todinho e faz a gente deixar o nosso chão” Mata à míngua todo o mundo. Acaba com os pastos, as roças, os legumes e as reses. Então vêm as rezas. Depois o inverno bonito de verde, ressuscita a vida, os campos, a alegria. A vida sempre em princípio, a recomeçar depois de cada calamidade. “Lá é assim. A gente está sempre em começo. Nunca vi se terminar uma coisa. Eu estou cansado de viver pobre e começando sempre” Infelicidades, misérias, cortejo de famintos e esfarrapados. Retirantes “derrubando 50 léguas mode se salvar”. Tudo isso constitui a vida do sertanejo que ora obrigados, alguns dizem “tangidos”, “cutucados”, a expressão do imigrante é certíssima, ora “influenciados” pelo anúncio, vêm de qualquer forma aventurar na Amazônia.

Isso é tão diferente e está em contradição tão clara com a nossa geografia e o nosso homem. Um rio que destrói os roçados, carrega os barrancos, as barracas. Uma paisagem enxarcada, submersa a maior parte do ano. Os igapós, as várzeas, os lagos, os paranás, um mundo de águas e rios. E um tipo curiosíssimo de gente, ainda por estudar Caboclos mansos, esquecidos do mundo, sem ambição. Com um notável instinto de defesa e de aproveitamento dos recursos naturais. Vivendo em função de seu meio. Geográfica, vegetalmente. Dos peixes dos rios, do pirarucu e do tambaqui, do jaraqui e do matrinchão: da farinha-d'água e do seu roçado. A mulher, os curumins, os xerimbabos, a rêde. A "montaria" — uma esplêndida tradução antropogeográfica do veículo feito pelo caminho. Uma economia doméstica, cerrada, de insatisfação de suas necessidades. Sem estímulos, nem reações violentas. Uma adaptação passiva prodigiosa. A barraca sôbre o espeque a acompanhar a baixada e a subida do rio. Uma capacidade de encôsto, para vencer o perigo, surpreendente. Sem vexames, pressa ou afobamento. O compasso da enchente e da vasante bancando diapasão na sua vida. O seu trabalho e os seus passos, a sua alimentação e as suas festas, vivem em função exclusiva do rio. O jirau, olhando de cima a água, a maromba, uma vitoriosa versão do curral. A economia extrativa, de menor esforço, do só chegar-e-apanhar. O fabrico e a safra. A borracha e a castanha. A pesca do pirarucu e a do peixe-boi. A viração da tartaruga. A piaçava, o cacau, o guaraná. Com um pequeno equipamento de cultura. A cuia, o tipiti, o anzol e o arpão, a tarrafa. A festa socialista do trabalho — o putirum. Conservando do índio a habilidade e os segredos da terra, que só êle sabe, e do civilizado, a sífilis, o alcoolismo, o conceito de inferioridade.

Com êsse contraste só poderiam nascer duas psicologias distintas. Dois destinos diferentes, quase sem comunicação. O "cearense" audacioso, atrevido, falador. O caboclo, frio, suspicaz, discreto. Duas respostas: o cearense vinga-se com a faca, o caboclo com o sorriso. (1) Só a contingência do acaso poderia colocar um em frente ao outro. Mas distanciados assim, conservaram o que podiam de si mesmo. O cearense passou a viver na Amazônia mas só a muito custo deixa de ser cearense. O caboclo continuou igual a si mesmo perante o nordestino, imunizado na várzea. Isolamento geográfico e psicológico em torno deles. Geograficamente o nordestino escolheu para *habitat* os altos rios cujas condições lhe eram mais vantajosas para a sua febre de ambição. Deixou a margem e buscou o centro. Isolamento espacial de razão econômica e psicológica: seringais virgens, densidade maior de hévea com superior qualidade de "nervo" à busca de uma terra firme que o acolhesse longe do "terror pânico à água" dos primeiros dias, como veremos adiante. O cearense guardou distância na sua formação amazônica, não conseguindo contaminar aventura na paciência do caboclo. Quando êste vira seringueiro trabalha a seu modo. Procura os baixos rios, perto dos peixes e da montaria. O caboclo Cláudio Ferreira de Lima, de Santarém, que entrevistamos, esclareceu-nos a êste respeito. Quando lhe perguntei porque não ia tirar borracha lá no Acre, êle respondeu. — "Não sei pra que ir pro alto. Nós não somos ambiciosos como os cearenses. Também nós não temos para onde ir". Quando sertanejo vira seringueiro procura subir cada vez mais — "Vou pro Juruá porque me disseram que é um lugar muito perecido com o meu sertão. Gosto do pé enxuto". Vive sempre acomodado ao ambiente. O seu pensamento vive longe, revendo espiritualmente o sertão. Repare-se êste, por exemplo: "Eu não abandono o meu sertão. Quando aqui começa a chover e a trovejar me dá uma vontade de ir voando para lá". Nas menores coisas fazem essa associação.

(1) TOMÁS POMPEU SOBRINHO — O Homem do Nordeste — Revista do Instituto do Ceará — Tomo LI — Fortaleza, 1937 — pág. 381.

O Ceará os chama constantemente por intermédio da família, da convivência, da terra. "Eu não aguento a imaginação. Estou doido para voltar". Mas mesmo assim deixou marcas fundas na paisagem da terra. Esta conseguiu até uma transformação surpreendente. Calmou-lhe em parte o ímpeto. Corrigiu-lhe os transbordamentos de energia pela aplicação do trabalho e por fim deu-lhe celebridade merecida. O cearense, em réplica, desviou o nosso destino, torceu o sentido do nosso caminho, afundando a penetração e o desbravamento da terra.

Não podendo rever o sertão, porque está ligado por interesses mais fortes ao Amazonas, o sertanejo trai-se a todo o momento. O velho sertão que andava recalçado aparece disfarçado na primeira oportunidade. A sombra afetiva d'ele projeta-se na sublimação lírica dos nomes dos lugares, dos sítios, das fazendas, dos seringais: Seringal Fortaleza, Iracema, Ceará, Sobral, Pageú, Crato... Ou então numa explosão incontida: "Tome cuidado, olhe que eu sou cearense". De qualquer forma o sertão vive "boiando" na sua vida. É o tributo que ele paga ao remorso. Da mesma forma a terra vingá-se do homem que a abandona. O "manso" de volta ao Ceará será "paroara" para o resto da vida. Eis o testemunho de um paroara: "Todos me chamavam paroara, não se chegavam perto de mim, me tinham ódio. Achei tudo exquisito. Não me acostumei mais lá. Então arribei de uma vez".

É forçoso confessar, diz Vianna Moog, que entre o homem e a terra não há mais do que um pacto de interesse. (1-A) Isso se explica pelo próprio regime de vida que levamos. Não pode haver piedade na indústria extrativa. Por isso o nordestino persiste, mesmo de longe, no destino de sua terra, à qual se acha profundamente ligado. Ele não veio nem vem ainda, para ficar. Vem à procura de recursos, escapando da seca ou atrás da fortuna, chamado pela borracha. Em 55 entrevistas realizadas no decorrer deste estudo, 28 imigrantes pretendiam voltar logo que arranjassem uns recursos, 9 já estavam arrependidos de ter vindo e apenas 18 pensavam em ficar, não queriam mais saber do Ceará. Todos estes que responderam desse jeito eram "mansos" que retornavam desiludidos do sertão. Mais para adiante analisaremos o caso detalhadamente. O Amazonas é assim um vasto acampamento. Homens à procura de fortuna, não à procura de terra. Daí instabilidade, nervosismo, palpitação. É a borracha na sua função atrativa, fazendo "foco de apêlo", ou antes, dando "apetite de seringa" na gíria do imigrante. O delírio foi bem compreendido por Abguar Bastos: "compreende-se que no Acre, tudo é febre, além de febre do corpo. Febre nas marchas. Febre no trabalho, febre em tôdas as paixões, febre torrencial, escarlate, profundamente cósmica". (2)

O regime de vida terrivelmente destrutivo, vence o amor e instaura em seu lugar, a cobiça e a aventura. Sem base agrícola a fixar o imigrante não se pode faltar em colonização. Falta-nos as raízes estabilizadoras do amanhã da terra, o amor ao trabalho, à criação, o conforto. Por muito tempo seremos ainda assim. O quadro de ontem com pouca diferença ainda é o de hoje. Nada pode competir com a borracha em tempo de alta. Abandona-se a agricultura, escasseia o braço, desaparece o roçado. Todo o mundo se dirige para os seringais. Ela é como muito bem disse Cosme Ferreira Filho: "O único sismógrafo de sua vida econômica". (3) Os Relatórios da Presidência da Província são preciosos auxiliares para a compreensão desse fenômeno: "não tenhamos essa esperança, por muitos anos a indústria extrativa será o único incentivo que

(1) VIANNA MOOG — O Cielo do Ouro Negro — 1936 — pág. 32.

(2) ABGUAR BASTOS — Certos Caminhos do Mundo — Rio — pág. 62.

(3) COSME FERREIRA FILHO — A Borracha — problema brasileiro — Manaus, 1928 — pág. 3.

chamará a população às nossas margens e em lugar de animar e prosperar a lavoura será um embaraço, uma força que se oporá ao seu desenvolvimento". (4) É a única indústria que empolga tôdas as forças vivas da província, queixam-se os homens do tempo que souberam compreender o destino que nos esperava. A incipiente agricultura colonial desorganiza-se. A borracha com sua força monopolizadora esteriliza tôdas as outras atividades. Queixam-se os Presidentes da Província: "tudo conspira contra a agricultura. Há povoações nesta província em que não se encontra senão com extrema dificuldade ave doméstica. Não se vê um pé de milho, nem uma planta de horta, nem uma árvore de fruta!" (5) Aliás isso não é só peculiar à Amazônia. Tôda vez que um ciclo econômico contagia delírio na população, há fome. Abandona-se a plantação. Corre todo o mundo. Nas Minas Gerais morria-se de fome se não fôsse o gado do Rio Grande e do S. Francisco já vimos. Gilberto Freyre diz que a monocultura da cana é esterilizante. No Nordeste no tempo da loucura do algodão, declara Rodolfo Teófilo: "Os homens descuidavam-se da mandioca, dos legumes, as próprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto: era uma febre que a todos alucinava, a febre da ambição". Já naquele tempo se previa as conseqüências desse ciclo que viria desencadear a maior corrente migratória em tão curto prazo de tempo. Os administradores do tempo do Império, reclamam providências e por fim acabam blasfemando: "Verdadeiros nômades, quais ciganos, não são êsses que hão de levantar povoados, nem concorrer para aumentá-los". (6) Isso porque o imigrante na Amazônia veio e continua vindo com a intenção de voltar na primeira oportunidade. O regime florestal destrutivo estimula êsse impulso. Chegaria a ser quase um transumante se o permitissem. Conserva-se fiel ao seu destino sertanejo. Explica-se. O nosso é o destino da aventura, transitório, efêmero, do fazer dinheiro para voltar depressa. O dêles é o destino da terra e do trabalho, com raízes fundas, com laços de sangue e de família amarrando a sua vida. Não há porque acusá-lo. A culpa não é dêle. A indústria extrativa, poderosamente destrutiva, não deixa êle criar amizade à terra. Por isso tem razão Gilberto Ozório de Andrade:

— "Essa Amazônia prodigiosa, atordoante, nunca inspirou amor. Só cupidez". (7)

Nem sempre o imigrante consegue reagir contra a memória. Neste caso teremos forçosamente um desadaptado. Só os que conseguem se acomodar triunfam. A acomodação é um processo de conciliação frente ao conflito. (8) O seringueiro Francisco Prata, que entrevistei, conduziu-nos a uma primeira compreensão desse processo: "Eu tive que me *domesticar*. Para se ganhar dinheiro é preciso sacrifício. Custa muito porque *a vida aqui é muito doída*. Tudo que é imaginação ruim persegue a gente nos primeiros tempos". A sua acomodação foi um imperativo do meio e do seringal. Ele enxergou e caracterizou, melhor que ninguém, na sua linguagem bárbara, o que os sociólogos fazem com os termos técnicos.

— "Quem vive no inferno se acostuma com os cães".

Naturalmente que o imigrante experimenta, temos notado, um tremendo choque ao encontrar tão grande desequilíbrio na sua nova vida.

(4) Relatórios da Presidência da Província do Amazonas — vol. IV — pág. 552.

(5) Idem, idem, vol. V — Relatório Dr. Jacy Monteiro, 1877 — pág. 736.

(6) Idem, idem — vol. V — pág. 738.

(7) GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE — Um Complexo Antropogeográfico — Recife, 1940 — pág. 14.

(8) HERBERT BALDUS e EMÍLIO WILLIMS — Dicionário de Etnografia e Sociologia — São Paulo, 1939 — Vol. Acomodação, pág. 18.

Este fato foi também observado por Abguar Bastos no livro de Craveiro Costa. O imigrante “cai” ao passar de um estágio superior de economia agrícola, para “uma economia de bugre manso” ou economia florestal. (9) Por isso quase nenhum deles pensa em agricultura. Esta seria a vitória da colonização e pressentiria a queda ou a não existência da borracha como “foco de apêlo”. Temos um precioso Regulamento de Seringal que bem explica a mentalidade que leva o imigrante a êsse destino. Diz êle: “Todos os habitantes dêstes seringais têm por dever:

Trabalhar para se manter decentemente, porque sendo os seringais um núcleo de trabalho, para onde se vai com a *vontade exclusiva de ganhar dinheiro*”...

Ora, vontade exclusiva de ganhar dinheiro só combina com economia destrutiva e não com agricultura. Não se cuida como nesta, do bem-estar, do conforto, da felicidade. Agricultura não rima bem com seringa. Êste Regulamento que temos é típico no gênero. Contém umas revelações interessantíssimas. Mais do que tudo é fiel no retratar o regime de vida do seringal. Entre os deveres do seringueiro estatui que êle “deve ter em consideração que quando vem para os seringais e se coloca como extrator é para produzir borracha”. Nos primeiros tempos havia patrão que proibia a agricultura porque naturalmente desviava a atenção do homem da seringa. Isto era bastante lógico. O patrão queria borracha e não legume. A ganância não deixava mesmo ninguém pensar em roça. Havia um ditado muito interessante, transmitido pelo meu pai, que passou a maior parte de sua vida, no Rio Abunã, e que me foi um precioso e incansável auxiliar na orientação prática dêste trabalho: — “Quem fôr tatu que cave, quem fôr macaco que se atrepe”. Com isso êles queriam dizer que tanto o *arrôcho* como o *mutá* era permitido. O patrão queria borracha de qualquer jeito e a qualquer preço e o seringueiro não via meios que não usasse para atendê-lo. O regime florestal destrutivo que sempre se praticou entre nós, como uma decorrência do princípio hedonístico, que em economia se conhece como a lei de menor esforço, cria no homem uma mentalidade tôda especial. A mentalidade da seringa invade e influencia tôdas as outras. Contamina imprudência a destruição em derredor de seu meio. Tôdas as áreas de trabalho na Amazônia sofrem a sua influência decisiva. Tenho um excelente material de correspondência e cartas que guardo cuidadosamente de meu pai, de gerentes e administradores de seringais, de seringueiros e regatões, de aviadores e negociantes que bem atestam êste fato. Em todo êsse material nota-se o poder esterilizante que a seringa traz mesmo para o homem que a abandona. O que a monocultura fêz em outras partes, a monoextração fêz entre nós. A seguinte frase que encontramos nesse Regulamento nos conduz diretamente a essa compreensão: “quem se habitua a viver alimentado de seu leite, não se acostuma mais a outro qualquer serviço”. (10)

Seringa e roça, portanto, não rimam bem. O roçado só existe quando a seringa falece. Na época da crise até se vive bem nos seringais. Pelo menos o homem toma interêsse para a plantação e volta as suas vistas para a terra. Seringa rima bem é com béri-béri, com charque e farinha, com pirarucu sêco e feijão. Não combina com batatas, legumes, galinhas, ovos, leite. Se ela se juntasse com tudo isso o homem não vinha para voltar. O homem sentiria alguma coisa de seu trabalho e de sua pessoa fincado na terra. Um seringalista me disse que conhecia quando o seringueiro vem para ficar. Diz êle: “O meu seringal é uma vida de

(9) CRAVEIRO COSTA — A Conquista do Deserto Ocidental — Rio, 1940 — pág. 15.

(9-A) Seringais de Otávio Reis — Regulamento Interno — pág. 9 — Belém, 1934.

(10) Seringais de Otávio Reis — Regulamento interno — pág. 10. Belém, 1934.

sacrifício. Não há meio de fazer o homem criar amor à terra. Repare, por exemplo, no tapiri que êle constrói. É apenas para passar um fabrico no máximo. Êle não quer ficar mais do que um ano ali. Mas quando o Sr. ver uma barraca com os caibros bem torneados, o chão ensoalhado, a paxiúba bem batidinha e as palhas bem trançadas pode dizer que ali mora um homem trabalhador que não pensa em voltar tão cedo". O espírito do homem do tapiri cria um estilo à imagem de sua vida quase nômade. Tenho também uma experiência sôbre a intenção que o imigrante traz a respeito de sua permanência. Todos os que entrevistei e que pensavam em ficar mais tempo, traziam o lírico desejo de viverem felizes. Tomemos o caso do imigrante João Medeiros, de Caraúbas, Rio Grande do Norte:

"Vim à procura de uma terra onde chova todo o ano, onde possa fazer minha plantação, ter as minhas galinhas e a minha criação". Por aqui se tira que êle veio com a intenção de continuar no seu destino de agricultor, apenas para corrigir a sêca com a chuva abundante. Êle quer continuar a ser o que sempre foi. É um caso raríssimo. A maioria no entanto segue o rumo da seringa. Esta oferece maiores possibilidades de êxito e de enriquecimento a trôco de uma vida enfêrma e doída. Aqui além do processo de deslocamento dá-se a troca de regime. Deixa a economia agrícola, de criação de valôres, pela economia florestal, destruição de coisas. Na primeira o homem quase não tem ambição porque não há motivo para isso. Na segunda só se pensa em ganhar dinheiro. Êsse imigrante que veio para a agricultura, um dos raros que veio com êsse destino, assim se expressou: "Não sou fanático de dinheiro. Não vim enriquecer nem com o desejo de ventura. Nunca tive ambição de crescer minhas vistas por terras dos outros". A aventura não se dá bem com a terra e o trabalho fecundo. O agricultor jamais será um tipo aventureiro. É um elemento estabilizador por excelência. Espírito de Casa Grande que estudamos nêsse ensaio, brigando contra o espírito da Bandeira, do ouro, da borracha, essencialmente feito de movimento e arranco. O lirismo intervém nêsse notável tipo de imigrante: "quero o meu cantinho, onde possa trabalhar sossegado e alegre. Quero viver do meu trabalho, dar de comer à minha família, criar os meus filhos, sem pensar que amanhã a sêca vem e me deixa na miséria". A agricultura é parceira da felicidade. O imigrante não veio para enriquecer, mas reconstruir um lar e uma casa. "Vim de muda" disse-me êle. A única coisa que deseja é um pedaço de terra para viver. Êsse sentido instintivo da propriedade ainda nos falta. Não possuímos a terra no sentido agrícola e criador. Fiquei enrascado para explicar a êsse imigrante, a razão por que as roças dos cablocos daqui não tinham cêrca. Essa sua pergunta vale por uma definição de atitude. Eu não respondi porque êle não me compreenderia, mas agora o satisfaço. Seringa, nem caça, nem pesca não dão gôsto de propriedade a ninguém. Dá comunismo e putirum. Além do mais o homem não vive em função da terra, mas do rio, João Garcia não quer voltar: "para que voltar para a terra dos outros? Lá só se vive na sujeição do dono das terras. Quero trabalhar para mim. Não gosto de viver alugado". Êsse espírito de liberdade e independência é geral entre êles. O regime de vida sôlta que levam no sertão o incitam a agir e a trabalhar independente. Não foi à toa que Martius disse que o espírito de liberdade foi o propulsor do povoamento dos sertões e que nós traduzimos como o "espírito do homem livre na psicologia do infinito" que deu horizonte de trabalho na geografia de expansão. O sistema de trabalho dos seringais deve ter sido criado em virtude dessa influência. O seringueiro é um tipo de trabalhador único talvez no gênero. É proprietário e não possui as estradas. É um homem livre e no entanto viveu durante muito tempo escravizado. Araújo Lima explica muito bem: "é o extrator, portanto, proprietário do seringal, porque lhe compete des-

bravá-lo, explorá-lo, extrair o leite das héveas, fabricar a borracha e exportá-la afrontando todos os riscos da extração e o gravame de todos os ônus e impostos inclusive". (11) Não é portanto um assalariado. Embora economicamente seja um homem prêso, socialmente é livre. Nas próprias relações entre o seringalista e o seringueiro, há da parte daquele uma espécie de adulação ao chamar-lhe de "freguês". Este quando vem ao barracão toma intimidade com o patrão. Come na sua mesa. Toma parte nas suas festas. O patrão nas suas festas tem como dever dançar com suas mulheres e divertir-se com êles. É compadre nos batizados de seus filhos e padrinho nos seus casamentos. Essas duas expressões, "freguês" e "patrão" têm muito valor. O primeiro fala em termos econômicos, em razão da dependência dos aviamentos. O freguês não vê sociologia, mas economia — "meu patrão". Este fala em termos sociológicos, num simulacro de liberdade que lisonjeia — "o freguês manda". Os papéis às vezes se invertem. Quando seringueiro se revolta, mata, esfolia o patrão. Este então inventou um meio de suplício — o tronco. O homem torna a reagir — "Coronel, um homem livre não se põe no tronco, mata-se". (12) Ainda ninguém explicou a origem desse instrumento de tortura para seringueiro, revoltoso e fujão, utilizado nos primeiros tempos da conquista e exploração dos seringais. Talvez tenhamos aí algum resíduo de influência africana importada com os negros maranhenses e os escravos cearenses que vieram para os seringais nas primeiras levadas.

É curiosa a linguagem do homem do barracão quando fala do homem do tapiri. Transcrevemos, a título de ilustração, um trecho que reproduzimos do citado Regulamento:

*Um momento de conversa com o meu pessoal*

a) "Todos vocês que habitam os meus seringais sabem que têm em mim um amigo".

b) "sabem muito bem quanto procuro interessar-me por tudo que está ligado à sorte de vocês"

c) "sabem que os não abandono na doença, mesmo que não tenham saldo".

d) "sabem que recebem os saldos quando querem".

e) "sabem que conversam comigo em completa liberdade como se estivessem falando com um seu colega — Não é verdade?"

"Agora, desejo que todos vocês me imitem e não deixem de pagar-me quando me devam"...

As relações, portanto, entre os patrões e os freguêses são as melhores possíveis. Deixam margem a um entendimento e uma compreensão. Socialmente, repetimos, o seringueiro sempre foi um homem livre, embora economicamente tenha sido um escravo. A velha economia que andava adormecida no princípio da "conversa" aparece por fim. Temos portanto sociologia do barracão e ao tapiri pela interpretação materialista do seringal. Não há como fugir a êsse imperativo.

A superioridade do imigrante cearense é flagrante. Quando se fala com êle sente-se estar em presença de algo de estranho e inacreditável em sua personalidade de homem livre. Os seus gestos são uma antecipação de sua atitude. Querem trabalhar e viver independentemente. Um deles me disse: "trabalho que tem inquisição não presta. Gosto da minha liberdade". Aqui não há retórica como se pode pensar. Em alguns andam reminiscências dos velhos tempos. Houve como que uma estratificação do passado por intermédio da tradição paroara. Acreditam pia-

(11) ARAÚJO LIMA — A Amazônia — Terras e o Homem — Rio, 1937 — César Barbosa de Lima.

(12) Entrevista n.º 36 — CÉSAR BARBOSA DE LIMA.

mente nas histórias que lhe contam. Um tem medo de “béri-béri” que anda matando todo o mundo por aqui, outro quando aconselhei que fôsse trabalhar na Madeira-Mamoré, respondeu-me indignado: “O Sr. quer me matar de febre? Me contaram que lá na Estrada morre gente que é uma coisa nunca vista. Vou lá não.” Esse outro foi contratado para um seringal do Acre, mas abandonou a idéia, perguntei-lhe a razão: “estive me informando com uns mansos lá do Ceará, e me contaram esse negócio de amarrar o freguês no tronco só porque a gente pedia o saldo. Eu não gosto de opressão e me contaram que quem manda lá é o rifle. Eu sou um homem direito. Vou lá não para uma terra dessas”. Os exemplos são os mais eloquentes possíveis. Os imigrantes ainda trazem um resíduo do passado, daquilo que lhe contaram dos velhos tempos no sertão. O tradutor de J. F. Normano compreendeu essa estratificação de tempo e de época. Diz êle: “Viajando pelo interior não só se percorre espaço mas caminha-se em tempo. Uma viagem ao interior de Mato Grosso significa uma visita a São Paulo há cem anos atrás”. Nós mesmos encontramos em muitos dêles referências ao Presidente do Ceará e a outros Presidentes das Províncias do Brasil...

Mais do que ninguém o cearense preza a sua liberdade. O imigrante Alfredo Constantino quando lhe perguntei se queria empregar-se, caracterizou a mentalidade do seu grupo numa resposta:

— “Eu não dou para viver alugado. Quem se freta é navio. Gosto de trabalhar para mim”. Para melhor compreendermos o que tenha sido esta imigração e o valor de sua contribuição para o povoamento e a exploração da Amazônia, basta citar dois autores interpretando duas épocas:

1866: “O Amazonas é uma esperança; deixando as vizinhanças do Pará penetra-se no deserto” — Tavares Bastos (13)

1900: “Em menos de trinta anos, o Estado que era uma vaga expressão geográfica, um deserto empantanado a estirar-se, sem limites, para sudoeste, definiu-se de chofre, avantajando-se aos primeiros pontos do nosso desenvolvimento econômico” — Euclides da Cunha. (14)

Entre uma data e outra, a transformação surpreendente, pela chegada do imigrante e sua conseqüente internação ao arripio da fortuna que a seringa dava. As estatísticas são falhas, não merecem confiança. Mas servem para dar uma ligeira idéia do que tenha sido essa imigração:

1877	. . . . .	4.610
1878	. . . . .	15.300
1892	. . . . .	13.593
1893	. . . . .	7.380
1894	. . . . .	4.443
1895	. . . . .	9.092
1896	. . . . .	9.686
1897	. . . . .	7.312
1898	. . . . .	25.872
1899	. . . . .	17.045
1900	. . . . .	45.792
Total	. . . . .	<u>158.125</u> (15)

(13) A. C. TAVARES BASTOS — O Vale do Amazonas — Rio, 1937 — pág. 214.

(14) EUCLIDES DA CUNHA — À Margem da História — Porto, 1900, pág. 65.

(15) Estes dados estatísticos foram recolhidos a maior parte do livro de Rodolfo Teófilo — “História da Sêca do Ceará” e do memorial de Dorneles Câmara — “Colocação no Amazonas dos flagelados do “Nordeste” — Manaus, 1919.

Imigração dolorosa e anárquica, é verdade. Povoamento às cegas, à gandaia, disse Euclides da Cunha, mas que assim mesmo humanizou a geografia do deserto. O nordestino, isto é, o "cearense", como são conhecidos e apelidados todos êles, na Amazônia, veio de improviso, como uma chuva de gafanhotos, na expressão pitoresca de Abgvar Bastos "e andou para adiante, mal-entrouxado, barbado, cabeludo, apressado e praguejante". Fatores de expulsão de um lado e de atração de outro, empurrando e puxando o imigrante, ora valendo um, ora predominando outro, explicam o tema. Não há como fugir a êsses extremos no deslocamento do grupo em questão. Quando a sêca vem, temos uma imigração por ruptura de equilíbrio, "imigração por fome" (Brunhes) pesando muito mais que a "imigração por fortuna". Quando a grande sêca soma-se com a alta da borracha dá-se o êxodo em massa. A imigração atinge seu ponto culminante. A de 1900 é dêsse tipo. Todos os números acima são mais ou menos produtos da calamidade ou da seringa. As vêzes êsses fatores separam-se, mas o comum é vê-los sempre unidos. Há por isso uma conjunção íntima entre a borracha e a sêca no sertão, mas é possível classificá-los na sua maior ou menor influência e contribuição. Às vêzes uma avanta-se a outra. A borracha vira rei, eletriza, excita, chama. É a irradiação do "foco de apêlo", o "apetite de seringa" no linguajar do imigrante. Ora é a sêca, torturando, expulsando, "cutucando". A borracha existiu antes da sêca e poderia existir sem ela. Teve bastante fôrça, nos seus "bons tempos", para atrair o cearense. Com seus altos preços bastaria para povoar a Amazônia. A sêca porém tirou-nos a iniciativa. Perdemos assim o contrôle, o equilíbrio que poderíamos manter, se não fôsse o flagelo. Êste deu-nos uma multidão de "famintos, febrentos e variolosos". Não podemos falar em imigração, mas em destêrro. Em colonização, mas em assalto. Em esperança, mas em morte — "os banidos levavam a missão dolorosíssima e única de desaparecerem" (16) Perdemos com isso um material demográfico valiosíssimo que poderíamos aproveitar se soubéssemos e estivéssemos em condições de o fazer. Foi uma gente que não podia resistir, tão "fisiològicamente falida" se apresentava. Mas que assim mesmo conseguiu dar algum relêvo na conquista do Vale, embora fazendo obra de destruição, de desespero, de suicídio. A história da borracha não começa em 1877. A sêca arrasadora dêsse ano foi que transtornou de súbito a imigração que se vinha fazendo crescentemente.

Desde 1850 começaram a entrar no Amazonas os primeiros imigrantes. Os Relatórios da Presidência da Província descrevem o início do movimento: — "Das comarcas de Gurupá e Santarém, da Província do Pará, tem entrado para os rios Madeira e Purus alguns milhares de pessoas que nêles se dedicam à indústria extrativa". (17) Diz Artur Reis que nêsse período vieram em "tal quantidade que somados a quantos lá se encontravam, ascendiam, só no Alto-Madeira, em 1858, a cinco mil pessoas" (18) Só no ano de 1869 entraram em Manaus, 1676 pessoas. Depois vieram maranhenses seduzidos por Rocha Thury. "Em outubro de 1869 chegou a primeira leva de cearenses. Era de cinquenta homens. Dirigia-se João Gabriel de Carvalho e Melo, pioneiro ousado, heróico, que se fixara no Baixo-Purus, para onde levou os nordestinos, trazidos da

---

São dados que não merecem muita confiança. No entanto se aproximam alguma coisa de realidade. Em 1900 o total parece exagerado. Foi o que conseguimos obter: 13.730 imigrantes às expensas do govêrno federal e 32.062 do govêrno do Amazonas e Pará.

(16) EUCLIDES DA CUNHA, ob. cit. pág. 65.

(17) Relatórios da Presidência da Província do Amazonas — vol. III — Apresentado pelo Tenente-Coronel João Wilkens de Matos — Manaus, 1870 — pág. 761.

(18) ARTUR C. F. REIS — História do Amazonas — Manaus, 1931 — pág. 215.

Serra de Urubetama". (19) Nesse tempo não se falava em sêca. Só se falava em borracha. Ela começava a sua marcha colonizadora.

Daí por diante a Amazônia foi tomando um outro aspecto. Passou a existir e a viver em função exclusiva da borracha. A outra Amazônia ficou à margem, longe da febre e da ganância. Nasceram assim duas Amazônias quase sem comunicações. Uma das marombas e dos currais do Baixo-Amazonas, dos oleiros e vaqueiros de Marajó, dos castanheiros do Tocantins e Baixo-Madeira, dos cacauzeiros de Cametá, dos guaranaeiros de Maués, dos piaçaveiros do Rio Negro, das cuias bonitas de Santarém, dos garimpeiros e criadores do Rio Branco, dos mariscadores e "viradores" do Solimões e recentemente dos juteiros de Parintins. Chegada à tradição, ao passado, que não é tão morto como se pensa. Com história e com relêvo também. Embora esquecida e sem ambição. Ela está em contraste violento com a outra Amazônia precipitada, inquieta, excitante. Dos seringueiros do Acre, dos balateiros do Juruá, dos caucheiros do Abunã, dos comboeiros e mateiros do Xapuri. Uma Amazônia vivendo à custa da exploração mais que destrutiva, sem amor ao mato ou ao rio. Sangrando "madeiras", decapitando o caucho, arrasando a balata, para acabar e voltar. Dois tipos antropológicos e econômicos distintos, fazendo duas geografias inéditas.

A geografia humana da primeira Amazônia tem como temas principais:

— a lenha e a droga espalhando o convite — salsa, baunilha, cravo, cacau, raízes aromáticas contra Tordesilhas — o paralelo mágico do rio pela riqueza na geografia da fronteira;

— o chamado estratégico na defesa da terra — Presépio, Fortaleza da Barra, S. Joaquim, Marabitanas, Tabatinga, Príncipe da Beira — e leque da expansão; o forte firmando a posse e consolidando o passo;

— o inimigo na formação da defesa e do limite: o espanhol, o batavo, o inglês — o rival na formação da vanguarda conquistadora.

— o índio e a tropa de resgate — o jesuíta, o carmelita competindo com o colono, requisitando para a fé o braço e a alma do gentio;

— "a expansão portuguesa efetuou-se destarte, rapidamente, provocada, já vimos, pelas razões econômicas e políticas da caça ao índio, da busca aos produtos naturais e da defesa do território conquistado à Espanha". (20)

Concorreu para tudo isso:

— a aventura lusa somada com o nomadismo do índio — a psicologia-trampolim na abertura do caminho;

— a geografia humana do rio — canal e bitola da conquista — "les rivières sont des chemins qui marchent" (Pascal);

— o caminho e a marcha na formação da fronteira;

— a psicologia social da canoa — "No Pará todos os caminhos são por água", "para ir à missa ou a qualquer parte é preciso canoas e remeiros" — Antônio Vieira (21) a corrente e o pedal no caminho que marcha — A geografia em redor do veículo móvel.

A outra Amazônia mais falada e mais conhecida tem como raízes:

(19) Idem, idem, pág. 215.

(20) ARTUR REIS — Ob. cit. pág. 64.

(21) J. LÚCIO D'AZEVEDO — Os jesuitas no Grão-Pará — sua missão e a colonização — Lisboa, 1901 — págs. 133 - 134.

— geogrãficamente ela nasceu na sêca e na hévea. A linha de maior sofrimento — o sertão, e a de maior resistência — a floresta.

— historicamente toma origem na industrialização da borracha que despertou o interêsse pela seringa. (Good-year). Aqui vão duas datas: 1866 a internacionalização do rio pela abertura dos portos, uma necessidade seringueira;

1877 a réplica nacional pela cearensização da Amazônia pela sêca e pela hévea;

— econômicamente seguiu a linha de maior atração — compensação para o foco de resistência ativa o mato e a borracha no deslocamento do destino amazônico Do Rio Negro colonial ao Acre republicano — uma febre na luta contra um deserto.

Seus temas principais são:

— o regime de vida — o seringal na gênese da exploração — a hévea, a penetração pela baliza itinerante;

— o mateiro, o condutor no itinerário da seringa;

— o seringueiro, o cearense imigrante no roteiro antropogeográfico da exploração e da conquista;

— a machadinha, o instrumento da produção e da afirmação da posse;

— o 44 e o 128, o rifle, o terçado na defesa, na propriedade e no crime;

— o delírio amazônico na palpitação sertaneja — a borracha na economia messiânica do imigrante;

— a Amazônia é um “foco periódico de apêlo” — “eu vim mode a seringa”;

— a borracha na economia de atração do *rush* com ou sem geografia de inverno;

— o sertão na flagelação do homem — “eu vim mode a sêca” — geografia da sêca fazendo economia forçada;

— o *rush* que o sertão deu e a chamada que a borracha fêz — “a sêca tava ruim. Eu não agüentei a influência” — a imigração pela economia da sêca e da seringa;

---

— Tudo isso culminou no Acre — o *Right* em razão do *Rush* — a economia na geografia do Direito.

O paralelo entre essas duas Amazônias é impressionante. Na primeira a conquista, o povoamento, a fronteira, a economia, a alimentação, a vida gira em função do rio e da montaria — a geografia nômade e o veículo móvel. Daí nascer o paradoxo. A pátria do homem não é a terra mas o rio. Quase não se vê ninguém dizer sou filho de Pôrto Velho, de Lábrea ou de Santa Isabel. A terra não tem expressão humana. O homem vive para o rio. Ele diz portanto: “Sou filho do Madeira”, “nasci no Purus”, “vim do Rio Negro”. A própria borracha é do rio. O seringal não é rico. O rio é que é “bom de leite”. Os acontecimentos sociais de significação na vida regional são filhos do rio, nunca da terra ou da cidade. O caboclo não a utiliza quase em sua linguagem: “Casei-me no Madeira”, “batizei-me no Solimões”, “êle morreu no Juruá” Essas é que são as expressões legitimamente amazônicas. Explica-se. A terra não oferece para a memória ou para o coração nenhuma lembrança. Todos os acidentes humanos trazem a marca inconfundível do rio. Ele é que marca o regime de vida, é a bem dizer a estação na economia do caboclo. Banca diapasão

por isso na sua vida. A enchente e a vasante são como a sêca e o inverno para o sertão. A safra e o fabrico. A maromba e o curral. O homem adapta-se a êsse regime, à maneira de um clima. A lavoura da vasante — a roça, o marisco, as pescarias, as piracemas. A vida muda completamente de uma época para outra. O rio tem portanto expressão econômica e sociológica na psicologia da vida amazônica. Ele criou para si seus tipos característicos. O tequeteque turco da cidade, com as suas bugigangas às costas, vira regatão no rio, nas costas da montaria. Aqui, a própria terra tem significação líquida. A várzea e a terra firme. O igarapé e o sertão “Sou do Baixo-Amazonas”, “vim do Alto-Purus”. O homem assim vive em função do rio e do remo, sucedâneo do pé ou da pata.

As interações amazônicas devem sempre ser expressas consultando o homem e o rio. A terra e o homem quase não estabelecem relações econômicas e sociais entre si. Para a terra falta o machado, o fogo e o passo abrindo caminho, criando um acidente humano para a construção de uma paisagem civilizadora. Falta a marca insubstituível da conquista efetiva dada pela exploração sistemática. Enquanto que o rio se acomoda com o panorama destrutivo. Estimula-o até. Traduz vantajosamente a estrada ou o caminho. A montaria assim fica sendo, na verdade, na expressão de Capistrano de Abreu, o “sucedâneo do cavalo”.

Entre o Nordeste sertanejo e a nossa Amazônia, duas interações portanto, em contraste, que o imigrante terá que se acostumar sob pena de desadaptação perigosa. Por isso achei interessante a crítica de um natural da terra dizendo que a primeira coisa que um paraibano faz para se “amansar” é vender o cabresto. É justamente nesse contraste antropogeográfico, que encontrei o maior número de motivos que deram conflitos no limiar da acomodação do imigrante. O cearense Antônio de Oliveira exprimiu bem a mudança dêsse convívio responsável pela ressurreição sertaneja na memória: “São duas coisas que não me deixam esquecer o meu sertão: o meu cavalo e a minha mãe”. . . Portanto entre um tipo e outro vai a distância que separa a intimidade entre a terra e o homem do sertão: a roda e a pata na abertura do caminho e na circulação da riqueza e o homem e o rio na Amazônia: a montaria e o remo no aproveitamento da marcha para vencer a distância e para fazer a vida. Geografia humana do gado e da roça na primeira. Geografia humana do peixe e da caça na outra. O sêca e a enchente. O inverno e a vasante. A carne de sol e o pirarucu. O cearense e o caboclo.

Todos nós que vivemos na Amazônia, somos filhos do rio portanto. O nome nos trai a origem — Amazonas, Pará, Acre — a história pela biografia do rio. Compare-se agora isso com a terra do sol. Nesta, o homem se sente filho da terra e do sertão. Ele é o principal acidente da paisagem sertaneja. O homem diz portanto: “Sou legítimo da Serra Uruburetama”. criei-me no Crato, mas nasci em Juazeiro”, sou “mesmo do brejo da Bananeira, lá da Paraíba”. A terra onde se vive é mais forte que a terra onde se nasce: “Nasci em Pernambuco, mas a minha terra é o Ceará”.

Um amor tão forte como êsse do imigrante impede que êle aceite instantaneamente as novas formas de vida na Amazônia. Ele tenta reagir, passivamente é verdade, mas nem por isso deixa de ser um grande sacrifício. A intenção dêle continua a ser: chegar hoje, enriquecer amanhã, voltar depois. A vida aqui é “flagelada, doída” como êles próprios dizem. Uma terra para ganhar dinheiro, não para fundar um lar. O imigrante diz: “Eu vim enriquecer”. Não diz por exemplo: eu vim para ficar. Com centenas de cearenses que eu falei nenhum dêles tinha o pensamento voltado para a Amazônia. Era sempre o Ceará: “Volto quando arranjar uns recursos”. “Vim para ganhar dinheiro na seringa e depois voltar”. Repare-se na ingenuidade lírica dêste outro: “Vim para arranjar uns cobres para comprar uma bom-

ba para o meu bananal"... A maioria está entregue ao destino: "Volto quando o destino permitir e a sorte também".

---

A pátria do seringueiro não é a Amazônia. Uma terra para ganhar dinheiro e enriquecer não pode inspirar compaixão. O entrevistado n. 1, Francisco de Assis Barbosa quando lhe perguntei de onde era, respondeu-me: "Sou de Jaguaribe-Mirim, mas quer dizer que nasci em Nova Empresa no Acre. Mas me considero cearense".

Quando perguntei a um velho seringueiro, José Ferreira, da Serra de Baturité, se já se considerava amazonense êle respondeu:

— "O Sr. me desculpe, seu moço. Tenho 51 anos de Amazonas. Gosto muito desta terra, criei-me a bem dizer aqui, mas não renego a minha pátria: "sou cearense até o infinito".

## V. PSICOLOGIA SOCIAL DO CEARENSE IMIGRANTE

O Nordeste é uma região de freqüente ruptura de equilíbrio a oscilar, entre os meses de inverno, fartos e felizes, e os meses de verão, secos e ásperos. O homem vive assim entre êsses extremos. A esperança da chuva e a fatalidade da sêca — a geografia da estação na psicologia do homem. O fiel do clima a pesar a vida do sertanejo na balança da chuva e do verão. Essa “dificuldade durável” vai dar-lhe uma poderosa estrutura e uma resistência admirável. É um país de “luta e de esforço” constante. Luta pela sobrevivência da raça ou do gado, na conservação dos pastos, da cacimba ou do açude; pela salvação mesma de vida, nos tempos secos — a retirada. Quando acaba a luta começa o êxodo, surge o destino — “Há de ser o que Deus quiser” — “O Ceará não quis mais a gente” — “O meu destino é o Acre”. O sertão assim faz nascer três reações em resposta ao meio: *a violenta* — o cangaço, *a mística* — o fanatismo e *a desertora* — a retirada. (1) Os três tipos: o cangaceiro, o beato, e o imigrante. Três aspectos diferentes de uma mesma vida.

Há uma correlação muito íntima entre uma larga fecundidade e o horizonte de trabalho no Nordeste. O Prof. Pierre Deffontaines analisa muito bem a questão: “on dirait que la difficulté a incité l'homme á une large fecondité. Bien souvent, les zones des dangers, des risques, et d'efforts sont des zones de peuplement. Travail et fecondité paraissent associés” (2)

A conhecida fecundidade sertaneja deriva dessa luta constante do homem em prol da economia e da própria vida. Ele tem que se multiplicar para poder sobreviver. Ela é que tem conseguido agüentar um crescimento relativo, malgrado as terras de “importação humana” teimem em sorver-lhe a “fina flor de seus homens” Sem essa compensação o despovoamento seria fatal. A demografia vive assim, à custa da reprodução geométrica. Região produtora de homens para o consumo dos centros de atração da Amazônia e do Sul. *Officina gentium* na expressão de Oliveira Viana. Mesmo assim essa prodigiosa natalidade “não conseguiu vencer o sistema de forças desequilibradoras”. “De vinte em vinte anos, o seu volume demográfico diminui de 5% em relação à totalidade da população nacional”. (3) Para compreendermos a política da expansão da gente nordestina é preciso considerá-la em função dessa ruptura de equilíbrio — um clima ingrato junto de uma proliferação ativíssima. “A proliferação humana parece experimentar um estímulo estranho e desconhecido, para preencher os claros demográficos abertos pelas forças naturais de destruição. É realmente espantosa a proliferação depois das grandes calamidades”, diz Pompeu Sobrinho. (4) O problema da sêca anda junto com o problema da imigração.

(1) DJACIR DE MENEZES — O Outro Nordeste — pág. 12.

(2) PIERRE DEFFONTAINES — Prefácio de “Geographie et Colonization” — George Hardy — Paris, 1933 — pág. 21.

(3) OLIVEIRA VIANA — Raça e Assimilação — pág. 240.

(4) T. POMPEU SOBRINHO — O Homem do Nordeste — pág. 313 — Rev. do Instituto do Ceará.

Elles explicam muitos traços psicológicos que pretendemos traçar. A falta de trabalho nesses tempos é assombrosa. A vida encarece estupidamente. “Não há ganho, dizem eles, a carestia tá monstro”, Ou então: “não se pode mais, o jeito que teve foi vir”. O conceito firmado por Brunher tem perfeita aplicação para o Nordeste: “La potencia de expansión de las masas humanas depende de fuerzas mui diversas tanto parece estar desarrollada en razón del poder de trabajo y de la producción de los pueblos; tanto por el contrario, parece estar en relación con la ruptura de equilibrio entre una proliferación activa y un trabajo lánguido o un suelo ingrato”. (5) Não se podia caracterizar melhor o fenômeno em questão. A par dessa ruptura de equilíbrio proveniente das relações entre o homem e a chuva dando a sêca, entre o homem e o trabalho dando o desemprego e a falta de recursos, entre o homem e a mulher dando uma proliferação ativíssima, como que a corrigir os efeitos desastrosos das calamidades, fatores de não menor importância concorrem para a emigração sertaneja. Novas espécies de interação em contraste geram novos desequilíbrios:

— a sedentariedade que a agricultura dá e a “movimentação contínua uma das características do sertanejo” (Pompeu Sobrinho) — raiz agrícola versus inquietação dos pés;

— o trabalho paciente e difícil junto ao desejo de aventura, “de ver novas terras” — “o chamego ao chão” lutando contra o “anúncio”,

— a resignação do homem — “pobre lá morre pobre”; a vontade de fazer fortuna — “eu vim enricar” — classificação econômica dando “cegueira pelo Amazonas” — Rodolfo Teofilo; a emigração pela posse da seringa;

— a contribuição do sangue mameluco dando mobilidade malgrado a estabilização que a roça faz; o patriarcalismo sertanejo e o espírito de liberdade dos sertões; a emigração não só é defesa como também é propensão. “Alí não há lugar para o sedentarismo” diz Alvaro Ferraz. (6)

A verdade é que além das causas geográficas e climáticas concorrem poderosamente para a gênese do emigrante, fatores econômicos e psicológicos decisivos e às vezes até muito mais importantes. Em cada imigrante entrevistado a gente pode pesar o grau de contribuição de cada um desses fatores na formação de sua atitude migratória. Todos eles têm, quase sempre, um pouco de tudo. É difícil encontrar um imigrante com motivos essencialmente geográficos ou econômicos. A sêca, a seringa, o anúncio são uma seqüência que se entrelaça e se amalgama no espírito do sertanejo. A aventura junta-se, aqui, com o trabalho. Não há um tipo essencialmente aventureiro, como veremos mais adiante. Um aventureiro que entrevistei estava cansado de andar, disse-me êle — “Abandonei o circo para me dedicar à prantação”. De palhaço a agricultor é quase inacreditável que possa acontecer. Um agricultor confessou-me que tinha vindo apenas à procura de uma terra onde chovesse todo o ano, mas na continuação da conversa disse-me que tinha vindo também porque gostava de uma terra onde pudesse pôr o rifle nas costas e sumir-se no mato...

É justamente essa capacidade de movimentação e acomodação que faz com que o sertanejo transplantado para a Amazônia, face às divergências de vida e cultura que aqui encontra, não se faça um tipo exótico, ou se torne “um homem marginal”. Acomoda-se para sobreviver. Os antagonismos geográficos são compensados por essa mobilidade surpreendente. Por isso o sertanejo entre nós, fêz-se, com relativa facilidade, um seringueiro. Êste oferecia condições favoráveis a sua movimentação e não pedia fi-

(5) J. BRUNHES y C. VALLAUX — *Geografía de la História* — Madri, 1928 — pág. 115.

(6) ALVARO FERRAZ e ANDRADE LIMA — *A Morfologia do Homem do Nordeste* — pág. 317.

delidade à terra ou à seringa. Deu cobiça e ganância responsáveis pelo crime e pelo ódio. Quem pegar um jornal da época, fica até com medo de ler certos crimes que se praticaram nos nossos seringais, no tempo em que se “matava gente como se mata veado”. O 128 e o 44 eram os únicos artigos conhecidos do código penal do tempo, como se dizia então... Não é à toa, que com esse regime de *far-west*, muitos dos nossos seringais fôssem batizados com o nome de Califórnia, muito embora houvesse muitos com o nome de Paríso, Canaã e Palestina. O imigrante ainda hoje não sabe bem se isso aqui é Canaã ou Califórnia. A idéia de considerar a Amazônia ora como inferno ora como paraíso, que já vai passando, graças às novas diretrizes de pesquisa e investigação, que estão surgindo, parece que contagiou o imigrante também. Ele, também, não entende bem o mundo em que vai viver. Assim é que uns por exemplo, dizem que o “Amazonas é um cemitério”, enquanto outros dizem, que isto aqui, é “uma terra de bondade”. Este diz que não pretende voltar: “Eu me acabo mesmo pelo Acre”; aquele pensa que “o Amazonas vai ser a nossa salvação”. Essa divergência de opinião deve-se à experiência pessoal dos entrevistados, à história de sua vida ou a alguma conversa com um “paroara” que o encaminhou nos segredos da terra. É interessante observar, já notamos, como ficam certos resíduos estratificados na memória do imigrante. Nos tempos antigos vir ao Amazonas equivalia por um suicídio. Libório Gonçalves nos disse: “Vir pro Amazonas é a mesma coisa que pôr o pé no fiel da morte”. João Pinto de Sousa é um velho paroara. Ele nos contou certos episódios interessantes da imigração dos outros tempos. É a terceira vez que vem ao Amazonas. Disse-me que assistiu muito retirante receber os últimos sacramentos da hora da morte quando vinha para o Amazonas. Era comum naquele tempo, isso me foi confirmado por uma meia-dúzia de cearenses velhos, o imigrante receber extrema-unção. “O Amazonas naquele tempo era o inferno”, conta João Pinto de Sousa. “O pobre quando vinha não tinha mais esperança de voltar, por isso ia logo encomendando a alma a Deus, se livrando dos pecados. Se escapasse da febre não escapava da bala. O Amazonas hoje está manso e o sertão não está tão atrasado assim”

Quando nós falamos em “cearense” queremos com isso incluir os nordestinos de um modo geral. Isso porque são assim conhecidos todos eles entre nós. A gente pode notar, no entanto, uma certa rivalidade entre eles, e tanto é assim, que não gostam quando se chama de cearense a um paraibano. Francisco Pinheiro, do Riacho do Sangue, representa bem a mentalidade do seu grupo a esse respeito: “Paraibano é bicho encostado a cigano. A gente diz isso quando os ciganos vêm do Egito, o paraibano é que se junta com eles e sai pelo mundo fora enganando todo o mundo. Quando dão fé, e deixam o arraial deles, estão que nem ciganos mesmo”. Assisti na beira da praia um começo de briga por causa dessa história. Os paraibanos se ofendem com isso. Achei interessante esse detalhe e o reproduzi aqui apenas para ver se com isso esclareço alguns traços semitas e ciganos que muitos querem crer que exista entre a população do Nordeste. Koster dá o seu testemunho: “Bandos de ciganos tinham por costume mostrar-se antigamente, uma vez por ano, na povoação de Pasmado e outras localidades da Província”, “eram bandos de homens, mulheres e crianças, trocando, comprando, ou vendendo cavalos e bugigangas de ouro e prata”. (7) Não se pode atribuir muito essa influência, que alguns querem dar para a etnogenia sertaneja. Psicologicamente, tanto o cearense como o paraibano, para citar apenas dois nordestinos expoentes no povoamento da Amazônia, pela sua vontade de enricar depressa, pela sua desmedida ambição, crescendo “suas vistas pelas terras dos outros” ou pelo desejo de andar “rolando como pipa” e bolar pelo mundo fazendo aventura, devem possuir alguma coisa de semita. Não é à toa que se diz ser o cearense o judeu bra-

(7) Koster cit. por DJACIR DE MENEZES — Ob. cit. pág. 86.

sileiro. A história do imigrante Francisco Silvério, nos interessa relatar. Quando da primeira vez lhe perguntei se pretendia voltar, respondeu-me que o faria logo que tivesse arranjado uns recursos. Deixara a sua mulher e seus filhos. “Só vim mesmo para conhecer êsse tal de Amazonas tão falado”. Passados uns 6 meses tive a sorte de encontrar um companheiro seu que me informou sobre o seu destino. Silvério já tinha voltado para a sua terra. O modo como conseguiu fazer essa proeza: “trabalhava de dia e de noite na estiva onde fazia 15\$000 por dia e só gastava dez tostões por dia para comprar banana e farinha. No fim de 6 meses, também arribou de volta”. O amor a sua terra foi tão forte que o transformou num usurário. Êsse teve motivo, porém muitos o fazem apenas por espírito econômico puro. Não sei mesmo como uma gente tão econômica como essa possa mais tarde transformar-se na figura de um “coronel” perdulário. Procuraremos, no futuro, apanhar o fio que nos conduza ao entendimento dessa transformação. Por ora apenas fica esboçada a tendência.

O cearense não tem razão em acusar o paraibano, portanto de cigano. Todos dois, pelo menos, psicologicamente, devem possuir alguma coisa comum que dê margem a essa suposição. “Os paraibanos surram o Ceará, mas nós nunca prestamos homenagem a êles. Êles é que se vem encostar a nós quando a sêca tá ruim por lá”. “Não sei o que é que êles vem fazer na pátria da gente. Paraibano e cavalo cubano, de cem tira-se um por engano...”

O “cearense” tem o seu sertão como se fôsse sua pátria. É a expressão mesma que êle usa quando se refere ao Ceará. “Não renego a minha pátria”, “gosto da minha pátria”, “estou sonhando como o meu território”, são expressões correntes entre êles. De um dêles ouvi dizer que o Ceará é “uma nação de gente danada de valente”. Não se queira ver nisso, no entanto, um sentimento separatista, mas um demasiado amor à terra, um bom regionalismo. Ou antes “Um chamego pelo sertão”. “Um xodó pelo chão” na linguagem do imigrante.

Há alguma coisa de bandeirante no cearense. Pelo menos a sua extrema mobilidade conserva alguns fortes traços dêsse tipo histórico. Do Ceará se dirigem para o Piauí, vão ao Maranhão e descem para Goiás. Invadem Pernambuco, entram na Bahia e sobem o S. Francisco e vão bater em Minas e em São Paulo. Fazem às vêzes a maior parte do percurso a pé, numa resistência assombrosa. — “Não presto homenagem a ninguém para derrubar 10 léguas por dia” é o estilo da valentia cearense num arremêdo de bandeirante. Não param aí. Engajam-se como soldados e vão para o Rio. Descem para o Sul. Rumam para o Norte. Amazonas, Pará Acre, e Mato Grosso estão cheios dêles. Não há um Estado do Brasil que não tenha sentido a sua influência ou a sua presença. Até no Rio Grande, diz Capistrano, “cearenses concorreram para a fundação de S. Francisco de Paula, mais tarde Pelotas” “O processo da charqueada gaúcha foi levado por um cearense, José Pinto Martins, que emigrara em consequência da sêca de 1777”. (8) Diz-se que já foi encontrado cearense até na China “e isto não é fábula” .

O cearense tem contribuído mais do que qualquer outro elemento regional para dar unidade indispensável ao nosso destino. Nas suas expressões, nos seus gestos, na sua coragem e na incrível capacidade de movimentação notam-se vestígios do espírito bandeirante. “Bolar pelo mundo”, “conhecer terras”, fazer aventura, “crescer as vistas” por horizontes desconhecidos, ter “apetite de seringa” e vontade de “enricar”, tudo isso que mexe

(3) OLIVEIRA VIANA Raça e Assimilação — pág. 240.

tanto com o imigrante nordestino, frente a tantos obstáculos e tantos perigos numa região tão diferente e estranha, só poderia ser feito por uma gente pioneira. Gilberto Freyre, aliás, reconheceu essa identidade: “o perfil psicológico do sertanejo apresenta talvez maiores pontos de semelhança com o de certo tipo de paulista andejo, empreendedor, bandeirante”. (9) Também como êstes, o cearense “não pode viver sem o sertão”, “não esquece a convivência”, “não agüenta a imaginação”. Abandonam seus pais e vêm fugidos da família perdendo-se para sempre. Às vêzes voltam velhos e cansados. Soube de história de seis irmãos imigrantes que se desconheciam. Saíram muito jovens com o pai e quando êste morreu, cada um tomou o melhor rumo que achou, até que um dia uma coincidência os reuniu em Belém, depois de mais de vinte anos de ausência. Esta história me foi contada por Francisco Pinheiro um dêsses irmãos que novamente veio para os nossos seringais. Todos êles já se tinham desiludido do sertão e vinham, cada qual, para o seu destino. Não se abalançam para o Amazonas e Acre apenas os deserdados, os “que não possuem nada”. Muitos são proprietários, donos de fazenda com mais de 100 reses, como o entrevistado Antonio Ribeiro Mota, criador em Jaguaribe-Mirim. Outros tinham bastante recursos como Antônio Joaquim de Oliveira cujo pai tinha mais de 5 léguas de carnaubal, só tinham vindo mesmo para conhecer, para poder contar como era isso por aqui. Quase todos tinham as suas “terrinhas”, o seu roçado, a sua criação. Trabalhavam para si, não eram homens que vivessem “alugados”. Outros eram agregados, davam serviço nas terras dos patrões — “eu vim porque não possuía nada, se possuísse não fazia essa besteira”. Vontade de emigrar, de conhecer os mundos, de andar por aí” são quase sempre os motivos que os impelem. Encontrei feito flagelado um rapaz que me disse, e eu transcrevo sob reserva, ser acadêmico de Medicina do Recife. Viera por questão de dinheiro e de família...

São assim imigrantes que largaram as suas terras que lhe davam uma situação na sociedade sertaneja e obrigados pela influência da sêca, do anúncio da seringa ou atrás da aventura, como os bandeirantes nos tempos coloniais, tentar, no desconhecido, a riqueza e a fortuna.

Joaquim Moreira de Sousa tem fisionomia bandeirante até na expressão:

— “Vou aproveitar esta *monção* e partir para o Juruá”

Dá gôsto a gente falar com um cearense. Diz que faz e acontece, não tem medo de ninguém, disposto para o trabalho. Confiantes na sua força e na sua inteligência. Elementos resistentes, sobretudo. A sêca é que os faz “fisiolôgicamente falidos”. Não há um tipo de imigrante mais decidido, mais audaz e mais temível. Quando é trabalhador, é uma coisa nunca vista. Faz 10 e 15 quilos de borracha brincando, “tampa dois mil quilos no fabrico”. Também quando dá para “barrigudo” não há mercadoria e patrão que o agüente. A sua linguagem demonstra a disposição para a luta: “Sou um cabra danado para pegar no pesado. Não gosto de trabalhar no carinho”. Possui, geralmente, uma prodigiosa capacidade de aprendizagem e acomodação com a vida da terra. Não há obstáculo que o detenha: “Ninguém esbarra o meu destino”. Valente: “Com uma faca e um rifle não tenho medo de nenhuma simitumba”. Prontos para ceder e imitar quando o conflito pede adaptação por transigência: “Em terra de sapo de coca com êle”. “Se fôr preciso eu ser mau, sou também. Faço que nem caburé na asa do outro”. Com êles não há meias medidas. Ou é ou deixa de ser. Quase sempre fatalistas: “Não tenho do que me queixar, êsse foi o meu destino”. Um pouco dramático e espalhafatoso: “Tenho fé em homem que come e que

(9) GILBERTO FREYRE — O Nordeste — pág. 117.

anda armado. Cria talento e corage. Com gororoba no bucho, pau de fogo nas costas e faca de ponta na cinta chamo qualquer bôca de fera". "Só tenho mêdo é de frecha de índio. Gosto de brigar encostado". Bravateiros: "Vou tirar muito couro de jacaré".

Os caboclos amazonenses muitas vêzes respondem a essa valentia a seu modo. Um dêles, do Juruá, a quem entrevistei, quando perguntei se os cearenses eram mesmo muito valentes, respondeu:...

"Quer dizer, êles não chegam nem a ser. Antes de se amansarem a febre dá cabo dêles. E eu ainda não vi um brabo valente..."

---

Não conheço gente mais inteligente e perspicaz. Entendem as coisas de longe, aprendem as coisas depressa. Uma capacidade de observação fora do comum, com excepcional senso de humor. Uma linguagem forte, imaginosa, precisa. Às vêzes basta uma frase sua para iluminar uma tese. Definem admiravelmente o que querem: "O sertão está sêco que nem língua de papagaio"; "passei fome que nem cachorro amarrado"; "o meu Ceará está todo emborcado: seu destino é crescer como rabo de cavalo — olhando sempre pro chão". Parece até anedota, mas um imigrante reproduziu-me igualmente: "A sêca estava acabando tudo. Bicho de 4 pés que escapou foi tamborete, e de fôlego, fole.. " Quase sempre trazem uma pontinha de ressentimento com a terra, muito embora não pensem em abandoná-la de uma vez para sempre. "O Ceará não quer mais a gente" Uns até têm cara de quem vêm brigados mesmo: "Eu saí zangado da minha terra. Volto mais não". Outros pretendem esquecer: "Vou bem pro alto, assim me esqueço daquela tentação de voltar" O sertão sempre vem acompanhado do possessivo a indicar carinho e afeição, malgrado a infelicidade e o sofrimento de que foram vítimas por lá. É freqüente ouvir-se dizer: "Pobre do meu Cearázinho querido". "Gostava daquele meu sertãozinho brabo". Um amor violento, feito de gratidão e coragem. Poucos blasfemam: "eu não falo mal do Ceará, êle não tem culpa do que me aconteceu". A imaginação não os larga, acompanha-os para tôda a parte. Vivem com o pensamento voltado para lá: "Eu não agüento a imaginação. Não é nada não. É que eu tenho umas terrinhas, a minha casa, o meu chãozinho, a minha criação. Tudo morreu mas eu inda hei de voltar para lá". Vivem a fazer comparações entre uma terra e outra: "Quem me dera que o Ceará tivesse um rio como êsse. Nós seríamos a gente mais feliz do mundo". O sertão os persegue: "Os meus olhos estão voltados para lá. Me dá uma vontade de ir voando para lá" Tenho notado o mêdo pânico que êles têm à água. É uma das causas principais da desadaptação do imigrante nos momentos iniciais da chegada. "Não gosto nada disso aqui" Quando se pergunta se querem viver à beira dum barranco, como um caboclo, a resposta é certa: "Gosto não de viver no molhado. Só me dou bem é no pé enxuto" Aqui nós vamos encontrar uma das origens da preferência pelos altos rios. Êste imigrante por exemplo, esclarece a questão: "Um manso me disse que lá nos altos é tudo terra firme que parece o nosso sertão. Eu vou para lá". Temos portanto, na penetração funda, além de motivos econômicos internando o homem à procura das melhores "madeiras" no rastro do seu legítimo *habitat*, um avanço em termos de associação psicológica. Fugiram da sêca, do sol quente, da terra igrata sem chuva. Encontraram aqui uma vida "encharcada" como êles mesmos dizem e a reação só podia ser geral. A impressão é em regra a de afogamento. É de salientar, por uma observação que fizemos, que é justamente êsse mêdo pânico à água que faz criar graves casos de conflitos psicológicos — "não sei como se possa viver numa terra encharcada dessas". Deus me livre de morrer afogado aqui. Quero ser enterrado em cemitério". O conflito às vêzes passa do rio para a montaria, esta então leva a culpa

de tôdas as desgraças: "Não ponho o pé numa canoa dessas nem que me matem. Eu fico brabo mesmo". Esta expressão de "ficar brabo" é um exemplo típico de inadaptação. "Não há quem se amanse numa água dessas" — Isso dá quase sempre "hidrofobia" no sentido etimológico do termo. Rai-va da chuva que não pára, da vida mergulhada no rio: "Quem vive n'água ou é caboclo ou é peixe" Moacir Paixão contou-me um caso que pedi permissão para transcrever aqui, que vem comprovar de maneira eloqüente, o que afirmamos. Ele contratou uma leva de 25 cearenses para trabalhar num jotal do Solimões. Como se sabe não há vida mais penosa que a lavagem e o preparo da juta. O homem é obrigado a ficar com a água pela cintura trabalhando o dia inteiro. Só o caboclo dá-se bem com ela. Pois bem. A lancha quando passou os deixou num dia. Quando desceu trouxe de volta 24 dos que tinham ido, — "não somos lontras".. foi a resposta que deram. Esse caso — é o bastante para documentar a inadaptação do cearense sertanejo ao trabalho nos baixos rios pelo menos nos primeiros momentos de contato com a terra. Pode ser que mais tarde êle venha a se acostumar e vire até um bom pescador. Mas por enquanto, nessa fase de contacto, o imigrante foge dos baixos-rios espantado, repudia o trabalho e o regime da vida encharcada. Vai à procura da terra firme, do pé enxuto, do sertão alto, longe da várzea e do igapó onde impera a montaria e o caboclo. "Quanto mais para cima melhor", foi o conselho do meu pai — "meu filho vai para o Acre" Isso representa um esforço de acomodação perante o seu novo destino. Um destino que ofereça menos choques e mais probabilidade de indentificação com a sua vida anterior. O sertão cobra o tributo pelo seu abandono. O homem não pode esquecê-lo. Transporta-o consigo. Vai viver por isso num Seringal Fortaleza, no poético Riozinho da Liberdade, num anseio de libertação, lá na terra firme, no sertão alto, no Acre.

Tudo isso que dissemos tem grande importância para apanharmos a influência do nôvo ambiente na mentalidade do imigrante recém-chegado, pronto a ter o primeiro contato com a vida da terra, os seus costumes, os seus hábitos. Se o sertão persistir na sua idéia, malgrado a influência atordoante do novo *habitat*, eleito ou obrigado, teremos forçosamente um desadaptado. Euclides criou sem saber uma imagem literária com uma notável fôrça sociológica — o seringueiro nordestino é um ressuscitado. Isto é, o imigrante tem de abandonar a idéia e o convívio do seu sertão se quiser sobreviver. Quando o sertanejo "morre" para "viver" na Amazônia "ressuscitou". A ressurreição valeria nesse caso por uma total assimilação. Mas o sertanejo não "vive" na Amazônia, quando muito "mora". Se acomoda da melhor forma possível, transige com a sua situação, "se acostuma com os cães" no dizer de um seringueiro. Isso porque ninguém vem para a Amazônia com esperança de ficar. Ganhar dinheiro não combina com amor à terra. A ambição e a vontade de enricar não deixa o cearense "viver" em definitivo para o meio. Um manso me explicou: "Ganhar depressa para voltar logo é o pensamento do brabo". Euclides não acertou quando disse que os cearenses "estão amansando a Amazônia". Pois dá-se justamente o contrário. Se êle amansasse a Amazônia o sertão o perderia definitivamente, mas é justamente o contrário, ela é que amansa o brabo. Êste vem cego, completamente ignorante das coisas da terra e ela se encarrega de ensiná-lo, de treiná-lo para a vida. Tira as suas asperezas, debasta um pouco de sua valentia, humaniza-o. Temos então francamente o inverso — em vez de um domador um domesticado. Francisco Prata nos levou a essa compreensão quando falou-nos sôbre os primeiros tempos de sua vida no seringal: "Para se ganhar dinheiro é preciso sacrifício. Por isso eu tive que me domesticar". A vida é flagelada, dizem êles, "é muito dóida, mas quem vive no inferno se acostuma com os cães". Temos assim um magnífico exemplo de um processo de acomodação, em virtude da necessidade que o homem tem de ganhar dinheiro e de se domesticar. Essa

outra entrevista que vai ser reproduzida em seguida, esclarece certos tópicos interessantes dêsse processo. Vale reproduzir alguns trechos:

Francisco Lopes veio para o Amazonas em 1906. Era ainda rapazi-nho e inexperiente. “Achava tudo esquisito logo que cheguei. Tudo tão diferente dos costumes da minha terra que me deu vontade de voltar. Isso não adiantava pois não tinha com quê” — desadaptação inicial pelo contraste — “O jeito que teve foi eu me amansar na terra. Sempre fui seringueiro desde êsse tempo” — acomodação por transigência com o meio. Êle ainda não deixou de ser imigrante. É um homem à espera de uma oportunidade para regressar. “Depois andei por quase todos êsses rios: no Purus, no Madeira, no Acre, no Abunã. Fui até a Bolívia”. “Aí então aprendi a ser mateiro” — o homem deu um passo para a assimilação, começou o domínio pelo conhecimento da terra. O mateiro é o condutor da penetração e a seringueira a baliza da conquista. “Eu então quis me situar num lugar. Estava cansado de andar bolando. Casei-me com uma amazonense filha de cearense” — o homem uniu o seu destino com o da terra — a família é o caminho franco para a identificação. “Dei-me bem com a minha mulher e tive três filhos”. Parece assim que êsse imigrante “ressuscitou” definitivamente. O sertão perdeu um sertanejo e a Amazônia viu nascer um filho. Êle, no entanto, não se considera assim. A gratidão não o deixa esquecer o seu convívio. Por isso conciliou admiravelmente os dois destinos quando perguntei se já se considerava amazonense: “Sou amazonense do Ceará”, foi a sua resposta. A sua história não pára aqui. “Quando menos se espera vem a desgraça”. Agora todo o meu pessoal acabou-se. A minha mulher e os meus três filhos foram morrendo, hoje não resta mais nenhum”. “Estou doente, desgostoso e me sinto cansado”. “A seringa não dava dinheiro. Passei miséria sozinho”. Agora vamos ter o retrocesso: “Me passou pela cabeça voltar para a minha terra” — a infelicidade reagiu contra a assimilação. “Se tivesse dinheiro ia buscar saúde e divertimento no Ceará, via o meu “sangue” mas voltava para trabalhar aqui — O Amazonas é terra para se ganhar dinheiro”. O Ceará para êle não deixou ainda de ser a terra eleita. “Eu agora estou na derrota mas não desespero. Não quero mais saber de seringa. Estou cansado de sofrer. Nunca vi vida mais flagelada e tristonha que essa”. — A desilusão chega tarde quando o homem está abatido pelo infortúnio. A vontade de enricar parece que passou. Mas qual: “se eu tivesse saúde naturalmente que ia cortar seringa”. O homem com saúde é para seringa. Ela ainda não deixou de exercer atração em cima dêle. Êle por isso pretende mudar de vida. “Que ro ter uma velhice sossegada”. E agora o desfecho surpreendente: — “Vou criar galinha no Solimões”. O desânimo vindo com a crise e a doença fêz ressuscitar no seu espírito o velho amor à terra que há tanto tempo jazia adormecido. Francisco Lopes está atualmente com 50 anos, bastante abatido, sem saúde e sem família. Vai começar a vida no fim tal como a iniciara. Pela terra com a criação e a roça, a casinha, o sossêgo do campo. Não podendo regressar ao sertão, como era o seu desejo, transporta o seu ambiente eleito para a terra prometida dos seus dias de mocidade e ganância. E esforça-se por adaptá-la à sua memória. O sertanejo prevaleceu por fim sôbre o seringueiro. Há um recuo no tempo. Uma volta ao passado. Um arrependimento. Uma desilusão à procura do tempo perdido. Hoje quem passa pelo Solimões, observamos isso numa viagem que fizemos subindo o rio, tôda, a casa mais ajeitadinha, com o terreiro na frente bem batido, algumas até cobertas com telhas de zinco e rebocadas com barro, tendo o seu roçado e as suas criações, pode dizer que um cearense mora ali. Por aqui finda a história do seu destino. Francisco Lopes está vivendo hoje longe da aventura e da ganância. Bem perto do chão, ressuscitando a sua vida de menino e moço: — “Vou criar galinha no Solimões”.

Há outros casos interessantes. Muitos não sabem porque vieram. No fundo permanece escondido o velho desejo de aventura e de enricar que há tanto tempo esteve arquivado no subconsciente à espera de uma oportunidade. A sêca vale por uma válvula de escapamento dos recalques psicológicos dessa "vontade de andar", de "ver essas terras todinhas", "de melhorar de vida". O estímulo poderosíssimo que os impele para frente repousa quase sempre no que eles chamam de "influência". Até num tipo pacífico e sedentário dêsse imigrante que não "fretava a sua liberdade" estranha-se uma resposta como esta: "foi a influência do diabo que me tentou para vir". Motivos quase sempre psicológicos como êsse são freqüentes e encontra-se no fundo de quase todo o imigrante, sobretudo no cearense. Muito mais ainda quando êle começa a sentir o "apetite de seringa". Sem êsse aperitivo excitante seria quase impossível a influência. Quando prevalece a sêca, já vimos, temos expulsão, enxotamento. Quando a borracha vira ímã temos imigração por apêlo, por atração. Entre um e outro, ora combinados ora separados, quase sempre unidos, reside a determinação psicológica de vir. Por isso se mexemos muito na alma do imigrante vamos encontrar, até nos mais intransigentes, essa influência. Tomemos o caso de Libório Gonçalves: — "Você não vai ao Amazonas? Que é que você está fazendo aqui? Olhe que lá tem gente ajuntando dinheiro com ciscador. A seringa está enricando todo o mundo. É só chegar, apanhar e voltar. Vamos embora rapaz, que o govêrno garante a passagem, o sustento e ainda dá colocação". "Eu me animei com essa conversa e me alistei. Todo o mundo só falava em Amazonas". Mais adiante êle declarou-me se não houvesse essa facilidade ninguém vinha. "Se morria de fome por lá mesmo". Êsses são os boatos que andam correndo pelo sertão. O imigrante acredita nêles cegamente. O boato faz papel de sereia encantando o homem com "as bondades da terra". "Só se fazia exaltar, diziam que o Acre era nossa salvação". Onde o boato não chega, a "influência" não aparece. José Lino de Araújo veio porque tinha feito uma viagem a Fortaleza e se deixou influenciar. Poderíamos até chamar isso de imigração por contágio. Diz êle: "Há dois anos que faz sêca em Campos Sales, lá na extrema do Ceará com o Piauí, mais ainda não veio ninguém de lá. Quando saí nem se falava em Amazonas. Os boatos ainda não se tinham espalhado. Eu só vim a saber pertininho da capital. Mas quando o meu pessoal souber que aqui tem fartura e govêrno dá passagem não fica um". Tudo isso indica que essa imigração que estamos tendo resulta de uma combinação dos dois elementos fundamentais, segundo o que temos observado: a sêca de um lado e de outro a "influência". O clima e a psicologia. O sertão e a seringa. A tradução da linguagem do imigrante é muito mais bonita: "A sêca faz nascer os boatos. Os boatos fazem a influência. A gente não resiste e acaba vindo. Vem tudo no iludimento, o pessoal está delirando pelo Amazonas". Ultimamente essa última tendência tem se acentuado cada vez mais, pois a época invernososa já está voltando, de forma que está atuando apenas o elemento excitante. Nos primeiros tempos dessas entrevistas era mais difícil encontramos um dêsses tipos. Era mais uma imigração por fome e por sêca que por fortuna e seringa. Nesse jôgo de lanços geográficos e psicológicos agita-se o sertanejo em perspectiva de imigrante. Não só o sertanejo. Neste predomina mais fatores de expulsão. Se não fôssem obrigados a vir para as "concentrações" da capital, onde se contagiam com os boatos, escapando assim do flagelo, não teríamos uma tamanha afluência de gente com vontade de vir. São essas concentrações que incutem a idéia de partir, na cabeça do imigrante, com o seu ambiente propício ao movimento migratório. Observamos também que é no nordestino da cidade que está em contato com as notícias publicadas nos jornais, lidas no rádio, espalhadas nas conversas, que se nota a maior atração exercida pela influência dos boatos, dos anúncios. Por isso o coeficiente de "malandragem" tem sido grande. Já se tem recebido notícias do interior, dos seringais onde os brabos recém-

chegados, trataram logo de fugir. Muitos ficam logo pela cidade, no meio do caminho. O homem no entanto que veio banido, desterrado, êsse tem fé no seu destino, e procura trabalhar, embora com o pensamento na volta.

Nada melhor caracteriza a psicologia do imigrante frente à influência do que essa expressão que ouvi na bôca de um dêles: "Eu estava em União. A *moda* lá é vir para o Amazonas. É só o que se fala". É a mesma coisa com outro nome. É "o anúncio", a "influência", o "burburinho", o "zumzum". Todos êsses têrmos, são comumente empregados por todos êles com a mesma significação. Acentos psicológicos excitantes, agindo abertamente ou no escondido, mexendo a vontade, fazendo criar asa a idéia de emigrar. O mais se explica pelo desejo de enricar, de arranjar uns "orinhos". "Diziam que aqui se ajuntava dinheiro com ciscador. Eu vim ciscar também um bocado". Quase todos êles pensam assim. Altacir Gonzaga nos explica a sua vinda: "Eu sempre imaginei isso aqui. Quando me diziam que eu fôsse para o Amazonas que se voltava rico, eu dizia comigo — um dia ainda hei de conhecer essa terra". O imigrante é um sujeito crédulo. Acredita fâcilmente e até com ingenuidade. Às vêzes nem compreende porque veio — tentação do diabo, vontade de ser ruim, "eu não sei o que me deu na cabeça". Chegam quase sempre mal-informados. Uns ficaram revoltados quando lhes disse que lá no "tôco" o padrão não podia pagar a borracha mais de 7\$000 por quilo. Os boatos que correram por lá era que estava dando 20 e até 22\$000! Isso fâcilmente se explica pela própria psicologia da leva na concentração. Os "abrigos" exercem uma influência no seu espírito que é preciso ter muito cuidado. Não é que tenham sido ludibriados, mas sim que o delírio deu lugar a que inventassem preços fabulosos adequados à sua febre de fortuna e enriquecimento. O emigrante por isso deveria ser melhor informado. Parece que últimamente essas últimas levadas além de trazer uma melhor assistência, vêm também mais esclarecidas. Ainda assim é urgente que as nossas hospedarias tenham mais uma função educativa que de estalagem, onde se ensina lições da vida amazônica encaminhando o imigrante para um contato com a região, expondo o seu regime de vida, as suas asperezas e o segrêdo que só a experiência completa. É um êrro enviar o homem para o seringal tal como chega, doentes uns, completamente "cegos" outros. Lucrariam com êsse trabalho prévio de adaptação êle e o patrão que o receberia quase manso. A batalha da borracha ganhava logo um soldado em vez de um recruta. Dizíamos que os boatos têm função perigosa. Principalmente entre os cearenses que já têm uma predisposição para se contagiar ràpidamente com êle. Aumentam o que viram, espalham depressa o que não viram, inventam fatos, dão um aspecto inteiramente diferente às notícias de origem. Um prolongamento de sua personalidade um pouco dramática e bravateira. Correu um boato, que eu assisti no momento, que no Acre estava morrendo muito cearense. Foi o bastante para muitos desistirem, não quererem ir mais para lá. Outro caso que ia tomando proporções graves foi o que se registou numa leva de imigrantes chegados a Manaus. A bordo alguém lhes informou que iam ser hospedados no Leprosário do Aleixo. Neste lugar está realmente situado um leprosário modêlo que ainda não tinha sido nem utilizado. Pois foi o bastante para dar origem a um início de motim que felizmente, com os esclarecimentos necessários, foi aclamado. No Amazonas, é curioso, há um destino em hospedaria virar leprosário e leprosário virar hospedaria de imigrantes. Paricatuba foi construído para hospedaria e virou leprosário. Agora o Aleixo inverteu os papéis. Felizmente o Serviço especial de mobilização de trabalhadores para a Amazônia construiu, em definitivo, a hospedaria de Flôres.

Um dos cortes psicológicos predominantes no perfil do sertanejo feito imigrante é o destino. A primeira vista parecerá que esta expressão não possui valor, mas analisando bem poderemos apanhar o profundo interêsse

sociológico que ela contém. Todo o imigrante tem um destino. E acredita nêle. Existe em função dêle e não gosta de o contrariar. “Ninguém esbarra o meu destino. Eu vou para o Acre”. A freqüência com que eu ouvi dizer — “o meu destino é o Acre” — fêz-me pensar até na existência de uma espécie de messianismo sertanejo. Gostam de ver até onde o destino será capaz de os conduzir. Deixam-se levar por êle: “Eu tomei o bonde errado, agora vou até o fim da linha. Eu sigo para o Acre mesmo”. A carga psicológica do destino talvez seja uma sobrevivência mística do sertão. Mística e beata. Uma espécie de sebastianismo messiânico, crendo em vez do rei ou do messias, no ouro-negro. O Acre tem alguma coisa de Juazeiro e Canudos. De Plácido de Castro fizeram um arremêdo de Antônio Conselheiro e Padre Cícero — Repare-se, por exemplo neste veterano da guerra do Acre — Sérgio Bernardo Pinto: “Eu tenho honra em ser veterano do Acre. Lutei com Plácido de Castro. Aquilo é que era um homem de verdade”. Envolveram-lhe em lendas, deram-lhe até uma aparência sobrenatural, quase-divina: “A palavra dêle era um tiro, parecia que êle tinha um imã dado pela providência para cativar a gente”. Êle me disse que Plácido ao morrer mandou arrancar o coração para fazer presente à sua noiva... O Conselheiro era a mesma coisa. A sua palavra também era um evangelho. Contagiava delírio na multidão beata. O Acre assim tem de Juazeiro a fé no destino. O misticismo da riqueza, a esperança de enricar, é uma tradução material da fé e do fanatismo. A seringa é a versão do milagre. Em vez da reza, o tiro, da promessa, a pontaria. De Canudos êle tem a reação violenta, audaciosa e única. Plácido tinha para isso alguma coisa de bárbaro, pelo menos assim êsse cearense o interpreta: “Era um homem como poucos, assisti êle mandar uma sentinela abrir a sua própria cova porque deixara passar um boliviano pelo seu pôsto”... O Acre também veio do “tirocínio brutal da fome, da sede, das fadigas, das angústias recalçadas, das misérias fundas”. Por isso êle deve ser estudado em função dêsse misticismo econômico que até hoje ainda não passou. “O Acre vai ser a nossa salvação” — “eu vou ser feliz no Acre”. “Aquilo é uma terra santa”, disse-me Sérgio Bernardo Pinto. O imigrante, portanto, não largou essa fé no destino, ainda continua, dizendo — “o meu destino é o Acre”... “Não quero contrariar o meu destino”. Uma modalidade de fatalismo aplicado na Amazônia. Não se pense que o sertanejo tenha entre nós abandonado os seus caracteres conhecidos. Quando surge uma oportunidade êstes aparecem à tona. O Acre é um dêsses casos. O destino que o imigrante traz deve ser entendido em função dêsse acesso messiânico de libertação econômica pela posse doída da seringa. O sertão responde também em grande parte por êle. A geografia mussulmânica da caatinga decide muitas vêzes o destino de emigrar, enquanto que a paisagem mística que o rodeia dará uma economia messiânica na febre da seringa. O certo é que se a sêca vem o homem apela para ela. É a salvação e pode ser a sua ruína. Podemos encontrar exemplos que nos elucidem a questão. Quando o sertanejo sente a ameaça da sêca busca primeiramente uma profecia. Rodolfo Teófilo nos diz: “A experiência de Sta. Luzia” tem grande influência sôbre o espírito do matuto a ponto de, quando é negativo o resultado, alguns abandonam logo tudo e tratam de emigrar” (10). Êsse fatalismo concorre poderosamente para a imigração se acentuar ainda mais. Ficou célebre na sêca de 77 a profecia de Frei Vidal: “Em 1877 os homens perderão as cabeças; em 1878 haverá muito pasto e pouco rastro; em 1879 cidade haverá, em que se matando uma rês, não haverá quem a acabe; em 1880 nem um pingo d’água cairá; em 1881 haverá tanta abundância que os velhos desejarão ser moços, e os moços meninos”. (11) Diz Rodolfo Teófilo,

(10) RODOLFO TEÓFILO — História da Sêca do Ceará — Fortaleza, 1883 — pág. 82.

(11) RODOLFO TEÓFILO — História da Sêca do Ceará — Fortaleza, 1883 — pág. 82.

que foi testemunha dessa terrível sêca e a respeito da qual escreveu um magnífico documentário que tanto nos tem auxiliado, que estas profecias estavam no espírito do povo e foram largamente divulgadas. Acreditavam piamente nelas com um incrível efeito sôbre a emigração: “Os retirante todavia, não admitiam a possibilidade de não se cumprir a profecia do santo quanto aos outros três anos. Convencidos de que o flagelo iria longe, procuravam ultimamente sair da província; e quando se despediam dos amigos e parentes diziam: Até 81”. (12) Encontrei um imigrante, Joaquim Moreira de Sousa, que possuía ainda um vestígio dessa crença: “Nunca vi um velho dizer que houve sêca de dois anos. Ou é um ou três. Tava no fim do segundo. Escapei mode o outro”.

A seringa com tôdas as suas amarguras mesmo, é para o imigrante uma promessa de redenção econômica: “Acho que vou ser feliz na seringa” “Acho que vou me dar bem com ela”. O citado Sérgio Bernardo Pinto é um belo exemplo dessa esperança. Foi uma das poucas vezes que encontrei num cearense um amor filial pelo Amazonas. Condições peculiares contribuíram também para isso. Ele é “um cearense velho de guerra” como nós chamamos. Criou-se aqui, para onde veio em 1892, enricou e empobreceu, teve seus filhos e viu morrer sua mulher. Pegou em armas para defender a terra violada. Diz êle: “Fazem 13 anos que eu deixei o meu Acre atrás dum rasto de sangue” — aqui a família impede, como vimos, a permanência do homem. Não se deu bem por lá. “Todo êste tempo no Ceará vivi sozinho e triste, porque todos os meus já se tinham acabado”. Todos os laços que prendiam partiram-se. E instantaneamente surge o remorso e saudade do Acre que êle tinha abandonado. “Volto agora contente para o Acre” — o retôrno na psicologia da esperança: “Eu não sei que é, mas êle não sai da imaginação. A sua identificação é total. Deixou de ser cearense para transformar-se em acreano. Naturalização por assimilação: “A minha terra é lá, pelo Acre que custou o meu sangue”. Êle agora está velho e cansado. Perdeu um ôlho. Tal como aquêle outro imigrante que ia criar galinha no Solimões, êste volta as suas vistas para a terra. “Agora não posso cortar seringa. Vou pedir ao govêrno um pedaço de terra para criar galinha e plantar milho e feijão”. Tal e qual. A ressurreição sertaneja acudindo à desilusão do cearense cansado. A procura do tempo perdido. O arrependimento de uma vida atribulada. A volta ao campo de onde partira. A roça, o galinheiro, o curral. A sua história termina assim:

— “Minha mulher morreu no Acre. Minha filha casou-se aqui. Eu estou só. Vou ver se o Acre dá jeito. Se não der não importa. Eu vim para enterrar os meus ossos nos barrancos do Acre”. A terra prometida irrompe afinal na psicologia do seu destino:

— “O Acre é uma terra santa”.

Podemos resumir a psicologia social do cearense imigrante na Amazônia nos seguintes tipos, cujos instantâneos conseguimos fixar:

*Flagelados*: “A sêca me catucou — ou corre ou morre. Eu vim mode a fome” — geografia da fome na expulsão do homem.

*Delirantes e iludidos*: “Eu vim mode a seringa que tá uma benção. Dinheiro aqui se ajunta com ciscador” — a borracha na economia de apêlo. Joaquim Ferreira, de Cachoeira.

*Malcriados*: “Bem feito. Era o que o Ceará queria. Não fica ninguém por lá. Eu vim zangado com tudo aquilo” — o martírio do homem vingando o sofrimento. Miguel Feliz de Melo, da Paraíba.

*Resignados*: “Ceará não tem culpa. Pobre do meu Cratozinho querido” O xodó pelo chão perdoando o flagelo.

(12) RODOLFO TEÓFILO — Ob. cit. pág. 237.

*Transumantes*: “Eu vim veranejar na seringa. Quando chover volto que nem ovelha à procura dos pastos”. Economia de trânsito “mode” a geografia de inverno. José Lino de Araújo, de Campos Sales.

*Ambiciosos*: “Eu agüento firme até enricar” — O ouro-negro na fascinação do imigrante, José Matos de Lima — de Sousa, Paraíba.

*Românticos*: “Não sou fanático de dinheiro. Vim a procura de um cantinho para viver feliz com minha mulher e filhos” — Terra prometida: “Sai da tua terra, e de tua parentela e da casa do teu pai e vem para a terra que eu te mostrarei” — *Genesis*. José Florêncio, da Serra Meruoca.

*Crentes*: “O destino é o Acre. Aquilo é uma terra santa”, Geografia messiânica com economia mística. Sérgio Bernardo Pinto.

*Aventureiros*: “Me deu apetite de conhecer o Amazonas. Sou um cabra de pé sôlto, o meu destino é andar” — Aventura na psicologia nômade, Elias Ferreira, de Macau.

*Trabalhadores*: “Não sou homem de carinho, gosto do pesado. Vim à procura de trabalho” — O braço à procura de emprêgo. José Matos, de João Pessoa.

*Líricos*: “Eu só vim mesmo para juntar uns recursozinhos para comprar uma bomba para as minhas bananeiras” — A água apelando para a seringa.

*Fatalistas*: “Eu vim porque o meu destino era êsse mesmo” — “O alcorão” do destino encaminhando os crentes.

*Desiludidos*: “Não tenho esperança em voltar. Eu fico plantado mesmo pelo Acre” — O sofrimento apelando para a morte.

*Malandros*: “Eu vim por safadeza e animação” — A psicologia do anúncio e as facilidades estimulando a aventura.

*Valentes*: “Com gororoba no bucho, pau de fogo nas costas e faca de ponta na cinta chamo qualquer bôca de fera”. A coragem no instinto pioneiro da penetração. Francisco Horácio Sobreira, de Belém do Rio São Francisco — Pernambuco.

*Patriarcas*: “Trouxe minha mulher e meus três filhos. Não havia com que sustentar a minha família. É a primeira vez que tenho necessidade de deixar a minha terra. Não tenho medo de sofrimento”. Joaquim Laurentino, de Cachoeira.

*Agricultura*: “Sou perdido pela plantação. Eu vim a procura de um lugar que chova todo o ano para poder criar e plantar” — A chuva corrigindo a sêca. João Garcia de Medeiros, de Caraúbas.

*Vaqueiros*: “Vou para a seringa mas o meu destino é criar gado. A sêca matou as minhas reses. Fiquei na miséria. Eu não queria pedir para quem já tinha dado” — o vaqueiro na emigração por orgulho. “Eu não dou para viver alugado. Gosto de trabalhar para mim. Quem se freta é navio”. Antônio Ribeiro da Mota, de Jaguaribe-Mirim.

*Artistas*: “Sou artista, graças a Deus. Dou valor à minha profissão. Gosto da minha arte. Vim porque me faltou trabalho”. A arte na classificação do imigrante. Antônio Caminho Sobrinho, de Fortaleza.

*Erabos*: “O paludismo dá pru mode dessas frutitas do mato que tem por aí...” Antônio Batista de Oliveira, da Aracoiaba.

*Mansos*: “Não tenho medo do Amazonas. Sou conhecido como o Pai do Mato”. “O cearense, o paraibano, os sertanejos nortistas, em geral, ali estacionam, cumprindo, sem o saberem, uma das maiores emprêsas dêstes tempos. Estão amansando o deserto”. A reemigração dos mansos atendendo ao apêlo dos seringais — João Batista, de Pereiro.

*Paroaras*: “A gente volta até sem a fala e o jeito do sertão. Se o sujeito leva um guarda chuva ou um chapéu de palinha está perdido. Nin-

guém fala com a gente porque dizem que nós estamos podres de rico". "O paroara não se acostuma mais. Podendo voltar êle volta".

*Desadaptados:* "Eu só vejo esta terra feia e enxarcada. Não arredo meu pé do firme. Quem vive nágua ou é caboco ou é peixe. Gosto do pé enxuto. Estou doido pra voltar". O terror pânico à água na geografia psicológica do sertão. Alfredo Constantino, "nascido e criado no Crato".

*Acomodados:* "Para se ganhar dinheiro é preciso muito sacrifício. Eu tive que me domesticar. Quem vive no inferno se acostuma com os cães". Acomodação em termos de conflito. Francisco Prata, da Serra de Baturité.

*Assimilados:* "Não quero mais saber da seringa. Vou criar galinhas no Solimões". Ressureição sertaneja na desilusão e na velhice do imigrante cansado. Francisco Lopes.

*Sacrificados:* "Osmundo Andrade de Aquino, residente na cidade de Cariri, município do mesmo nome, Estado do Ceará, agradecerá de coração a quem lhe der notícias de seu pai — Luís Gonzaga de Aguiar — que do Município de Palma (Ceará) onde residia tomou o destino para o Amazonas em 1909 deixando em Palma sua mulher Jacinta e dois filhos Osmundo e Maria. Luís Gonzaga de Aguiar esteve no Rio Tarauacá, retirando-se depois não se sabe para onde, e desde então não se teve mais notícia sua" — A crônica de um seringueiro desconhecido, que aparece freqüentemente nos jornais da terra.

## VI. A MULHER E A FAMÍLIA DO IMIGRANTE

A mulher é o elemento fixador por excelência. Dá o sentido de estabilização e permanência na terra, em uma imigração bem dirigida. No entanto, sendo, quase sempre, sentimental por índole, e mais chegada aos hábitos e costumes, é quem vai sofrer mais a mudança de ambiente. Mormente se encararmos o caso amazônico. A mulher não deve ser, por isso, guia de imigração nenhuma. É aliás o que Brunhes aconselha quando diz: "Las mujeres nunca son los guías de las emigraciones nuevas. Siguen las corrientes establecidas y las rutas practicables más o menos antiguas". (1) É compreensível, perfeitamente, que assim o seja. O homem sozinho tem liberdade para ir e vir, fazer e desfazer. Acompanhado de sua mulher e filhos isso não se poderá mais dar. Deixa de ser um elemento solto e independente, como requer a própria psicologia-trampolim do homem pioneiro. Passa a ter "obrigação" e responsabilidade, de forma que perde com isso muito de sua coragem e de sua audácia, frente aos azares e imprevistos. Na Amazônia o imigrante vem só e vem acompanhado também, dependendo, de condições peculiares do fenômeno. A sertaneja, estando profundamente identificada ao seu sertão e à sua "convivência", torna-se difícil e doloroso mesmo fazer a sua transplantação sem conflitos para a Amazônia, onde, condições de vida enfêrma e totalmente estranha ao seu meio, são suscetíveis de criar um complexo de desadaptação perigosa. Com todas as mulheres que entrevistei, sentia sempre um desgosto ou um desânimo, quando não uma revolta incontida. "Não haverá mais sossego para mim numa terra que eu não conheço ninguém". A falta do aconchêgo do lar, da paisagem doméstica, dos parentes e amigos, da "convivência" como eles chamam, atuam poderosamente para isso. É significativo a sua expressão: "eu não esqueço a minha convivência, eu não posso viver sem ela" — traços indeléveis e inesquecíveis de tradições e costumes, de trabalhos e de festas, de lendas e de histórias. Todos esses laços que prendem a mulher, enraizando-a sentimental e efetivamente à sua terra, impedem que ela se "amanse" sem sacrifício. Conheço casos tremendos de desadaptação originados por esse conflito entre a paisagem doméstica e a nossa. Não só na mulher. Em todo o caso mais nela do que no homem. Ambos sofrem indiscutivelmente de "transertanismo", uma doença de saudade que dá em todo o cearense imigrante, assim como o "banzo" no negro escravo ou o "transoceanismo", encontrado por Capistrano de Abreu, em certos tipos europeus transplantados para o Brasil. O imigrante não conhece esse termo técnico. Ele vê apenas a "imaginação", "uma coisa na cabeça mode voltar", "um xodó", "um chamego pelo sertão brabo". E não se diga que isso seja somente na Amazônia onde condições precárias fazem a vida enfêrma e "doída" Em S. Paulo onde tanta assistência se presta ao imigrante, isso também se dá. Pedro Alvares da Silva já esteve em São Paulo mas não

(1) J. BRUNHES y C. VALLAUX — Geografía de la Historia — Madri, 1828 — pág. 212.

agüentou: “Eu voltei para o Ceará não sei porque. Me deu uma vontade medonha, uma coisa na cabeça pru mode eu voltar que eu tive que arribar”. “Por arte do diabo mal fui chegando foi logo a sêca caindo em cima de mim que eu tive que arribar de nôvo”. O depoimento de Fernando Mibielli de Carvalho num artigo sobre “População e Imigração” também confirma esse fato: “Ao chegar em São Paulo ataca-os o tracoma. Os que subsistem e conseguem estabelecer-se, saudosos de sua terra, da caatinga, das paisagens familiares de seu Estado, vivem precàriamente”. (2) A saudade é uma imagem psicológica do passado. O “transertanismo” aproveita-se dela para bater no coração do imigrante fazendo um recuo — psicologia de retrocesso na geografia do homem que avança. Assim podemos compreender êste outro imigrante: “A minha família está no Macaüzinho querido. Eu estou lá também”. Para o imigrante Severino Barbosa, de Santa Rita, nem a mulher que o acompanha consegue amenizar a sua “imaginação”: “Eu já viajei um bocado. Mas não sei o que tenho”. Tôda vez que o imigrante não sabe explicar direito porque veio é que a paixão o está consumindo. “Eu estive no Rio. Quando menos senti lá veio a imaginação da família que não me larga. E eu arribei”. A imaginação é o eufemismo sertanejo da saudade. A mulher não constitui como à primeira vista possa parecer, a convivência integral. Êste imigrante disse por exemplo: “Família é pai, mãe, irmãos. A gente tendo êles juntos não se preocupa com nada”. — Patriarcalismo sertanejo mexendo a mente do imigrante. “A mulher acompanha a gente mas os olhos ficam sempre voltados para lá” — novamente psicologia dos olhos sedentários contra geografia dos pés imigrantes. Êle continua: “Quando a família se acaba ou vem todo o pessoal, não tem êsse negócio de terra. Onde se estiver se está bem”. A paisagem sertaneja é assim um elemento subsidiário, uma moldura do “convívio”. Êste é que resolve em última análise. O desenraizamento vem, não por falta da terra distante, mas por ausência de sangue. Êste imigrante não quer ficar: “Vou escrever ao meu pessoal que não venha mais nenhum. Aqui o povo é bem, tem um jeito especial, mas eu não aguento a imaginação.”

Está visto, portanto, que transportar o homem sem a família é fazer imigração efêmera, sem base. Entre nós o esterilizante regime de vida exclusivamente destrutivo e florestal facilita e anima a vinda do imigrante solteiro e êle podendo vir só, vem. Só trará a mulher e os filhos em caso de necessidade. Seringa não se dá com mulher. A cupidez repele o amor. Por isso a tragédia dos primeiros tempos, diz o meu pai que assistiu a todo o drama inicial da conquista e da exploração dos seringais do Abunã, teve sempre dois motivos: questões de seringais e principalmente de mulher. A grande angústia do tapiri era a solidão. E solidão é falta de mulher e amor. Isso até já se tornou tema comum e obrigatório em todo romance sobre a Amazônia. O seringueiro daqueles tempos e ainda hoje, com intensidade já muito diminuída pela imigração do elemento feminino que passou a acompanhar o homem, ou era um homossexual ou um onanista. Há ainda uma análise minuciosa a fazer-se entre o sexo e a seringa, entre a mulher, o tapiri e a *urbs*. Talvez resida numa bem estudada psicanálise da seringa, as origens daquelas alucinações dos, “áureos tempos da borracha” O Teatro Amazonas seria assim a versão psicanalítica oposta ao tapiri. O coronel ao seringueiro. A champanha ao “chôro”. A taça à tigelinha. O delírio da cidade à solidão do seringal — a borracha na gênese da *urbs* — Manaus — “uma cidade de 10 anos sobre uma tapera de dois séculos”...

Os jornais da época são preciosos a êsse respeito. Infelizmente não tivemos tempo de exumá-los para um estudo minucioso como deveria ser feito. Alguns casos, no entanto, elucidam de relance: “José Pedro do Nascimento contou então a sua história de peregrino para a família”. “Dei-

(2) FERNANDO MIBIELLI DE CARVALHO — População e Imigração — Revista Brasileira de Estatística — Ano III — N.º 9 — pág. 111.

xara o Ceará em busca de algum recurso e precisava de uma companheira. E solicitou, sem mais delongas, a mão da menor Antônia, contando apenas 9 anos. Como o pai da menor lhe dissesse que não podia ser porque era muito pequena, êle replicou: — eu quero então é Emília. Tem sete anos mas eu quero é uma mulher. (3) O desfecho já se sabe qual é. O 44 confirma invariavelmente o desejo. Para nós, isso se afigura uma verdadeira monstruosidade, mas se nos transportamos para as condições peculiares desse agitado tempo, veremos que isso era resultante do desespero. O imigrante Antônio Batista de Oliveira contou-nos um caso que vale reproduzir porque partiu de um elemento natural de uma terra onde se leva muito a sério essas questões de famílias e que ao contato das surpresas e das necessidades da nossa vida sofrem uma transformação radical. Diz êle: “a minha mãe conta que um tio meu pediu uma vez as 5 irmãs para trazer ao Amazonas e quando chegou aqui, na falta de mulher, vendeu cada uma por 5 contos de réis. Foi assim que êle enricou”. Aqui vai outro caso contado pelo meu pai e que se dava freqüentemente no Seringal Guarapari, no Rio Abunã. Os “fregueses” costumavam se embriagar nos dias de festa com uma droga do mato que êles chamavam “uasca”. Parece ser o mesmo “iagê” dos índios, que produz certas visões e delírios, que fazem a vítima enxergar o futuro, consoante a tradição da bebida. A princípio tomei o caso apenas sob o aspecto mais comum que seria a embriaguez. No entanto, falando mais tarde com o seringueiro Francisco Lopes, já citado, achei a explicação para o fato. Diz êle: “a gente bebia uasca porque diziam que as nossas famílias, lá no Ceará, apareciam quando se estava com aquela droga na cabeça”. “Aquilo ataca o juízo e deixa a gente quase doida. Houve um lá que enloqueceu e meteu-se pelo mato dizendo que ia buscar a família que estava esperando no Ceará. Nunca mais se soube do destino dêle”. É a posse alucinante do sertão e da família pela visão do delírio. O desespero da ausência. O último recurso da “imaginação”.

O cearense nesses tempos foi assim um “imigrante de improviso”. E ainda hoje não mudou muito, embora a mulher e os filhos que o acompanham tenham modificado essa situação. É uma tentativa para fixá-los à terra. Se é verdade que as mulheres sofrem um tremendo processo de desajustamento de início, quando se amansarem e tomarem gosto pela terra, serão, daí por diante, elementos a impedir a volta do imigrante. Verificamos que em todos os casos dos “mansos” entrevistados e que voltaram ao Ceará, foi sempre em virtude da família que tinham deixado: “Fui atrás dum resto de sangue”, “tava com vontade de ver a minha gente”, “ver como andava aquilo por lá”, “quis matar a saudade do meu pessoal”. Ainda hoje o imigrante ao tomar a decisão de vir para o Amazonas fica sem saber o que escolher: “Eu não vinha sem os velhos e êles não me deixavam vir. Por isso viemos todos”. Foi uma forma excelente de conciliação que se reproduzida nos trará colonos em vez de transumantes. Na maioria dos casos porém o cearense só traz a família por necessidade. Isso porque êle não pensa em se radicar na terra. Sua intenção é de povoamento transitório, enquanto arranja uns recursos ou termina o tempo da “mobilização” de 2 anos que o contrato estipula. Nunca vi uma mulher dizer que tinha vindo por gosto. “Vim sofrendo mode acompanhar o marido”. Êste sabe os transe e as situações dolorosas por que vai passar a sua família.

Temos assim dois casos a considerar nas relações entre a mulher, a família e o imigrante. Se êste veio tentado pela fortuna, com vontade exclusiva de enricar, com um pouco de aventura bolindo na sua cabeça, vem geralmente só. Se, ao contrário, veio banido pela sêca à procura de recursos e trabalho para viver, e trouxe sua família podemos assegurar que a imagem do sofrimento e da necessidade impedirá o seu regresso pelo menos

(3) Vd. *Jornal do Comércio*, de Manaus — 22-6-1916.

nos primeiros anos. Às vêzes o ressentimento é tão grande que êle vem mesmo zangado: "voltamos mais nunca". Assim temos dois tipos: o imigrante que "veio de bonito", influenciado pela seringa e os que vieram "mode a fome e a sêca". Podemos situar até a questão historicamente. 1869 é um ano excitante. Chega a primeira leva de 53 imigrantes para o Purus conduzida por João Gabriel de Carvalho e Melo. José Manuel da Rocha Thury traz seiscentas pessoas de diversos pontos da Província para os distritos de Codajás e Purus (4). Vejamos, portanto, o movimento da população neste ano:

## Entraram:

Homens .....	1.348
Mulheres .....	328
<b>Total ..</b>	<b>1.676</b>
Com família .....	59
Sem família .....	1.617
<b>Total .....</b>	<b>1.676</b>

Repare-se como o imigrante vem só quando a borracha chama. Nesse ano não se fala em sêca. Há apenas o "apetite de seringa" Nesses momentos de febre e ganância a mulher não pode acompanhar o homem. Ela fica para puxar o imigrante para traz fazendo com que êste não se esqueça do sertão. Os solteiros e os casados deixam as suas noivas e mulheres em vez de trazê-las. Fato que se tornou célebre, conta Gilberto Osório de Andrade, nos anais da paciência humana, foi o caso das noivas cearenses: "Envelheciam esperando os prometidos que foram para o Amazonas". (5) Se a família o acompanha êle custará mais a sair. Estamos novamente em 1869. Os dados que estamos nos servindo foram retirados dos Relatórios da Presidência da Província.

## Saíram:

Com família .....	93
Sem família .....	1.510
<b>Total .....</b>	<b>1.603</b>

Examinemos agora o inverso. Estamos em 1900, um ano de terrível sêca. Vamos a ver como a necessidade obriga o imigrante a vir acompanhado de sua mulher e filhos. Os 15.773 imigrantes saídos à custa do governo federal tão-sòmente, estavam assim distribuídos:

## De Fortaleza.

<i>Maiores</i>	<i>Menores</i>	<i>Total</i>
6.063	3.233	9.296

De Camocim: 1.282 famílias com 6.477 pessoas. (6) Por aí nós já podemos ter uma idéia da participação do elemento feminino nesse tipo de imigração por fome. Se não fôsem as condições precárias dessa gente, nós teríamos em pouco tempo um aumento consideravel de população. Infelizmente isso não se deu. A maioria era de voluntários da morte, escapando

(4) RELATÓRIO DE JOÃO WILKENS DE MATOS — vol. III — pág. 772.

(5) GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE — Ob. cit. — pág. 149.

(6) RODOLFO TEÓFILO — Sêcas do Ceará — Fortaleza, 1901 — pág. 206.

de um flagelo para logo adiante cair noutro. Contudo veio melhorar sensivelmente a nossa situação demográfica. Deu um cunho à imigração, de responsabilidade e trabalho. A aventura não podia repetir as mesmas façanhas de outrora. Brunhes entendeu bem a contribuição da mulher para o esforço civilizador: "Las grandes emigraciones de masa o de infiltración no producen câmbio duradero en el mapa de la población y sobre la reparación de las razas, si la parte del elemento femenino es inexistente o insuficiente. Las mujeres son el elemento conservador y estabilizador que fija al nuevo suelo las razas desplazadas, con sus rutinas de existencia y sus costumbres ancestrales". (7) Esse primeiro caso foi bem o nosso. Se a mulher cearense houvesse acompanhado o imigrante em situações normais, as condições de vida amazônica penderiam por certo para um equilíbrio sexual e econômico mais satisfatório, em vez desse panorama de economia destrutiva de valores e riquezas. Teríamos colonização no verdadeiro sentido da palavra e não imigração de improviso.

A crise de mulher foi sempre uma verdade expressa até hoje, em cifras conhecidas. Vem de muito longe. Pelo Relatório de Francisco José Furtado, Presidente da Província, sabe-se que em 1859 o Amazonas possuía 43.935 habitantes assim distribuídos:

Sexo masculino .....	23.935
Sexo feminino .....	19.988

O *deficit* de mulheres importava em 4.947 o que já representa alguma coisa. Não são dados estatísticos exatos mas por êle podemos avaliar o que tenha sido esta desproporção. O homem com a sêca passa assim a vir com a sua mulher e os filhos. Vigora mais a necessidade que a ganância. A família passou a acompanhá-lo muito embora a Amazônia não estivesse em condições de recebê-la. Condições físicas e psicológicas até contrárias para uma acomodação imediata e até responsáveis pelo seu desajustamento. Uma região enfêrma e doída. Em 48 respostas à nossa pergunta "se eram casados ou não", e "se trouxeram mulher", obtivemos o seguinte resultado:

Casados .....	34
Solteiros .....	14

Verificamos que todos os casados vieram acompanhados de sua mulher e de seus filhos. Isso indica que atualmente o homem não deixa mais a sua mulher para aventurar-se sozinho na Amazônia. A mulher passa a acompanhá-lo seguindo assim a rota imigratória já aberta e batida por milhares de desbravadores. Os 14 solteiros pensavam voltar na primeira oportunidade, bastava arranjar uns recursos, enquanto que os outros achavam mais difícil isso. Os primeiros vieram quase todos "de bonito" enquanto que os segundos foram "cutucados". Aventureiros e trabalhadores. O imigrante assim passa a ter responsabilidade e obrigação. Miguel Félix de Melo contou-me as doidices que fazia em Manaus pagando bebida a todo o mundo. "50\$000 para mim era a mesma coisa que cinco tostões". A sua mulher que agora o acompanha retrucou: "Agora a coisa é diferente. Eu não deixo êle fazer o que quiser". A regra geral é que a mulher acompanha contrariada o marido imigrante. O cearense Libório Gonçalves deu uma entrevista muito valiosa a êsse respeito: "Eu vivia na capital mas desde um dia que peguei um fanatismo pelo sertão não quis mais saber da cidade. Não há vida melhor que plantar e criar". Êle é um tipo autêntico de sertanejo, brabo e valente, embora tenha nascido na cidade o que pouco importa. Casou-se com uma sertaneja e explicou a sua atitude: "Casei-me com uma sertaneja pru mode ela me acompanhar para tôda a parte. Ê

(7) J. BRUNHES, Ob. cit. — pág. 211.

mulher tanto de pegar no cabo duma enxada como numa agulha". Com dificuldade consegui embarcá-la: "Pôr o pé no navio foi a mesma coisa que pisar na fiel da morte". "Muitas dizem que preferem morrer do que ser embarcadas para o Amazonas". Ele tem cara de quem reagiu: "Sou um homem que não me deixo dominar". Parece mesmo que não "afrouxou" — "minha mulher veio como quem puxa bode pra beira d'água"... Essa sua expressão além de pitoresca é perfeita, embora a imagem seja um tanto bárbara, o que nada perde com isso. Tenho encontrado muitas mulheres desse tipo. "Eu não queria vir, foi ele que me obrigou". É uma coisa um pouco difícil entrevistar uma mulher. Vem sempre rodeada dos filhos e a gente se sente acanhado em presença do seu marido. De forma que não se tem a liberdade requerida para estudos dessa natureza. É preciso esperar uma rara oportunidade, quando estiver sòzinha, para então poder entrevistá-la. Consegui deste último tipo umas 8 entrevistas, guardando muitas respostas de outras que não consegui completar nem entrar em detalhes. Maria Otávia é da Paraíba, mesmo da capital: "Vim mode acompanhar o meu marido que se desencabeçou para vir. Não houve nada que eu não fizesse para tirar essa idéia da cabeça dele". Ela só cede depois de reagir muito. Não consegue nada. O homem é cabeça dura mesmo. A família intervém: "A minha avó zangou-se quando ouviu essa história de vir. Eu me lembro das palavras dela: "Toma cuidado, minha filha, que quando a cabeça não pensa o corpo é que padece" — o passado e a tradição da família tentaram impedir a partida. Mas qual. Ele não atendeu a ninguém. A influência o "desencabeçou", a sua mulher teve razão. "O jeito que teve foi vir com os meus quatro filhos. Quando cheguei aqui, bati o pé para não ir para o interior. Eu já sabia que aquilo era mesmo que o cemitério. Foi quando seduziram o pobre para ir tirar pau-rosa". Novamente a influência o desencabeçou. "Nunca mais tive notícia dele desde que partiu". Um companheiro dele me escreveu dizendo que ele tinha morrido. Eu não acredito nesta história, eles mataram o pobrezinho". Essa mulher agora é uma desesperada. Tem raiva da gente da terra, não quer mais viver aqui. "Eu agora estou braba sem saber o que fazer. Só não volto porque não posso, eu não sei o que fazer da minha vida". A morte de seu marido agravou consideravelmente o seu caso. Ela já não viera de gosto, agora "quer distância dessa terra maldita". Por aqui se vê a que extremos pode chegar um infortúnio comum como êsse. Temos desadaptação por infelicidade. Quem perdeu o marido tem razão para blasfemar.

O imigrante João Martins de Aguiar é um tipo quase-romântico. Ele traçou muito bem a situação do imigrante em face da família. "A gente aqui está arriscado a perder um filho de estimação, a ver morrer a mulher, a gente mesmo se acabar e deixar a família no desamparo. Por isso é que eu gosto da minha terra. Lá ao menos se tem saúde". Essa é a grande preocupação do imigrante pai de família. É por isso que ele podendo vir só vem mesmo. Temos um outro caso, de Joana Cardoso de Figueiredo, da Paraíba: "Eu não sei o que dá na gente mode vir para cá. Também contam cada história que acaba endoicendo os nossos maridos". Ela não se opôs à ida do marido ao interior e até o acompanhou. A desilusão é a mesma. "Foi pro Solimões acompanhar o seu marido que foi tirar leite de maçaranduba". Voltou doente e fraco. Ele quase morre. Os seus filhos estão com impaludismo. Ela voltou com toda a família para se tratar na capital. Está doente e desanimada. Roga praga. "Eu não me dou bem é com o lugar, não se pode andar de um lugar para outro que não esteja tudo encharcado". O medo d'água se manifesta nítido. O contraste que ela sentiu fez reviver a paisagem familiar. "Na minha terra não é assim, tudo é muito bonito. A gente anda sem medo sempre no firme". Ela só não gosta do lugar: "não suporto os peixes daqui. Toda vez que como farinha-d'água adoço". A mudança da dieta concorre também para que o imigrante torne-se um inadaptado. Pelo menos, se não chegar a êsse extremo, contribui para uma atitu-

de incompatível com a vida regional, que teria forçosamente que se acostumar. O que se dá é isso. Embora o imigrante não goste de uma coisa, ele terá obrigatoriamente que se acostumar com ela, porque daqui não poderá voltar tão cedo. É por isso que aquele seringueiro achou a vida aqui muito ruim, um inferno, mas teve que se “domesticar” porque foi o jeito. Acharmos que, com uma boa política imigratória se poderia amenizar essa situação. Na falta dela o resultado é este: “Estou arrependido de ter vindo”, “quem me dera que eu pudesse voltar” — o transertanismo agindo na psicologia do arrependimento. Saudade e arrependimento esse que explodiu por mim nessa paraibana valente: — “Prefiro morrer de fome na minha terra”.

Este outro exemplo vem confirmar ainda mais a reação feminina frente ao novo ambiente. Conta a sua história Antônia Ferreira, da Paraíba: “Ajudava o meu marido na agricultura. Nós não vivíamos na miséria graças a Deus. Mas desde o dia que meteram na cabeça dele essa história de vir, que esse homem enloqueceu” Pelo que ela me disse ele era acanhado, foram os amigos e os boatos “que fizeram essa malvadeza com o pobre”. Ela conta os boatos: “Lá nos disseram que a borracha estava a 20\$000 o quilo, que um homem trabalhador fazia mais de 100\$000 por dia, que era só chegar e juntar que todo o mundo estava nadando em dinheiro. Se juntava até com ciscador”. Confessou-me que tinha desconfiado dessas histórias, mas que o seu marido acreditava nelas porque eram os amigos que lhe diziam ter recebido notícias por cartas de conhecidos do Amazonas. Um manso teve razão quando me disse: “Vem tudo no iludimento”.

Nada contagia tão rapidamente como um boato. Foi assim que ouvi essa história repetida dezenas de vezes por quase todos eles. Daí a desilusão quando encontrarem a tremenda realidade que os espera. A desilusão é o primeiro passo para o recuo, a volta. Nunca ouvi um imigrante depois de uns meses de contato com a realidade que não estivesse desanimado. A cidade está cheia deles que estão voltando do interior. As mulheres então é uma lástima. Isto porque é raro não sobreviver logo uma doença, uma febre que vai logo cortando a esperança de uma franca reabilitação econômica. Por isso os entendidos nas coisas da terra dizem que borracha sem saúde de nada adianta. Quando perguntei a um seringueiro o que era melhor se o inverno na sua terra ou a borracha no Amazonas, ele me respondeu: a borracha com saúde... Essa imigrante está intransigente. O seu marido está paralisado de uma “doença que deu na perna dele, que o pobre pegou no interior”. “Bem que não queria vir. Bem feito para ele não ser teimoso. Eu agora não ponho o pé mais numa canoa nem que me matem. Daqui só para trás”. O destino dessa mulher acabou-se de uma vez. Ela vai percorrer agora a longa estrada dos conflitos e dos choques psicológicos até arranjar um “modus vivendi” para o seu desajustamento: “Se me dessem passagem para voltar eu voltaria mesmo que fôsse para morrer no mesmo dia que chegasse à minha terra. Quero viver junto dos meus” Isso vem confirmar o que dissemos a respeito. A mulher sente mais do que ninguém a mudança operada bruscamente em sua vida. Sendo o elemento mais chegado aos “seus”, fazendo dos parentes, amigos, vizinhos, de sua roça e de sua casa, o seu próprio mundo, sentirá profundamente a dor de lhe arrancarem tudo isso. Será uma planta exótica, enfermiça, desenraizada numa terra estranha, no caso de não conseguir reagir contra a dolorosa surpresa que a espera. Muitas conseguem admiravelmente isso ou porque os maridos já são mansos e não temem mais a Amazônia, o que dá um sentimento de confiança e conforto ou porque possuem fibra bastante para suportar todos os sofrimentos e asperezas da vida que vão levar. Essa por exemplo não suportou a mudança brusca: “Não haverá mais sossego para mim, numa terra em que eu não conheço ninguém”. Não se pode de antemão fazer um julgamento prematuro. Para isso necessitaria uma longa observação que não podemos realizar. No entanto as que entrevistamos nos deram a impressão que não

se trata de uma predisposição ou tendência para a inadaptação, mas de casos alheios à sua vontade, todos fortuitos, como as circunstâncias que concorreram para isso. Uma doença, um sofrimento, uma desgraça. Porque tem até as esperançosas. "Parece que vou me dar bem na terra. Depende do meu marido. O ganho é bom e há muito recurso para viver" No entanto a queixa é regra geral: "Não há mulher que tenha sofrido mais do que eu". Umhas são mais resignadas: "Eu não me queixo. Se me der bem fico". Tem as intransigentes: "Daqui não dou mais nem um passo para cima". É claro que a vida que levam aqui gere tanto desequilíbrio. Tudo depende das circunstâncias que determinaram a formação da atitude imigratória: — Umhas vêm banidas, forçadas, desterradas, outras confiantes, esperançosas, alegres. "Se eu soubesse como era a viagem de mar vinha o quê? Não me aventuro de novo". Ou então: "Prefiro morrer do que ser embarcada". Não somente o nosso rio dá aquela aversão já conhecida. Também o mar exerce a mesma influência sobre o seu espírito. Nem todas as mulheres são assim. Repare-se por exemplo nessa mulata que tendo ouvido todas as queixas das companheiras zangadas e arrependidas, respondeu-me: "Eu não sou assim. Desde que tomei o bonde errado vou até o fim da linha. Vou mesmo para o Acre".

Se de um lado a mulher e a família no sertão concorrem para que o imigrante não abandone a idéia de voltar, os parentes que estão aqui ou os paroaras incitam os outros com a sua vida e as suas histórias. Isso porque a capacidade de dramatização do cearense intervém obrigatoriamente nas suas histórias de forma que ele estará sempre na "vantagem" Está na sua índole contar histórias excitantes, de onças e bichos que esfolou e de riquezas que viu. Daí a mentalidade do ganho fácil que o imigrante traz. A maioria deles já tinha parentes aqui, embora não soubesse localizá-los. De qualquer forma exerciam uma vaga influência sobre o seu espírito. Dos treze imigrantes que tinham parentes no Amazonas, nesses nosso inquerito, tinham desde muito tempo um vago desejo de conhecer essa terra. Rodolfo Teófilo em seu livro *A Sêca do Ceará*, declara que todos mais ou menos conhecem aquelas ubérrimas e insalubres paragens e não há família no Ceará que não tenha um ou mais membros naquela opulenta região". Mais adiante ele fala da "cegueira" que o cearense tem pelo Amazonas. Essa cegueira está em função da influência e dos boatos quando a borracha sobe, já vimos. Mas também os parentes que moram aqui concorrem para isso. Assim é que alguns dos imigrantes vinham para repetir a façanha de um tio, de um irmão, do próprio pai. José Lino de Araújo veio ocupar o lugar do seu velho, na própria expressão. Joaquim Ferreira de Sales diz que a sua família "tem danação pelo Amazonas", o outro não sabe o que dá no seu pessoal "mode vir pra cá".

O problema do imigrante é ainda o da família sobretudo. O homem solteiro quase sempre vem em busca de aventura, não pára em canto algum por não ter nada que o prenda. É quase um transumante com idéia fixa de voltar na primeira oportunidade, muito embora só fique na idéia, pois é difícil arranjar um saldo que lhe dê possibilidade de regresso. Por isso um imigrante disse-me que estava arrependido de ter trazido mulher porque não tinha intenção de ficar aqui. "Eu vim pra arranjar uns recursos e depois voltar. Agora a mulher vai me atrapalhar Sou um homem prêso". Enquanto que outro que tinha intenção de ficar respondeu à minha pergunta, dizendo que "ia virar pedra no Acre" "Onde eu sentar aí eu fico. Não sou homem de circo para andar bolando de um lado para outro". Este trouxera mulher e resolvera viver definitivamente entre nós. "Depois ele me explicou que era de Macau e não gostava da sua terra. Foi um dos raros casos que isso se deu. Causas estranhas devem ter contribuído para essa atitude. Hoje se pretende trazer primeiro o imigrante para depois a sua mulher. É uma política bastante aconselhável que deve ser posta em prática quanto antes.

Mas a instabilidade do homem não vem só da falta da família e da sua mulher. O regime de vida econômica dolorosamente destrutivo é o principal responsável. O postulado da economia regional ainda continua a ser a lei do menor esforço, a exploração aos "trancos e barrancos". Uma psicologia de saque. Há quase um século o Presidente da Província Francisco José Furtado enxergou o problema: "Tudo conspira contra a agricultura". Quem abrir os cinco volumes dos Relatórios da Presidência da Província encontrará sempre a mesma história. A queixa contra a indústria extrativa. A recomendação do plantio como forma de fixação do homem. Mas eles compreendem o impossível: "Não tenhamos essa esperança, por muitos anos a indústria extrativa será o único incentivo que chamará a população" (8) A seringa não rima com roça, nem tampouco com família. Ela gosta da aventura, da solidão, do saque. Ainda hoje assistimos a corrida louca aos nossos seringais com a mesma febre de há trinta anos atrás. O imigrante ainda traz a promessa de "mundos e fundos" na cabeça. A inquietação, o frenesi, o *rush*. Ainda vem para voltar. Não deixaram ainda de ser povoadores de improviso. "Chuva de gafanhotos". Embora com uma relativa proteção oficial. Com uma diferença. A família, a maioria das vezes, passa a acompanhá-lo. Temos o elemento que ajuda a permanência. O imigrante não olha muito o seu sertão. Não queremos fazer juízo adiantado. Júlio de Revoredo entendeu o problema: "a intenção manifestada pelo imigrante quanto à sua permanência em determinado país, mesmo quando verdadeira está sujeita a mil e uma circunstâncias ulteriores, que em última análise, são as que decidem sobre o caráter de sua estada na terra estranha" (9)

A mulher, já vimos, pode, tanto ser um elemento de fixação como de arribação. O imigrante fala muito melhor que os livros. José da Cruz da Baturité sabe mais do que nós. Definiu admiravelmente todo um tema imigrantista: "O brabo pensa sempre em voltar logo que arranja uns recursos. Se fôr casado e bom tirador de leite demora mais um bocado. Mas cearense manso, com família, *vira cascalho*".

(8) DOMINGOS MOREIRA PEIXOTO — Relatórios da Presidência da Província — volume IV — pág. 552.

(9) JÚLIO DE REVOREDO — Imigração — S. Paulo, 1934 — pág. 16.

## VII. "ARIGÔ" — O NÔVO IMIGRANTE

*A primeira leva de arigós*

Rio de Janeiro, 15 (C.E.)

"Partiu, hoje rumo à Amazônia, o primeiro contingente de trabalhadores voluntários, a fim de intensificar a produção de borracha, como contribuição do esforço de guerra das nações unidas que lutam pela liberdade.

A importante missão confiada a 21 soldados, aos quais estão afetas as primeiras responsabilidades e aos quais compete mostrar aos outros o exato caminho que devem seguir, apontando ainda os casos que merecem providências.

A turma escolheu para dirigi-la o cidadão Raimundo Lourival da Silva, grande conhecedor de todo o Brasil, pois natural de Mato Grosso, desde cedo empreendeu viagens!

Integram a missão homens de várias categorias, sendo a maioria formada de ferreiros, carpinteiros, telefonistas e até engraxates. Reina grande interesse entre todos. São de qualquer modo os primeiros brasileiros que, voluntariamente, estabelecem seu *front* como contribuição para a derrota do Eixo"

Cada um dos componentes recebeu um uniforme, formado de calça azul, blusa branca, chapéu azul tipo "australiano", mochila com rêde, saco de lona, botinas e perneiras. O equipamento é excelente, formando um belo conjunto. O material, completamente nôvo, está sendo fabricado em larga escala". (1)

O movimento imigratório que havia sido organizado de início à maneira tradicional, com coboclos e sertanejos do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande, ampliou-se e enriqueceu-se agora com outros elementos regionais desconhecidos e quase estranhos ao nosso meio e à nossa história econômica e demográfica. Cariocas do morro e da cidade, fluminenses de Niterói e do interior do Rio, capixabas de Vitória do Espírito Santo, baianos de Ilhéus e de Salvador, pernambucanos de Recife, mineiros da capital e das serras. De tôdas as classes, côres, profissões e idades. Ferreiros, carpinteiros, telefonistas e até engraxates, diz a notícia do jornal que transcrevemos. E ainda mais: *chauffeurs* de caminhões que "desamarraram o pé" e "perderam o breque"; operários de fábricas e usinas, cansados das máquinas e seduzidos pela oportunidade de conhecer, à custa do govêrno, terras e paisagens distantes, "para ter o que contar"; agricultores e trabalhadores braçais cujo sedentarismo não pôde vencer a emoção psicológica da aventura há muito recalcada e comprimida, à espera de uma válvula para a sua inquietação hereditária; empregados de comércio e de escritório, que deixaram os seus empregos em troca de uma viagem de três e até seis meses;

(1) Diário da Tarde — 15-1-43 — Manaus.

pais de família que deixaram as suas mulheres e filhos, como um baiano que conheci, que viera atrás do ouro que haviam lhe prometido; filhos que fugiram de suas casas, quando o "boato" correu. Ingênuos, iludidos e conscientes. Desertores, malandros e trabalhadores. Fracassados, arrependidos e confiantes. Desenraizados uns e vinculados à terra outros, com interesses econômicos e domésticos, ou não. O povo os chamou de "arigós". Todos os tipos humanos em trânsito, cujos caracteres psicológicos existiram sempre na população tradicionalmente brasileira. Um legítimo e típico *rush*, tão freqüente em nossa sobressaltada história econômica.

A geografia da calamidade da seca deixou de existir e de expulsar o homem, desde que o inverno fizera os sertanejos voltarem, como aquele cearense que nos disse, "que nem ovelha à procura dos pastos" Desde esse instante, não se falou mais em emigração por fome. O tema central da imigração daí por diante, de fins de 1943 e princípios de 1944, para cá, quando começou o recrutamento em massa de imigrantes para a borracha, por intermédio dos órgãos do governo, foi sempre ou a seringa, cuja propaganda cresceu e encheu muitos olhos de promessa e classificação econômica ou então a aventura pura, a "tentação de andar", à "vontade de fazer alguma coisa longe". Em regra geral uma coisa se liga à outra. A economia do apetite de seringa, com a psicologia arigó da aventura.

Em tôdas as conversas e entrevistas que fizemos com êsses imigrantes, estava sempre presente êsse elemento psicológico excitante, irresistível e tentador, que é a aventura: "Chegou o meu dia de andar", declarou um carioca: "só estava esperando por êle", me disse um mineiro: "não quero outra vida" respondeu um baiano: "eu quero é bolar êsses mundos", foi um cearense que disse.

Cariocas faladores e traquejados da metrópole, matutos e sertanejos do interior, baianos com cara de meninos — conheci um que os colegas apelidaram: "o arigó-risão" — pernambucanos duros e com caras de poucos amigos; paraibanos bravateiros e quase ciganos; cearenses e rio-grandenses sem destino.

A freqüência psicológica do seu comportamento os identifica claramente. Uma comunhão de idéias, sentimentos e atitudes iguais. Diríamos um "comportamento-arigó". Comportamento que se caracteriza pela renúncia ao sedentarismo urbano; ao enraizamento rural, à comodidade e aos divertimentos da cidade; ao desprezo pela atividade agrícola do maior-esfôrço e aceitação instantânea de uma vida cheia de peripécias, de correrias e viagens, inquietação e movimento. Sem amor às formas estratificadas, à hierarquia convencional da ordem, da disciplina e da estabilidade. Com adesão à concorrência econômica do menor-esfôrço para ganhar e voltar, às situações sociais relaxadas e sem rigorismos, à transigência com os princípios morais cuja inteireza a polícia e a religião defendem. Não só êsse comportamento psicológico em face das mais diversas situações e ocasiões definem o tipo "arigó" A sua caracterização íntima se associou a sua atitude nos gestos, no modo de andar, de falar, de vestir, que faz de longe um amazonense da terra distinguir um "arigó". A "calça-frouxa", de mescla, o "chapéu-de-palha" virado, a blusa larga de algodão, a mochila nas costas, a alpercata de rabicho, a barba grande, a "peixeira" do lado, andando sempre em bando, falando alto, sem dinheiro, pedindo duro "me dá uma esmola". Tipo por demais conhecido que as velhas se benzem tôdas quando os vêm na rua, com medo que invadam as suas casas e que os moleques caçoam quando passam. Numa entrevista coletiva que fiz com um grupo de 7 arigós observei a constância dêsse comportamento em quase todos êles. "Quem vem com família não pode ser "arigó", declarou-me um pernambucano. "Família só serve para prender a gente", foi a resposta de outro. Durante quase uma hora conversei com êsse grupo de arigós, num botequim da Estrada

de Constantinópolis “como-quem-vai para o aeroporto”, sua zona de ação predileta no bairro dos Educandos. As suas atitudes e respostas quase sempre eram as mesmas. “A gente precisa de vez em quando de mudar de clima”. “Sou artista e tenho orgulho da minha profissão. Conheço o movimento da minha profissão. Conheço o movimento da minha arte de *chauffeur*, mas não sei porque estou pegando no pesado na serraria, que nem calunga de caminhão”, queixou-se um pernambucano. Uns se consideravam deserdados da sorte, vítimas do destino ingrato, outros se sentiam felizes e contentes por poderem conhecer estas terras, “bolar por êsses mundos”. A contribuição do elemento baiano tem sido bem forte ultimamente. O instinto da aventura não é só peculiar ao cearense, conhecido tradicionalmente por sua movimentação extrema do Rio Grande ao Acre e até, extranacional. O baiano da cidade do Salvador participa também dessa psicologia. É o caso de Manuel Gomes de Oliveira que associa de um modo profano, mas espirituoso, o arigó a um “santo do céu”. “Nunca vi um santo mais falado que o arigó nesta terra, Tudo que se faz aqui põe a culpa para cima do arigó. Arigó faz milagres. Está em tôda parte. Não há pouso que não tenha um. É um santo danado de desordeiro. As mulheres daqui respeitam o arigó como se fôsse um santo. Rezam quando vêem a gente passar aos bandos pelas ruas”. Uma ironia inteligente dêsse baiano alegre e risão. Uma transigência que só mesmo a Bahia nos poderia dar. “Arigó” santo do céu, bicho que faz milagre, santo-desordeiro e valentão, protetor-das-mulheres e dos lares. Um cinismo que vale por uma reação contra o desprezo e o retraimento do povo do bairro em recebê-los nas suas festas, que o arigó faz terminar sempre em pancada, em recebê-lo cordialmente em seu meio, com mêdo da sua concorrência e da rivalidade, do seu arrivismo aventureiro e perigoso, contrário aos seus interesses e ao espírito do povo do bairro. Gilberto Freyre, no seu artigo “Precisa-se do Ceará”, afirma que nenhum brasileiro é mais cosmopolita que o cearense. Já foi encontrado cearense até na China, em Londres e Nova York e “isto não é fábula”, como dizia a crônica antiga dos bandeirantes que chegavam ao Peru. Não só o cearense. O baiano também. Conheci um arigó cuja história é preciosa para documentar êsse instinto de aventura e de viagem do nordestino em geral e do cearense em particular. José Francisco Sales é um arigó baiano que tem levado uma vida inteira de correrias, bolando por tôdas as terras. Um dêsse raros tipos de vagabundo que tive a felicidade de conhecer e entrevistar. É um tipo ligeiro, safado, inteligente e traquejado como êle só. “Fugi de casa quando tinha 10 anos e desde êsse tempo ganhei o mundo por minha conta. Bolei por todo o Nordeste. Fui ao Rio e engajei na marinha só para conhecer o mundo. Conheço o Brasil como a palma de minha mão. Com o meu navio percorri os quatro cantos “da terra”. Estêve em Nova York e abandonou o navio para morar em Brooklin. A princípio não quis acreditar nessa história, mas êle falava com uma convicção e conhecimentos impressionantes. Para provar o que dizia falou em inglês. Um inglês corrente cheio de *slang* do povo. “Jump-ship” foi o *slang* que empregou quando contou-nos a sua deserção de bordo do navio. Gíria legítima de Brooklin que mais tarde me foi confirmada por um americano. Cansou-se de Nova York onde viveu seis meses. Voltou para a Bahia. Casou-se por lá e parece que já se tinha sossegado. Um belo dia chegou a “tentação de andar” “Vendi a farda de marinheiro em troca de uma farda de “arigó” Disse à mulher que vinha atrás duns ouros e voltava logo. Cheguei aqui e não vi nada. O ouro devia estar era lá no seringal. Peguei uma gaiola e rumei para o Acre. Quando cheguei no meio do Purus, descia uma lancha carregada com arigós mais mortos do que vivos. Aderi à lancha que vinha voltando e dej adeus ao Acre. Agora trabalho na serraria. Tudo quanto é arigó está virando guindaste de tanto pegar pêso. Eu já não agüento muito isto aqui. Estou cansado e um bocado velho para andar fazendo

correrias. Acho que desta vez, quando voltar, vou me aquietar junto à milha velha, lá na Bahia". Esta é a história cheia de peripécias e aventuras desse imigrante baiano que viveu em Brooklin e hoje reside em Manaus. Arigó ficou sendo dessa maneira, entre nós, sinônimo de desordeiro, valentão, "cabra ruim", vagabundo, que as crônicas policiais registram diariamente nas suas ocorrências. Sem residência fixa, sem profissão e sem destino certo. Um tipo que a fantasia do povo criou para caracterizar o imigrante carioca, baiano, pernambucano ou cearense em trânsito pelas ruas de Belém e Manaus. Um tipo aventureiro, vagabundo e andejo. "Quem não tem casa, não tem ofício e a rua é o teatro de sua valentia", na linguagem pitoresca do registro policial desse "arigó" Geraldo Martins, do Ceará, solteiro, sem residência, sem profissão, vagabundo-mor e pau-d'água inveterado". (2) Aliás o melhor perfil psicológico desse tipo de imigrante formado por influências essencialmente aventureiras e ciganas. A melhor definição que se poderia fazer do arigó. Sem ligação e responsabilidade de família, sem destino definido, que vive "mudando de lagoa para lagoa", consoante o depoimento pessoal do velho cearense José Rodrigues da Mota, pelas colunas da imprensa, "uma ave de arribação, dentre as inúmeras que habitam as lagoas do nosso sertão nordestino e alimenta-se de vermes e peixinhos. No tempo em que eu vim para o Amazonas, quando se convidava um sertanejo do Ceará a vir para esta terra, ele respondia: você pensa que eu sou "arigó" que vive se mudando de lagoa para lagoa". Arigó-ave de arribação, pássaro que só anda de bando, consoante e opinião de uns, expressão que surgiu entre cearenses, e que outros pensam que se tenha originado sobretudo entre os imigrantes cariocas em trânsito pelo sertão, a verdade é que o termo se generalizou para todo o grupo imigrante, entre eles mesmos e que representa e define muito bem esse novo tipo de imigrante na Amazônia. Confesso que com centenas de arigós com que falei nenhum deles pôde me dizer a origem verdadeira da expressão e todos a repetiam com ares de pilhéria e brincadeira, sem ficarem ofendidos com o apelido que o humor do imigrante batizou a si mesmo. Um reconhecimento de sua própria situação e do estado psicológico de sua movimentação.

O amazonense aproveitou aliás o arigó para fazer uma ligeira reação contra todos os outros elementos arrivistas que os jornais interpretaram como "aves migratórias de rapina, sem pouso certo, hoje aqui, amanhã acolá, sem jamais fixar e apenas vivendo num lugar enquanto não o despojam", e que a ironia e o espírito do povo compreendeu logo". Aves que vivem em bandos, os arigós, quando uma formação deles pousa numa árvore, a deslocação de ar provocada pelo bater das asas é tão grande que as folhas caem aos milhares, e as árvores ficam só no esqueleto..." (3)

A chegada de uma leva de arigós, algumas vezes com 600 e até 1.000 imigrantes provocava certas precauções por parte da população de Manaus, sobressaltada com as notícias que os jornais publicavam diariamente sobre assaltos, roubos e crimes que os arigós haviam praticado na cidade e nas estradas. Assaltos a residências, roubos e agressões que fez o povo temer e respeitar o arigó, "cabra-safado", desordeiro, valentão que o povo identificou com os outros caracteres conhecidos em voga. Inquietação e insegurança essa que se traduziu bem na seguinte quadra popular:

"Manaus — cidade menina,  
Quem te conheceu como nós!...  
Hoje adormeces inquieta  
Pensando nos "arigós". (4)

(2) O Jornal — 28-10-1943 — Manaus.

(3) Diário da Tarde — 26-9-1943 — Manaus.

(4) Diário da Tarde — 23-10-1943 — Manaus.

Reação que se notou nessa época até na circunstância de um policial alcunhado por "jaraqui" ter alvejado a tiros um "arigó". "Jaraqui", como sabemos é o apelido regional do amazonense "comedor de peixe", assim como o "jacaré" e o do paraense. Apelidos todos êsses sociologicamente expressivos. "Jaraqui", "jacaré" e "arigó", cujo significado psicológico não se pode desprezar em estudo desta espécie.

As entrevistas recolhidas entre êsses imigrantes são as mais interessantes. João Lucas da Silva, por exemplo, é um imigrante consciente de sua própria vagabundagem: — "Sou arigó, vim com as mãos abanando e não largo a minha "asa-de-arigó" até cansar dessa vida divertida". Expressiva essa sua frase "asa-de-arigó" para traduzir o seu sentimento de inquietação e de aventura. Quando perguntei onde morava, respondeu-me que no "ninho de arigós". "Ninho-de-arigós" que depois localizei num barracão de madeira onde os arigós desertores se refugiam para ganhar a vida fora do "pouso" do govêrno. João Lucas com tudo isso parece que já é um imigrante desiludido que se deixou ficar na cidade com medo de enfrentar a vida sacrificada dos seringais. Confessou-me que havia sido iludido e que estava arrependido de ter vindo. "Dinheiro de arigó, diz êle, não chega nem para petisqueira quanto mais para a gaveta. Com treze mil réis por dia não há arigó que se agüente. Eu já perdi a influência: — vou voltar mesmo pior do que cheguei. Eu não quero virar pedra no Amazonas. É melhor viver pobre na minha terra do que viver como arigó-no-puleiro da terra dos outros". Por aqui se tira que nem todo, arigó-imigrante é um tipo exclusivamente aventureiro, possui também os seus traços econômicos que o impelem a vir. Êsse imigrante como tantos outros, já "perdeu a influência" outros dizem "já perdi o apetite", não querem "virar pedra". Para o imigrante ficar no Amazonas, assimilar-se ao meio, seria a mesma coisa do que "virar pedra". Êles sentem mesmo que a sua missão é transitória, não chegam nem a ser imigrantes no legítimo significado da expressão. Por isso êsse outro imigrante Manuel Gomes, rio-grandense do norte, que hoje está estabelecido com economia própria na Estrada de Constantinópolis com uma pequena quitanda, ficou ofendido, quando perguntei se êle era "arigó". "Não sou arigó não senhor. Vim como imigrante já faz três anos". Justamente porque fôra um daqueles imigrantes do tipo daqueles que estudamos no princípio, que vieram por fôrça da geografia da calamidade. Cujos fatores econômicos e antropogeográficos predominaram muito mais que o psicológico formador do arigó e do cigano. Aliás aqui se impõe uma distinção. Naquela época surpreendemos o imigrante falar constantemente e a tôda hora no seu destino: "O meu destino é o Acre", "vou ser feliz no meu nôvo destino", uma fôrça que o impelia para os altos rios, a procura de um *habitat* psicológico e geográfico mais chegado à paisagem doméstica do sertão: "o pé-firme", "o seringal do centro", a "colocação enxuta", "os altos-rios". Um imperativo psicológico de adaptação do imigrante recém-chegado ao nôvo meio estranho e diferente aos seus hábitos, costumes e temperamento. Êsses caracteres e tendências, do imigrante "cearense" dêsses tempos, que vieram "enxotados", "empurrados", "cutucados" diferem e contrastam à primeira vista e à primeira conversa com êsse outro tipo de imigrante-arigó, sem destino, sem pouso certo como êles mesmo dizem e nós observamos. Nunca ouvi da bôca de um dêles aquela crença no nôvo destino que os vai acolher, tão comum era entre os primeiros imigrantes da sêca. No tipo arigó quase não há geografia e economia. Há bastante e de sobra, psicologia. Psicologia cigana do "chegar-ver-e-voltar". Diferente também do distintivo do primeiro que era, como assinalamos: "chegar-enricar-e-voltar". O elemento enricar quase não é referido a não ser muito vagamente. O arigó já sabe que não poderá enricar assim tão facilmente como o outro pensava. A experiência de mais de três anos de seus colegas, que chegaram mais cedo, ensina-lhes que aqui não se

junta dinheiro com "ciscador", nem se "enrica da noite para o dia". Como em tôda a parte, nuns mais e noutros menos, a classificação econômica só chega com muito esforço, sorte e trabalho. Esfôrço, trabalho e persistência que o arigó não quer fazer. Quando perguntei a um outro arigó, Vicente dos Santos, paraibano, porque não ia fazer uma plantação, já que êle era um "homem viciado na agricultura", respondeu-me que não conhecia os "estatutos da planfação" daqui. "Até eu me amansar na lavoura do Amazonas, vou passar mais de um ano. Eu estou nervoso para voltar para a Paraíba. Já vi o que queria ver Já não suporto estar com os pés amarrados mode essa água. Essa "montaria de pau" de vocês é cheia de inquisição mode a gente andar. Se isto fôsse uma terra enxuta eu metia os pés pelo meio e ia bater no meu sertão". "Nervoso", "inquisição" "pés amarrados", "montaria de pau" que para êle, arigó, significa a inquietação psicológica, as dificuldades a vencer, a sedentariedade que não quer por nada, a inadaptação e desassossêgo de quem não quer ficar.

Os motivos que êles declaram porque vieram são quase todos idênticos, motivos "primos-entre si". Edgar Pereira da Silva contou-me a sua história que já estou cansado de ouvir da bôca dos outros seus colegas: "com esta influência de vir para cá fugi um dia de casa e tomei o destino do mundo. Deixei o meu algodão crescendo e a casa do meu pai e arribei com os outros colegas. Os agenciadores contavam que a gente ganhava aqui era de cem mil réis, "se eu pego êsse cabra de nôvo êle vai ter *diabo na vista*. Por causa dêles é que o nosso povo fica todo doido mode vir. Daqui para frente não dou mais um passo. Quero ver se ainda chego em tempo de colher o meu algodão que ficou crescendo lá nas terras do meu pai". "Fugir de casa", "abandonar o algodão", "diabo na vista", "ficar todo doido", "não dar mais um passo", voltar em "tempo para colher", expressões tôdas essas que traduzem para o imigrante a satisfação de uma velha idéia emigrantista, de abandono às formas sedentárias agrícolas por outras mais novas e mais excitantes, de contágio psicológico que deu adesão ao movimento imigrante, de vingança, remorso, saudade e retôrno. Entre deixar o algodão crescendo e voltar no tempo da colheita para êsse arigó imigrante consistiu na satisfação de tôdas as suas vontades há tantos anos acalentados e à espera de uma oportunidade para se manifestar. Sem perder o fio da tradição sedentária, agrícola, economicamente eleita e sem perder também o fio da mobilidade e da expansão hereditariamente certa.

José Lucas dos Santos é um outro arigó cearense cuja experiência na terra só data de quatro meses. Como milhares de outros deixou-se ficar na cidade que é um ambiente mais propício ao seu gênio, por razões que êle mesmo explica: — "Depois que cheguei foi que caí no desiludimento. Não vejo nada aqui para crescer meus olhos. Pode ser que no seringal seja melhor, mas essa vida daqui também não dá sorte a ninguém. Estou ficando com moleira mole de tanto carregar pêso lá na serraria, mas não vou pro interior nem amarrado. Já vi muito arigó gordo voltar magro que nem esqueleto de maçonaria e arigó magro voltar tão gordo que morre e não pode ver os dedos dos pés..." O "desiludimento" trouxe êste imigrante à triste realidade que esperava tão diferente para poder crescer as suas vistas e encher os bolsos. A experiência dos seus companheiros lhe serviu de exemplo pela pitoresca e espirituosa resposta que nos deu. Atualmente está trabalhando na serraria e desertou do "pouso" da Ponta Pelada, pois já estava "tesando" mais de três meses sem fazer nada. "Gosto de comer por minha conta". Êste imigrante ainda não perdeu a sua dignidade de trabalho e de luta pela vida malgrado todos os acidentes e surpresas que o destino lhe reservou. Centenas de arigós como êste estão se deixando ficar na cidade e com isso estão trazendo à vida da cidade e de certos bairros pobres um movimento e um aspecto que fazem lembrar certos lugares em plena febre pioneira. O bairro de

Educandos, pertinho da cidade, que até pouco tempo era um pacífico subúrbio, pacato e ordeiro, tornou-se, do dia para a noite, um dos trechos mais movimentados e brigalhões da cidade. A parte tradicional do bairro que fica bem defronte da cidade, do outro lado do Igarapé da Cachoeirinha, em frente à Ilha de Monte-Cristo, enche-se de preconceitos. Através de uma entrevista com um catraeiro, paraibano dos velhos tempos, que há mais de 35 anos vive no bairro como "catraeiro", notei que o povo da parte tradicional e antiga do bairro, aliás um dos mais velhos da cidade, não gosta do arigó. "Aqui ninguém gosta deles, porque são arruaceiros e vivem implicando com o nosso povo. Eles moram lá pela Estrada de Constantinópolis. Educandos não tem essa gente". Esse catraeiro foi porta-voz dos habitantes que se sentem moídos com a invasão de seu bairro por elementos estranhos ao meio, desordeiros, arruaceiros. É interessante observar que, não podendo expulsá-los do bairro, excluem do seu subúrbio a Estrada que liga o bairro à cidade, por terra. O povo que mora na Estrada, quase todo arigó, não é Educando, é povo da Estrada, intruso, valentão, implicante. Uma distinção até topográfica para o seu orgulho suburbano. Há uma ladeira muito inclinada que o povo apelidou espiritualmente de "Baixa-da-égua". Essa ladeira serve de caminho de ligação entre a Estrada que vai para a cidade e a parte velha do subúrbio onde reside a "aristocracia" do bairro. O desprezo pelo arigó chegou a tal ponto que, quando eles querem se referir ao povo da Estrada, dizem: "Isso aconteceu não foi em Educandos, foi lá com os habitantes que moram pra lá da Baixa-da-égua. Aquém e além da Baixa-da-égua. O amazonense e o arigó imigrante. O tradicional dono da terra e o recém-chegado com ares de senhor. Conflito entre o povo que tem raiz e amor ao bairro e o imigrante que se localizou sem licença e sem fôlha corrida. Não há a bem dizer um dia em que o arigó não figure como herói de uma briga ou protagonista de alguma farra no bairro dos Educandos. A coluna diária de *Polícias & Ruas*, dos jornais, vive cheia de valentias, desordens, ferimentos, bebedeiras que revelam o estado psicológico desses arigós que se deixaram ficar na cidade. Na maioria esses conflitos são resultantes de uma inadaptação violenta à procura de um meio termo para uma acomodação mais que necessária. Imigrantes e arigós que nunca beberam em sua vida e que levavam uma vida cheia de dignidade e honradez em suas terras, deram para beber e brigar. Até o baiano, que dos imigrantes atuais, parecia ser o melhor de corte, surpreende-nos de vez em quando. O artista Antônio Marcelino, "baiano velho de guerra, de apenas 23 anos de idade, solteiro, sem ter ao menos uma garôta para passar o tempo, vivendo numa nostalgia tremenda, resolveu afogar as suas mágoas em álcool, e por isso, tomou um pileque baita, de que resultou o pobre Marcelino acabar com a ossada no xadrez" (5) O cronista policial sem querer sugeriu-nos aqui um exemplo de um conflito e de um relaxamento moral por via de uma "nostalgia tremenda de uma garôta". Nostalgia e saudades que não é só falta de namorada, pois as garôtas do bairro têm medo dos arigós, e não chegam perto deles, porque os pais não deixam. É também a falta e a lembrança de sua cidade ou de seu sertão natal, de sua família, de sua convivência, de seu algodão que ficou crescendo, de sua terra, da sua espôsa, mãe ou namorada que deixou longe com promessas de voltar rico e cheio de histórias. Riqueza que já perdeu a esperança de fazer, restando apenas o heroísmo de suas valentias para poder dramatizá-las mais tarde, consoante seu talento. Brigas, valentias, bebedeiras e farras que precisa fazer "para afogar as mágoas" e é até um imperativo categórico para justificar o seu fracasso e a sua desilusão. No regresso então, em vez de mostrar os seus bolsos cheios de ouro que esperava conseguir, contará os ferimentos que fez,

(5) O Jornal — 28-10-1944 — Manaus.

as brigas em que tomou parte, as histórias em que foi herói ou vítima, sucedâneos lógicos e reabilitadores para a sua desilusão e frustração. Sucédâneos psicológicos e morais de efeito negativo, mas que em todo o caso servem e se acomodam bem com o temperamento e a sua conduta. "Arigó" é um homem marcado", disse-me um deles. "Ser arigó nesta terra é preciso ser um cabra valente e resolvido senão acabam dando na cara dele". "Homem marcado", que para o imigrante corporifica a reação que sentiu por parte dos naturais da terra, dos "jaraquis" do bairro. Um outro arigó cearense disse-me que para viver nesta terra teria que "virar socó". Socó é um pássaro do Nordeste que só se alimenta de peixe. *Virar socó*, portanto, seria abandonar o seu regime econômico, psicológico e dietético de rapadura e carne de sol pelo nosso regime de economia destrutiva, pioneira e cruel, pelo nosso espírito de exploração sem amor à terra, e pela nossa alimentação de comedores de peixe. Se adotasse ou aceitasse essas formas diferentes e contrárias ao seu tradicional viver, o *arigó* viraria de fato um "socó", um "jaraqui". Por isso a expressão do imigrante é certíssima e concordamos inteiramente com ela. Contra essa assimilação, o flagelado ou imigrante de ontem e o arigó de hoje se armam de unhas e dentes. Unhas e dentes que vão resultar nesses casos diários de polícia. Reação que não fica só no seu estado de espírito que se quer conservar imune a tôdas as ingerências e adaptações rápidas ao meio. Reação psicológica que o faz andar armado com sua peixeira de lado, com medo de uma agressão que pode vir sem esperar. Agressão, aliás, que êle acaba provocando e explodindo nos seus recalques de desesperado. Os jornais noticiam diariamente o fato aqui apontado. É comum ler-se um tópico como êste: "Pelo subdelegado da polícia de Constantinópolis, foram apreendidas, ontem, 7 facas peixeiras e uma navalha, a arigós valentes daquele bairro". "Peixeiras" e navalhas para conservar a sua atitude e o seu comportamento fiel a si mesmo. Comportamento-arigó que já caracterizamos. Não é outra coisa. Um caboclo da terra, com quem conversei sobre a valentia do arigó, declarou-me que a primeira coisa que o imigrante deixa de usar quando se amansa é a sua pajeúba. "Peixeira" e pajeúba que nesse caso representam o espírito de rebeldia e de defesa contra as possíveis intromissões e reações do meio em sua vida. O arigó é, portanto, um homem marcado e armado. Marcado pela reação dos naturais da cidade que olham com soberano desprezo o seu nôvo competidor. Desprezo e competição que fazem alargar o significado do termo para abranger outra classe de indivíduos arrivistas e recém-chegados. Ser arigó é, por isso, ser um homem marcado, na expressão certa do imigrante. Homem marcado, econômica e socialmente marcado pela competição, pelo desprezo do subúrbio ou da cidade. Homem armado econômica, psicológica e fisicamente para enfrentar a rivalidade, a competição e a própria situação de rebelde às formas amazônicas de viver e trabalhar. Formas e concepções que só a muito custo e sacrifício adquirem e se ajustam com perda sensível de sua capacidade de resistência e de sua couraça psicológica de valentões.

No ciclo migratório atual, pela primeira vez, assistimos a uma experiência totalmente nova e desconhecida. A experiência de adaptação e assimilação urbana do imigrante que chega hoje com intuídos de morar na cidade. Antigamente, nas migrações dos outros tempos, a cidade era a última fase que o "cearense" enfrentava na sua carreira de imigrante. Experiência e *test* urbano posterior a uma vida rural que quase o absorvia e o identificava à terra. Quando vinham à cidade já eram elementos social e economicamente identificados, cuja aspereza e dureza inicial se abrandara por via de sua domesticação nos seringais dos altos ou dos baixos rios. Domesticação e amansamento que o deixava apto para o convívio sem conflito na cidade. Fase urbana essa que geralmente surgia quando a crise apontava e como o último recurso para restabelecer a sua saúde

arruinada ou para gozar e esbanjar o seu saldo e passar as férias da "entressafra" na capital. "Entressafra" que compensava os aperreios e a solidão amarga de uma vida sem mulher, sem alegria e sem movimento. Hoje, ao contrário, os arigós estão se deixando ficar pela cidade ou voltam logo do interior sem adquirir a experiência necessária que o transformaria de pronto. A cidade assim terá que debastar e tolher os seus excessos de vitalidade e energia; a sua valentia com razão de ser; a sua inquietação aventureira sem possibilidades de expansão; o seu desgosto resultante de uma desilusão que não esperava; a sua falta de experiência para o convívio e para a sociedade de gente desconhecida; o seu orgulho de se sentir homem importante para poder com a polícia. Brigalhão, valentão, pau-d'água inveterado, desordeiro, arruaceiro. Traços e adjetivos êsses que o povo conhece e aproveita para uma leve reação. Conflitos que são resultados e experiências para um caminho de acomodação e conciliamento com a vida e o povo da cidade. Arigós de tôdas as espécies e profissões estão se deixando assim ficar na cidade. Não somente os "artistas", cuja tendência urbana já foi por demais estudada e conhecida. Sertanejos e agricultores do sertão e do interior. Operários e elementos sem profissão nem classificação; vagabundos, malandros e moleques das capitais e das cidades; empregados e trabalhadores. Elementos êsses todos que as nossas cidades terão que absorver e assimilar a todo custo, com ou sem sacrifício. Os primeiros, os "artistas", pela natureza de sua profissão e pela falta de operários especializados são os mais fáceis de serem absorvidos. Tendência que também já não é de hoje. Em 1854 o Presidente Conselheiro Herculano Ferreira Pena, da Província do Amazonas, na sua Fala declarou: "Afirmam-me algumas pessoas que em certas províncias, e principalmente no Ceará, não faltarão carpinteiros, pedreiros e ferreiros nacionais que queiram vir aqui residir, como já vieram alguns para a capital do Pará. (6) Operário disputado e adulado, o "artista", com a sua consciência profissional e a sua estabilidade de situação, não sofrerá nada com essa transplantação, porque já é um elemento acostumado na cidade. A sua rebeldia não se fará em termos econômicos. Se houver, falará apenas em termos psicológicos, quando muito. Psicologia para uma acomodação que mais tarde ou mais cedo será fatal e lógica. Agora, quem vai sofrer mais com a sua experiência urbana, logo de começo, é o elemento agricultor e criador do sertão e da mata, acostumado, um me disse, "viciado na agricultura", outro respondeu, "viciado no cavalo e no trato das fazendas" "Vício" sinônimo de apêgo e enraizamento às formas econômicas de viver e trabalhar. Por isso êle não se conforma com a nossa "montaria de pau", com a "inquisição da canoa e da água que não deixa a gente andar", com essa história de "virar socó", comedor de "jaraqui", de viver como peixe "debaixo d'água" na época da alagação. Êsses fatos observei bem, porque convivi e conversei quase que diariamente com dezenas de arigós moradores na área do Aeroporto da Panair, onde se acham localizados os seus "ninhos". Em frente tem a Serraria dos Pereira, cujos operários são exclusivamente arigós. Os operários do bairro abandonaram completamente o trabalho nessa Serraria com a invasão inesperada do imigrante. De forma que ficou sendo uma área econômica onde quem manda não é o dono da terra, mas o arigó promovido a rei e senhor. Observe-se, nas fotografias do nosso documentário, a "pôse" dêsse arigó fumando o seu cachimbo com ares de dono e de importância. Não é outra atitude que mantém para com os outros habitantes desta rua. Uma área economicamente sob o controle arigó. Não só economicamente controlada. Também socialmente controlada. Não só socialmente sob controle. Também estratégica e geograficamente à sua disposição. Os me-

(6) Fala dirigida à Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas pelo Presidente Herculano Ferreira Pena. 1-8-1854 — pág. 278 — vol. I — Relatórios da Presidência da Província.

lhores pontos para fazer comércio, para estabelecer uma quitanda ou uma petisqueira na Estrada, na esquina da rua, num lugar comercialmente privilegiado, está o arigó explorando e mudando. Um tipo que chegou e venceu. Sòmente não invadiu a parte tradicional do bairro dos "aristocratas" do subúrbio, que está em perigo também de ser ameaçada diretamente pela invasão arigó. Educandos hoje em dia é um bairro que está em pleno e febril desenvolvimento. Eles mesmos sentem isso e proclamam abertamente que o progresso na Estrada se deve a êle. Cada dia novas áreas da cidade vão sendo invadidas. Areas e modos de viver e de ganhar a vida. Dentro em pouco não será arigó sòmente a Serraria dos Pereira, ponto de apoio inicial para a sua expansão. Não será arigó sòmente a Estrada de Constantinópolis que lhes deu o contròle estratégico do caminho por terra para a cidade, pondo dessa forma o povo do bairro geograficamente sob o seu contròle econômico. A própria cidade de Manaus, sentirá e hoje já está sentindo a sua influência mais perto. Zonas e atividades econômicas estão ficando sob seu contròle, como a do "atravesador" que compra dos roceiros e revende na beira da praia, vendedores ambulantes de verduras, legumes e frutas, peixeiros de tabuleiro na cabeça, carvoeiros de sacas de carvão nas costas à moda amazonense, quitandeiros das esquinas, carregadores e estivadores do pôrto, soldados de Polícia, que, aliás, foi a primeira área sob o contròle-arigó, artifices e operários de tóda a sorte, alfaiates e carpinteiros, pintores e pedreiros, artesãos e "artistas" economicamente vitoriosos. Um primeiro passo para uma dominação mais forte e tenaz. A nova experiência imigrante que o arigó trouxe para a cidade. Um contrapêso para corrigir a sua inquietação excessiva e equilibrar a sua psicologia-trampolim. Tudo leva a acreditar que o arigó é um tipo e uma criação urbana, para o imigrante que vive na cidade. Quem nos sugeriu isso foi um arigó que estêve no interior trabalhando alguns meses num seringal do Purus. Quando lhe perguntei a origem do têrmo arigó êle me disse: "Não sei quantos apelidos já botaram na gente. Quando a gente se alistou era "soldado da borracha". Em Iguatu o povo começou a nos chamar de arigó. Arigó nos chamaram em tóda a parte do caminho até Manaus. Daqui para cima nós deixamos de ser arigó e viramos "brabo". No seringal onde eu trabalhava, só me chamavam de "brabo". O "arigó" vem ser assim o imigrante que se urbanizou e se deixou ficar na cidade, e "brabo" o outro imigrante mais corajoso, mais audaz que foi para o interior à procura de um destino melhor, mais em acôrdo com a sua paisagem doméstica e a sua geografia psicológica. "Arigós" e "brabos". Artistas e sertanejos, Mascates e seringueiros. Aventura e necessidade.

Para concluir esboçamos a seguir um perfil social e psicológico do arigó:

- psicologia de aventura em têrmos de geografia excitante e arrebatadora: — "Eu vim conhecer o Amazonas" — um cearense;
- desenraizamento rural e agrícola pela influência dos "boatos" e do "anúncio": — "Eu não aguentei a influência": — um paraibano;
- mobilidade urbana de artistas e operários em busca de uma "chance" para a sua arte: — "A minha arte vale como ouro" — um rio-grandense da capital;
- nomadismo geográfico para satisfazer o seu instinto aventureiro de correrias: — "Vim bolar êsses mundos": — José Francisco de Sales — "Arigó from Brooklin", N.Y. U.S.A.;
- psicologia-cigana de chegar-ver-e-voltar. Geografia para os olhos e não economia para os bolsos: — "Não vim para trabalhar" — um carioca;

- comportamento psicológico e moral relaxado por via de fracasso e desprezo: — “Bebedeira em Constantinópolis é mato”: — um arigó pernambucano;
- conflitos de acomodação para afogar o desespero e o orgulho: — “A rua é o teatro de sua valentia” — crônica de um arigó paraibano;
- caracteres psicológicos, econômicos e morais do arigó: — “sem residência, sem profissão, vagabundo-mor, valentão e pau-d’água inveterado”: — a crônica policial de um imigrante sem lei.
- O retrato-arigó-bêbado, valente, brigalhão e farrista: — sucedâneos psicológicos e morais de compensação;
- “Arigó” — homem marcado e armado. A reação do “jaraqui” da terra responde ao seu controle econômico e social em progresso;
- Arigó — “ave de arribação”, “anjo do céu”, “santo-desordeiro, milagroso e valentão”, “soldado da borracha” — o apelido, caricatura e perfil do nôvo imigrante.

## VIII. O INQUÉRITO — CRÍTICA E EXPOSIÇÃO DOS DADOS

O inquérito como método de pesquisa e a entrevista como processo de investigação foram os nossos dois maiores auxiliares na coleta das informações e dos dados necessários à compreensão, análise e interpretação das atitudes, comportamentos e conduta do imigrante em relação aos mais diversos fatores e influências. Fatores e influências que nos foram revelados no decorrer das entrevistas orais realizadas contínua e diariamente com o imigrante que chegava e partia. O nosso trabalho consistia em captar a confiança do imigrante, estimular a sua curiosidade através de histórias e fatos que lhe interessassem, argüi-lo de um modo que não suspeitassem que estava sendo interrogado pelo processo do "give and take" e por fim ouvi-lo atentamente. Com êsse intuito organizamos um questionário breve e fácil, seguindo o conselho de Enid Smith, pesquisadora norte-americana que atribui o sucesso de uma entrevista sociológica às perguntas simples e expressivas. "Questionnaires "brief" but covering information desired, simple enough to be understood not ambiguous but specific, in acceptable language, and arranged so that the answers can be made, if possible, by checking". (1)

A entrevista como processo de investigação sociológica difere profundamente do outro tipo de entrevista de interesse jornalístico. Enquanto que o repórter colhe as informações e os dados em função do sensacionalismo e da novidade para o seu jornal, o pesquisador colhe as informações e os dados como base e referências para o seu estudo. A entrevista oral é a mais aconselhada e a mais espontânea para apanhar a mentalidade e as reações do entrevistado nesses casos. No entanto a técnica e o manejo da entrevista podem dar lugar a possíveis erros que foram estudados na magnífica tese de Twilla Neely sobre o "Error in the Interview". Erros êsses que podem advir tanto da parte do entrevistante como do entrevistado. Distorsão dos fatos narrados devido à dificuldade de memorização da entrevista. Falta de habilidade do entrevistante em formular a pergunta e em manter o entrevistado à vontade. Falsificação devido ao orgulho pessoal ou de família. (2) Erros e dificuldades êsses que foram vencidos graças à facilidade com que o cearense se deixa entrevistar, sem necessidade de uma apresentação que seria prejudicial para o êxito e sucesso dos resultados.

A princípio o trabalho foi selecionar as perguntas que íamos dirigir ao imigrante. Que deveríamos perguntar? Que queríamos saber? A linguagem devia ser a mais clara e precisa, para não dar lugar a dificul-

(1) A Study for Twenty-five adolescent Unmarried Mothers in New York City — Enid Severy Smith — U. Y. 1935 — pág. 31.

(2) A Study of Error in the interview — Twilla E. Neely — Columbia University, 1937 — pág. 19.

dades nas respostas e ambigüidades nas respostas. Sempre levamos em consideração o nível de inteligência e educação do imigrante. Aliás, em questão de inteligência, surpreendemos no cearense uma capacidade incommon de compreensão das coisas, uma notável imaginação e uma espirotuosidade sem par. Muitas vézes, as suas expressões curtas e certas eram o bastante para confirmar tôda uma tese e sugerir outros temas e influências ainda não suspeitadas. Daí a razão de têrmos empregado a sua gíria largamente. Alguém poderá até desacreditar que algumas expressões tenham sido mesmo do imigrante, mas o que ouvimos foi o que registramos fielmente, sem distorsões nem contribuições pessoais.

Não escolhemos tipos para as nossas entrevistas. Acreditamos que durante êstes 10 meses consecutivos de trabalho de campo, tenham passado por nossas mãos mais de uma centena de imigrantes de todos os tipos, idades, profissões e tendências. E confesso que nunca vi uma tão grande variedade de tipos e personagens já estudados. Crentes místicos, crédulos, beatos, desertores, iludidos, transumantes, ambiciosos, românticos, aventureiros, trabalhadores, fatalistas, malandros, valentes, patriarcas, agricultores, vaqueiros, artistas, brabos, mansos, paroaras, vagabundos e arigós. O ABC do imigrante. Uma variedade psicológica impressionante. Alguns tipos e caracteres eram mais freqüentes que outros. Mas nem por isso deixaram também de ser entrevistados. A necessidade, a ambição e aventura eram na maioria dos casos os motivos que os impulsionavam e o faziam imigrante. Havia os desertores, os desiludidos que vinham para morrer — “eu do Acre não escapo, eu me acabo mesmo por lá”. Geralmente êsses eram exceções, vítimas de um grande infortúnio que os atingira. No entanto, a maioria dêles se constituía de uma gente rebelde, inconformada e desejosa de mudar de situação e fazer fortuna.

Não devíamos, nem por isso, abusar dessa inteligência privilegiada. As perguntas eram as mais claras possíveis e bastante acessíveis. Não tínhamos uma forma fixa. À medida que fomos tomando contato com o homem, algumas foram sendo desprezadas e acrescidas, outras sugeridas por êles mesmos. De forma que o plano primitivo muito extenso e cansativo, de mais de 25 perguntas, alterou-se profundamente. Fomos obrigados a cancelar o supérfluo, o que o imigrante não estava em condições de responder, como por exemplo “Qual a sua impressão sôbre o Amazonas?”, muito retórico e que foi logo prejudicado, assim como “acha a terra esquisita?”, porque ia logo entrando de chofre na questão, sugerindo logo a resposta afirmativa. Preferimos então chegar ao objetivo, desejado, por perguntas indiretas, de “tabela”

As entrevistas nunca passaram de uma hora no máximo, pois temíamos a saturação do espirito do imigrante que, enfadado, não nos respondesse direito. Para amenizar a conversa distraíamos com histórias conhecidas dos velhos tempos, ensinamentos úteis, para logo após recommçarmos o trabalho, de forma a não dar a impressão de que o estávamos interrogando, impressão sempre prejudicial. Assim, dêsse jeito, conseguimos construir a nossa ficha de perguntas, firmar os nossos objetivos e prosseguir no trabalho. Sem oferecer rigidez de sucessão, mas dando sempre que possível, a preferência para essa ordem, organizamos, afinal, depois de um longo período de provas e contraprovas, submetidas a uma intensa experimentação no campo, as 12 perguntas seguintes, que constituíram, a bem dizer, o motivo central dêsse nosso inquérito. Todo o material que aqui foi recolhido, provém direta ou indiretamente, do resultado obtido com as respostas.

- 1) Nome e lugar onde morava.
- 2) Profissão. Qual era o seu trabalho?





*Qual era o seu trabalho?*

Este quesito tinha uma importância inestimável pois é justamente o que vai classificar o imigrante nas suas atividades profissionais:

Agricultores .. .. .	30
Artistas .. .. .	8
Criadores .. .. .	3
Vaqueiros .. .. .	2
Empregados .. .. .	4
Negociantes .. .. .	2
Sem profissão definida .. .. .	6
	—
Total .. .. .	55

Pelo que vemos, é o agricultor o que mais emigra. O mais atingido pela seca. O mais pobre e infeliz. Geralmente vem por necessidade. Pega a influência na cidade, nas "concentrações". Poucos são os que vêm de "bonito". Raros são os que pretendem continuar nesse regime. A seringa os atrai e os ilude. Eles não vêm para mudar de destino. O sertão fica sendo a terra eleita, só ela se presta para a agricultura. O Amazonas só presta para se ganhar dinheiro e arribar com os recursos. O "artista" da capital já é diferente. Requeria um estudo especial à parte. Notamos em todos os entrevistados dessa espécie, uma notável consciência profissional: "sou artista, dou valor à minha arte" era a resposta comum. O vaqueiro é o tipo mais resistente. Mais nobre. Com classificação e em condições de mobilidade vertical muito boas. Emigra pouco. Não encontrei, a bem dizer, um vaqueiro típico daqueles que "tirasse sorte" e tomasse conta de gado. Eram sempre agregados de fazendas ou então criadores. Estes não pretendiam abandonar o sistema de vida que levavam no sertão. Um estava aqui por perseguição e o outro por desgosto e necessidade. Antônio Ribeiro da Mota, criador em Jaguaribe-Mirim, confessou-me que viera para a seringa mas o "seu destino era criar gado". Havia também os pequenos negociantes, os empregados de comércio, tipos que se assemelham em qualquer parte que se encontrem. Os que não tinham profissão definida por viverem constantemente mudando de ofício foram classificados à parte. Achemos que não devíamos abrir uma classificação separada para os aventureiros, pois não o eram de profissão e sim por uma necessidade de movimentação psicológica. Quando paravam eram bons trabalhadores, mas "quando desamarravam o pé" não havia breque que desse jeito.

De um modo geral, eram agricultores desenraizados, vaqueiros desiludidos, artistas desempregados, todos influenciados pela vontade de andar, de conhecer o mundo e de ganhar dinheiro.

*É solteiro? Se casado trouxe família? Veio sozinho?*

Como já vimos isso no capítulo dedicado exclusivamente à influência da família e da mulher sobre a vida do imigrante, torna-se desnecessário encarecer a utilidade e a necessidade desta pergunta. As 48 respostas que obtivemos, estavam assim distribuídas:

Casados .. .. .	34
Solteiros .. .. .	14
	—
Total .. .. .	48

Todos os casados vieram acompanhados com suas respectivas famílias. Quase sempre vinham por necessidade, a influência quase não os

atingia, ao contrário dos solteiros onde vamos encontrar o maior número de imigrantes aventureiros e iludidos com as riquezas da terra. Já vimos o papel da mulher e da família no destino do imigrante. Dá-lhe responsabilidade e obrigação. É um fator de fixação quando bem orientado, mas também pode ser um estímulo de inadaptação por via do infortúnio ou desilusão. Entre os casados, era claro o desejo de trabalhar mais tempo e de voltar somente quando pudessem se estabelecer economicamente na sua terra.

*Por que veio? Viria sem a sêca?*

Esta pergunta foi dirigida com o objetivo de apanhar as origens da formação da atitude imigrantista do cearense. Este tem uma tendência de responder logo, que “veio mode a sêca”. Mas se demormos mais um pouco, vamos ver que a maioria não veio tanto por ela. Muitos até deixaram bastantes recursos na sua terra. No entanto ela não deixa de ser fator originário por excelência. Dá motivo para que o sertanejo pense em emigrar. O esforço em vão, o viver sempre começando, sempre pobre, sem futuro, contribuiu poderosamente para esse fim. A seringa chama com os boatos de 20.000 e o pessoal fica todo delirando “mode vir”. O “burburinho”, “animação”, “boato”, a “moda”, o resto. E ao lado disso, fatores psicológicos mexendo os pés e a vontade, estimulando o desejo de conhecer outras terras, de bolar pelo mundo afora. Tudo isso se junta com a fama, o “farol” da terra, a necessidade, a falta de recurso, o desemprego, a vontade de andar e ver horizontes fechados — “Ver de perto para contar de certo” — dá, no final, a movimentação migratória do grupo nordestino para o povoamento da Amazônia. Vejamos a distribuição dos entrevistados, segundo os motivos emigratórios confessados:

Enxotados pela sêca .....	12
Atraídos pela seringa .....	11
Arrebatados pela influência .....	22
	—
Total .....	45

Por aqui vemos como as causas psicológicas são também fatores decisivos na formação do imigrante. Não se pode no entanto dizer que um certo imigrante veio por imperativo exclusivo de uma dessas três causas. Elas se interpenetram, interagem constantemente. É mais comum depois de um certo tempo de conversa eles confessarem a influência que os animou para vir, embora a indigência de terra a isso os obrigasse, até nos mais intransigentes. A promessa fabulosa da seringa do outro lado, faz o resto. Não há quem resista. O que vemos mais comumente é a contribuição dessas três correntes geográfica, psicológica e econômica num conjunto que em última análise é a própria razão de ser do imigrante. Não há como fugir a essas causas. Umás mais fortes que as outras. Varia a intensidade mas persiste a tensão. O critério que adotamos foi o da preponderância. Quando um fator influenciava mais que o outro incluíamos o imigrante neste rol, de forma a poder chegar ao resultado acima exposto.

*O que é melhor: inverno ou borracha?*

Esta pergunta invariavelmente, foi respondida optando pelo inverno quando nos dirigíamos a um brabo. Quando pretendiam a borracha podia escrever que se tratava de um manso. Compreende-se facilmente que assim seja. Em tempo de inverno no Ceará, não há terra mais feliz nem mais farta enquanto que o Amazonas com todo o preço da seringa é “uma

terra muito penosa". Uma terra para se viver, para se passear, a outra é para se ganhar dinheiro, para se enriquecer. Mesmo os que optaram pela borracha, o faziam com restrições: "a borracha por esse preço se tendo saúde, é melhor que inverno na minha terra". Os que elegem o inverno também contam as suas queixas: "de que serve o inverno se um dia a seca vem e a gente perde tudo". Ou então ironizando: "não há terra mais feliz que o Ceará no inverno. O diabo é que um ano só faz verão e no outro não há inverno". Com esta pergunta nós pretendíamos apanhar a distância que possivelmente eles pudessem guardar entre ser agricultor e ser seringueiro. Todos pensavam "experimentar" a seringa mas a sua preferência caía inevitavelmente sobre o inverno, estação propícia aos trabalhos agrícolas e de campo. O resultado das respostas foi o seguinte:

Preferiam o inverno .....	38
Preferiam a borracha .....	7
Total .....	45

Por aí se tira o vínculo de afeição do sertanejo à sua terra. Esses 38 que assim responderam, eram todos "brabos". A sua preferência não dá dúvida: "Se tivesse inverno vinha o quê? Podia estar a borracha pelo preço que estivesse". Creio que isso não seja a expressão fiel da verdade, pois, mais adiante, no decorrer da entrevista, era fatal o homem contradizer-se, quando se referia à influência de vir para o Amazonas. Todos os outros 7 que responderam preferindo a borracha, eram velhos conhecedores do Amazonas em tempos idos. "Com o preço que a borracha está não há inverno que se compare. É só chegar e enriquecer". A desilusão da luta, o esforço fracassado, o trabalho sem recompensa são os responsáveis por essa mudança. O cearense que já viveu no Amazonas, mais tarde ou mais cedo volta para o seu seringal. "Quem se habitua a viver alimentado do seu leite, não se acostuma mais a outro qualquer serviço"... Todos esses 7 vieram para ficar de uma vez. Estavam cansados de viver sempre começando e apanhando sempre. O Acre novamente era o seu destino.

O outro item desse quesito — "Viria sem a seca" — obteve quase por parte de todos, uma negativa categórica. Apenas 3 responderam pela afirmativa. Eram os que tinham vindo por desgosto, por fracasso ou por vergonha. Vinham para apagar e esquecer as suas faltas. A Amazônia para eles se afigurava um vasto purgatório.

*Algum dia pensou em vir para cá?*

Tivemos a intenção de acompanhar na "história da vida" do cearense o número de vezes que pensou emigrar ou que efetivamente emigrou. Muitos deles já tinham ido a São Paulo e ao Rio e vindo ao Amazonas, uma porção de vezes. Era comum encontrar-se um manso com três e quatro viagens. A maioria, no entanto, era composta de gente que nunca tinha emigrado embora vontade não faltasse. "Naquele tempo o governo não dava passage, modo a gente vir". A verdade é que quase todos os mansos dos velhos tempos estão voltando. Tenho falado com um grande número deles. Eles esclareceram-me muita coisa interessante que aqui já foi dita. Geralmente traziam a família toda — "Eu agora podendo arrastar o resto do meu pessoal, arrasto". Venderam as suas terras, abandonando assim o Ceará de uma vez. Os últimos laços que o prendiam foram partidos. Antônio Ribeiro nos disse o seguinte: "Agora não tenho nada mais a ver com o Ceará. Não deixei nada meu por lá também".

Esses "mansos" têm uma outra função muito importante que é preciso salientar. São os agentes e propagandistas das coisas da terra, os

verdadeiros “mestres em seringa” com a responsabilidade de transmitir aos “brabos” a técnica e a experiência adquirida em nossos seringais. Chegam mesmo a ter prestígio de conselheiro entre eles. Em redor de um “manso” agrupam-se os brabos a fazer perguntas e a pedir conselhos. São eles que encaminham o imigrante para o primeiro contato efetivo com a terra e têm mais tarde a responsabilidade de amansá-lo. Encontrei brabos que já sabiam, pelo menos teoricamente, tirar seringa e defumar o leite. Respondiam que tinha sido um manso que os ensinara.

Entre os entrevistados:

37 eram “brabos”.

18 eram “mansos”.

Por aí se vê necessidade de estimular a vinda destes últimos por serem elementos já acostumados nos nossos seringais e que, por isso, iriam produzir imediatamente, enquanto um brabo carece, pelo menos, de um ano para se acostumar com as febres e as doenças, que advêm inevitavelmente, para depois então vir o período de aprendizagem, durante o qual ele se transforma em “manso”, num elemento já aclimatado e pronto para a extração da borracha. Seria bastante útil que para abreviar esse tempo de adaptação, fossem contratados o maior número de mansos, os verdadeiros “técnicos em seringa” para ministrarem durante a viagem e nas hospedarias aulas práticas de seringa e lições práticas de vida amazônica, iniciando, desde cedo, o imigrante nos segredos da região. Naturalmente que para isso seriam escolhidos os mais inteligentes e hábeis, sob a direção de técnicos especializados.

*Gosta mais da cidade ou do mato?*

O imigrante invariavelmente procura seguir a linha que lhe ofereça maiores vantagens dentro do menor esforço de acomodação. Malgrado os contrastes de vida, guardadas as devidas proporções, para o sertanejo o mato oferece maiores possibilidades. Daí a preferência quase que certa por ele: “Eu sou do mato grosso. Gosto de viver no trancado”. “Ave-Maria de viver na cidade”. Já o artista, escolhe invariavelmente a capital para empregar a sua atividade: “Esse negócio de mato não é comigo, sempre fui artista graças a Deus. Eu não deixo a minha arte pela seringa”. Os dados obtidos foram os seguintes:

36 iam se internar no mato, rumo aos seringais.

10 preferiam viver na cidade por serem artistas.

O restante ainda não tinha resolvido sobre o destino a tomar. Por aí se tira que a maioria vem para a extração da seringa. Sendo atualmente uma necessidade de guerra a sua extração, é lógico que assim o seja. O governo mesmo a estimula. Raríssimos são os que pensam em fazer agricultura. Reproduzindo a sua expressão vêm “experimentar a seringa”. Isso nos leva a crer que o seringal para o imigrante que chega, serve de teste de experimentação, uma “prova de fogo” para a sua permanência: “vou ver se me ajeito com a seringa”. Caso contrário “boiará” o velho sentido agrícola adormecido, com a expressão: “Eu sou perdido pela agricultura. Agora vou prantar e criar Abandonei a seringa” — quando o cearense se desiludiu por fim. Ou então a rebeldia do inadaptado fará um recuo obrigatório. Nesse caso iremos ter o retorno ao sertão. Uma geografia: a do retrocesso. Um tipo: — o “Paroara”.

*Qual o seu destino?*

O imigrante traz sempre um destino na cabeça. Este é alguma coisa mais do que uma simples determinação de um objetivo a atingir. O destino não o larga, acompanha-o para toda a parte. Fala constantemente nêlo. "Não há nada que esbarre o meu destino. Eu vou para o Acre". Este possui uma força de atração nunca vista. Pensam que só o Acre é que tem seringa e que podem enricar. De forma que é uma felicidade para o imigrante quando arranja uma colocação por lá.

Segue-se a distribuição dos entrevistados, de acôrdo com os seus destinos:

Acre . . . . .	27
Juruá . . . . .	7
Purus . . . . .	5
Madeira . . . . .	4
Solimões . . . . .	2
Manaus . . . . .	10
Total . . . . .	55

Por aí se pode notar, mesmo num número tão pequeno, a preferência do imigrante pelo Acre. A busca aos altos rios, torna-se assim uma realidade, tanto ontem como hoje.

*Quando pretende voltar?*

Não há a bem dizer um imigrante que não pense em voltar. Raríssimos são aquêles que disseram que iam "virar pedra". Os próprios mansos não se esqueciam de dar "um passeio pelo Ceará" quando arranjasse uns recursos. A maior parte pensava em voltar logo que pudesse, para recomeçar a vida interrompida aqui. Chegar hoje, enricar amanhã, voltar depois. O sertão conserva-se nesses momentos de chegada irreconciliável com o seu nôvo destino. A sua permanência ou não, só se poderá decidir por circunstâncias especiais que não nos é dado advinhar. Além do mais o que foi dito neste trabalho, refere-se apenas, aos primeiros contatos do imigrante no momento de sua chegada, quando o sertão está bolindo na sua cabeça e ainda não deixou de ter raízes fundas, a lembrança da terra lhe bate no peito, o convívio lhe acena de longe. A seringa tem que brincar de "cabo de guerra" com tudo isso. A imaginação do imigrante fica nesse vaivém: "Estou arrependido de ter vindo". "Ceará desta vez não me vê mais". "Quero morrer no enxuto do meu cemitério". "Vim para enterrar os meus ossos nos barrancos do Acre". Daí os contrastes:

— *Desesperados*: "Se me dessem passagem voltava mesmo que fôsse para morrer no mesmo dia que chegasse. Eu, não posso viver sem a minha gente: — Prefiro morrer de fome na minha terra". — Antônia Ferreira, da Paraíba.

— *Arrependidos*: "Toma cuidado minha filha que quando a cabeça não pensa o corpo é que padece". — Maria Otávia, da Paraíba.

— *Flagelados*: "Sofri tanto que se eu morrer minha alma não terá vergonha se voltar ao Ceará".

— *Magoados*: "A ferida sara mas a dor fica" — Francisco de Almeida, de Fortaleza.

— *Obedientes*: "Eu vou seguindo o conselho do meu pai: Quando mais para cima melhor, vai para o Acre, meu filho". — José Pereira, de Lavras.

Vieram para voltar: 28 — “Eu não aguento muito tempo aqui. Tenho uma saudade danada do meu sertão. Não me larga a imaginação”.

Vieram para ficar: 18 — “Desta vez acho que vou virar pedra no Acre. Estou cansado de andar bolando de um lado para o outro”.

Já estavam arrependidos: 9 — “Quem me dera que eu pudesse voltar”.

A maioria no entanto entrega a sua vida ao destino inexorável: “Agora só volto quando o destino permitir e a sorte também”.

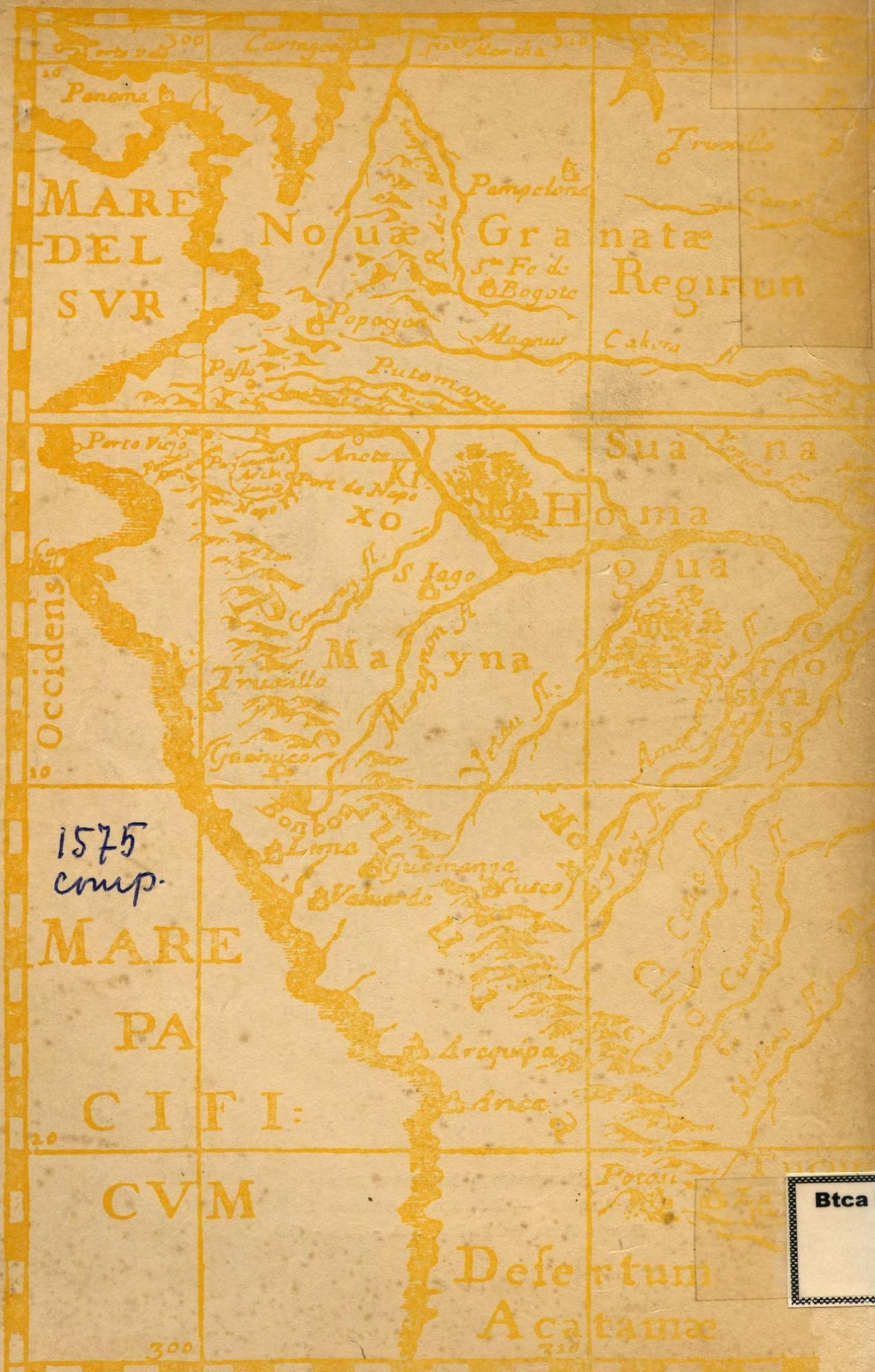
---

Chegamos ao fim da tentativa de documentar a atual fase do complexo problema do imigrante cearense, novamente em marcha para a Amazônia. Nosso principal objetivo foi retratar, através do inquerito e da entrevista sociológica, traços, perfis, idéias, caracteres e sentimentos do cearense imigrante ao chegar na Amazônia, reproduzindo tanto quando possível, a sua linguagem colorida e a sua maneira tôda especial de falar e de dizer as coisas. Por isso fomos obrigados a utilizar largamente da sua gíria. Nela reside a sua fôrça de expressão. Jamais sacrificamos assim uma frase de rico significado sociológico, embora bárbara, por uma conveniência gramatical ou de estilo.

Seguem uns instantâneos que conseguimos apanhar. Embora não possuam nenhum interêsse artístico, valem para efeito de documentário. Muitas vêzes uma fotografia vale tanto quanto uma página. Assim como um mapa orienta a descrição de um tipo. São sínteses que fixam a imagem na retina permitindo a caracterização em câmara lenta de gestos observados em movimento. Tomemos, por exemplo, um dêsse instantâneos. Veja-se êsse sertanejo de Canindé, um dos tipos de cearense bravateiro “que faz-e-acontece”, que promete tirar muito couro de onça e muito dente de jacaré... com o seu jeitão muito expressivo. Repare agora naquele outro tipo de sertanejo de Baturité. Mostra um jeito patriarcal e trabalhador. Foi um dos que vieram “mode a sêca” e por isso está acompanhado de sua mulher e filhos. Observe-se ainda a diferenciação fisionômica dêsse agricultor para aquêle outro vaqueiro de Santa Quitéria, um daqueles que não fretava a sua liberdade por nada dêste mundo. E também aquêle outro arigó, com ares de senhor. Tudo isso ajuda muito a compreensão dos temas aqui expostos ou pelo menos ilustra. Não esquecemos também o passado. Olhe-se êsse cearense desiludido à margem do Solimões. Ele abandonou a seringa para se dedicar à agricultura como tantos outros. A cearense “velha de guerra” que aparece, é uma das raras sobreviventes do drama da conquista. Com todo o pêso de seus 56 anos, sòmente vividos na Amazônia, não deixou ainda de ser uma imagem vivíssima do sertão. Mais além, um grupo de imigrantes cismando à espera de seus destinos.



Composto e impresso pela  
EDIGRAF — Editôra e Gráfica Ltda.  
Praça Cruz Vermelha, 3-A - Rio - GB.



MARE  
DEL  
SVR

No u a e      G r a n a t a e  
R e g i n u m

Occidens

1575  
comp.

MARE  
PACIFICI  
CVM

Desertum  
Acatainae

Btca



# AMAZONAS

GOVERNO DO ESTADO

## Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98).

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

## Contato

E-mail: [acervodigitalsec@gmail.com](mailto:acervodigitalsec@gmail.com)

